



## PACOTE

# MUDANÇAS NO CRÉDITO RURAL

*Medidas do governo para área agrícola não correspondem às expectativas dos produtores. Reconhecem, no entanto, que elas trouxeram um pouco de fôlego para o setor*

Página 4

## MEOTTI

*Como estabelecer uma política agrícola real para o país*

Página 6



A produção foi armazenada a céu aberto

## ARMAZENAGEM

# *Plástico, a solução para a safra do MS*

Páginas 8 e 9



A tradicional festa de Blicaco

## IV FENAMATE

# *Valorização da erva e da economia gaúcha*

Páginas centrais

## SEGURO RURAL

# *Um projeto para estimular a produção diversificada*

Última página

**COOPERATIVA REGIONAL TRITICOLA SERRANA LTDA.**



Rua das Chácaras, 1513 Cx. Postal 111  
Ijuí, RS - Fone: PABX (055) 332-2400  
Telex: 0552199  
CGC ICM 065/0007700  
Inscr. INCRA N° 248/73  
CGC MF 90.726.506/0001-75

**ADMINISTRAÇÃO DIRETORIA EXECUTIVA**

Presidente:  
Oswaldo Olmiro Meotti  
Vice-presidente/Pioneira:  
Celso Bolívar Sperotto  
Superintendente/Pioneira:  
Antoninho Boiarski Lopes  
Vice-presidente/Dom Pedrito:  
Tânio José Bandeira  
Superintendente/Dom Pedrito:  
Oscar Vicente Silva  
Vice/MS:

Nedy Rodrigues Borges  
Superintendente/MS:  
Lotário Beckert

**Conselho de Administração (Efetivos):**  
Luiz Neri Beschornier, Oscar Otto Hoerle, Euclides Marino Gabbi, Antônio Bandeira, Ido Max Weiller, Paulino Ângelo Rosa, Irani dos Santos Amaral, João Santos da Luz, Luiz Parizotto, Remi Bruno Eidt, Krijn Wielemaker, Ivo Vicente Basso, Paulino Stragliotto, Vagner Monteiro Sá, Oscar Vicente Silva, Suleiman Guimarães Hias e Ademar Luiz Comin.

**Suplentes:**  
José Ataídes Conceição, Pedro Giotto, Cláudio Luiz de Jesus, Emílio Uhde, Jorge Alberto Sperotto, Protasio Lottermann, Álvaro Rutili, Aquilino Bavaresco, Arnaldo Hermann, João Eberhardt, Mário Alberto Krüger, Cláudio Pradela, Noé da Silveira Peixoto, Omar Cunegatti, Florício Barreto, Leonildo Anor Potter e Cândido de Godói Dias.

**Conselho Fiscal (Efetivos):**  
Valter Luiz Driemeyer, Pedro Affonso Pereira, Valdeci Oli Martinelli

**Suplentes:**  
Jayme Wender, Antônio Cândido da Silva Neto, Realdo Cervi

**Diretores contratados:**  
Rui Polidoro Pinto, Orlando Romeu Etgeton, Ari Zimpel, Clóvis Roratto de Jesus, Vilmar Hendges, Paulo Roberto da Silva e Walter Frantz.

**Capacidade em Armazenagem:**

LOCAL	INSTALADA
Ijuí . . . . .	164.000 t
Ajuricaba . . . . .	33.000 t
Augusto Pestana . . . . .	33.000 t
Chiapetta . . . . .	60.000 t
Cel. Bicaco . . . . .	40.000 t
Sto. Augusto - Sede . . . . .	77.000 t
Sto. Augusto - Esq. Umbu . . . . .	50.000 t
Ten. Portela . . . . .	60.800 t
Jóia . . . . .	67.000 t
Rio Grande . . . . .	220.000 t
Dom Pedrito . . . . .	91.000 t
Maracaju - Sede . . . . .	65.000 t
Maracaju - Vista Alegre . . . . .	17.000 t
Sidrolândia . . . . .	52.000 t
Rio Brillante . . . . .	29.000 t
Dourados - Sede . . . . .	82.000 t
Itaum (Dourados) . . . . .	25.000 t
Indápolis (Dourados) . . . . .	17.000 t
Douradina . . . . .	17.000 t
Caarapó . . . . .	17.000 t
Ponta Porã - Posto Guaíba . . . . .	42.500 t
Ponta Porã . . . . .	29.000 t
Itaporã - Montese . . . . .	17.000 t
Campo Grande - Anhanduí . . . . .	17.000 t
Aral Moreira - Tagi . . . . .	17.000 t
Bonito . . . . .	17.000 t

**COTRIJORNAL**

Órgão de circulação dirigida ao quadro social, autoridades, universidades e técnicos do setor, no país e exterior.

Nossa tiragem: 15.000 exemplares

Associado da ABERJE



Associado da



**REDACÃO**

Dária C. Lemos de Brum Lucchese  
Carmem Rejane Pereira

**CORRESPONDENTES**

Mato Grosso: Carlos José Rupp Bindé  
Dom Pedrito: João Roberto Vasconcelos  
Porto Alegre: Raul Quevedo  
Composto no Jornal da Manhã de Ijuí e impresso no Jornal do Comércio, em Porto Alegre.

**AO LEITOR**

**Q**uem estava esperando grandes mudanças para a área agrícola, deve ter ficado bastante decepcionado com as medidas anunciadas pelo governo logo após a Páscoa. Em todo o caso, o governo decidiu conceder isenção da correção monetária nos empréstimos de investimentos para os pequenos produtores. O prazo da isenção vai até 30 de junho. O grande e o médio produtor estão sendo beneficiados pela metade. Vão pagar dentro deste mesmo prazo, apenas 50 por cento da correção monetária. Para os produtores, no entanto, embora reconheçam que essas medidas estão trazendo um pouco de fôlego para continuar produzindo, o governo apenas chutou para frente um problema e vão logo perguntando: como conseguir investir na agricultura com juros de 10 por cento e mais correção? Não bastassem essas

preocupações, os produtores, de momento, estão empenhados em fazer o governo entender que os VBCs e o preço precisam ser reajustados, nas páginas 4 e 5.

**A** tradicional Feira-Exposição Nacional da Erva-Mate, que se realiza a cada dois anos em Coronel Bicaco, ficou marcada neste ano da IV FENAMATE. Além das costumeiras exposições de ervateiros e artesanato, principalmente, a FENAMATE, foi porta-voz de uma importante reivindicação, a de que o governo do Estado incentive a cultura da erva-mate, através de crédito e assistência técnica, para que ela volte a fazer parte, realmente, da produção e cultura gaúcha. Este pedido é, ao mesmo tempo, indispensável para a realização de futuras Feiras. Páginas 12 e 13.

**DO LEITOR**

**A importância alimentar na velhice**

Na família moderna, que mora nas grandes ou pequenas cidades e até mesmo no campo, há falta de espaço e de tempo. Geralmente todos trabalham ou estudam, só voltando para casa para comer ou dormir. Neste caso, quando os avós moram com os filhos e netos, nem sempre conseguem receber uma boa assistência. Quando o idoso tem saúde, tudo fica bem mais fácil. Procura amigos ou ocupa-se com alguma atividade ou distração e não sente tanto a falta de convívio com os seus.

Alguns estudos realizados entre os idosos mostram que este grupo etário é o mais vulnerável à má nutrição. Ela pode definir-se como a condição em que a nutrição é deficiente em quantidade e qualidade. A maior parte das doenças crônicas, as enfermidades da velhice e o curto período de vida se deve a má nutrição. A obesidade resulta geralmente de hábitos errados de alimentação ao longo da vida.

A causa mais comum da má nutrição é uma dieta inadequada, na origem da qual se encontram várias outras causas:

- A pessoa idosa, que vive sozinha, não tem qualquer incentivo para cozinhar refeições apropriadas. Ela tem dificuldades em fazer compras, cozinhar e preparar os alimentos devido a sua incapacidade física, atacada, muitas vezes, pela artrose, reumatismos, postura, ou sequelas de outras enfermidades;

- O homem idoso, que vive sozinho, depois da morte da esposa, não consegue alimentar-se adequadamente;

- A depressão nos velhos pode provocar perda de apetite, o que leva a uma deterioração geral e a má nutrição;

- A pessoa idosa, que vive com pouco rendimento, não pode comprar os alimentos necessários e ignora possíveis auxílios financeiros oficiais;

- As comidas mais aconselháveis não são só mais caras, como exigem um preparo mais trabalhoso.

**NUTRIÇÃO EM GERIATRIA**

As necessidades nutricionais do idoso não diferem fundamentalmente das do adulto jovem. Como o processo de envelhecimento confere a cada grupo etário características peculiares, a nutrição em geriatria merece consideração. É necessário estabelecer as diferenças dos termos velho e envelhecimento. Velhas são as pessoas. Envelhecimento é um processo contínuo que começa no momento da concepção e só termina com a morte. Assim, nascimento, crescimento, maturação e senectude, são as etapas do processo de envelhecimento. No adulto, o processo de envelhecimento é mais lento e podemos reduzir ainda mais a velocidade em que ocorrem as alterações

inerentes ao processo. A duração de vida ativa pode ser prolongada pela prática de medidas sanitárias apropriadas.

Existem pessoas de idade cronológica avançada, mas jovens em aparência, atitude e estágio de processo biológico de envelhecimento. Quanto mais a pessoa envelhece, mais longa e complexa é sua história alimentar. Por isso, as variações do estado nutricional e das necessidades alimentares, tendem a ser maiores num grupo de adultos do que num grupo de jovens.

As recomendações nutricionais nesse grupo etário devem visar especialmente as necessidades individuais. Embora o organismo adulto esteja desenvolvido, sua alimentação básica deve fornecer ainda todos os nutrientes necessários à manutenção da estrutura corporal e funcionamento da máquina orgânica. A boa alimentação é apenas um dos hábitos que contribuem para manter a força e o vigor, e é praticada três vezes ao dia.

Os hábitos alimentares das pessoas idosas nem sempre coincidem com suas necessidades nutricionais: geralmente substituem uma dieta qualitativamente melhor pelo uso indiscriminado de complexos vitamínicos; as necessidades nutricionais se modificam de acordo com a idade e dependem do estado geral da saúde, do grau de atividade física, capacidade de mastigar, digerir e absorver os alimentos; as necessidades calóricas, às vezes, devem ser reduzidas ou aumentadas, caso o alimento ingerido não seja suficiente para atender as necessidades energéticas e nutricionais; como as necessidades proteicas não parecem diminuir com a idade, cada refeição deve conter uma quota determinada de proteína; as necessidades de cálcio do in-

divíduo idoso parecem ser idênticas às do adulto. Por essa razão, recomenda-se o leite e produtos lácticos e necessidades vitamínicas.

O planejamento de cardápios que atendam às necessidades das pessoas idosas traz problemas tão variados quanto as circunstâncias em que estas pessoas vivem. Mas seja quem for o responsável pelo planejamento e preparo de suas refeições, deve conhecer e respeitar os gostos do paciente, suas necessidades específicas e limitações.

Para a maioria das pessoas, o hábito talvez seja um dos maiores obstáculos para uma dieta adequada. Os hábitos das pessoas idosas são tão arraigados que é difícil mudá-los, a não ser que se facilite a mudança. Nunca é cedo demais para começarmos a pensar em melhorar nossas perspectivas de saúde para quando estivermos mais idosos.



Maria Joice Reck de Jesus é nutricionista e presta atendimento no Hospital Bom Pastor de Ijuí.

**CARTAS**

**SUGESTÕES**

"Recebi o Cotrijornal nº 143, de março do corrente ano, que como sempre aborda assuntos do mais alto interesse para o corpo associativo da nossa Cotrijuí.

Estranhei apenas que na reportagem da Assembléia do dia 27 de março último - páginas 12 e 13 - nada consta sobre os assuntos gerais abordados no final da reunião. Nessa oportunidade apresentei modesto trabalho visando estender ao corpo associativo certos benefícios existentes para outras classes, que não favorecem os associados da Cooperativa. Ao mesmo tempo, fiz uma sugestão para que fosse publicado no Cotrijornal o resumo comentado das atas de todas as reuniões que ocorressem nos Conselhos da Cooperativa". . .

**Hilnon Correia Leite**

Representante por Augusto Pestana Informamos ao sr. representante que realmente a matéria sobre a Assembléia Geral Ordinária enfoca apenas assuntos contidos na pauta da ordem do dia. Não abordamos as discussões levantadas no espaço reservado para assuntos gerais, por terem sido extensos demais e, também, por já terem sido tratados na reunião geral dos representantes, realizada na parte da manhã. Mas lembramos, no entanto, que todos os assuntos discutidos, estão registrados em ata - por sinal lida, aprovada e assinada pelos associados no final da Assembléia -. Os associados interessados em tomar conhecimento destas discussões, poderão procurar o representante da localidade ou a Secretaria Geral da Cotrijuí.

## Os gastos com o subsídio

O governo gastou, apenas durante o ano passado, um total de Cz\$ 31 bilhões como subsídio aos alimentos. O trigo, sozinho, abocanhou a maior parcela deste dinheiro, em torno de Cz\$ 18 bilhões. Os Cz\$ 13 bilhões restantes, foram gastos com o açúcar, o leite, a carne, o milho e o arroz. Mas se o governo gastou tanto assim, pouco foi o que conseguiu arrecadar de impostos na área agrícola, atingindo a insignificante quantia de Cz\$ 950 milhões. A previsão para este ano é de que a arrecadação neste setor fique ao redor de Cz\$ 1,8 bilhão, isso, caso se concretizem as projeções feitas pela Secretaria da Receita Federal de que o crescimento chegue a 194 por cento.

Segundo o Ministério da Agricultura, o responsável pela divulgação destes dados, o total arrecadado pelo governo na área agrícola, representa pouco mais de 0,26 por cento da receita tributária. Nesse ano, a Receita Federal espera arrecadar em torno de Cz\$ 700 bilhões, dos quais, Cz\$ 1,8 bilhão seria proveniente do setor rural.

Do total gasto com subsídio — Cz\$ 31 bilhões — apenas Cz\$ 9,2 bilhões foram aplicados em apoio aos produtores nacionais de açúcar, carne, arroz e leite. Os outros Cz\$ 21,8 bilhões foram gastos com produtos importados, como o trigo e milho.

Apenas para o açúcar, o governo destinou Cz\$ 3 bilhões como forma de equalizar o preço do produto das regiões norte e nordeste com a região centro-sul. Com o leite foram gastos Cz\$ 1 bilhão através da bonificação ao produtor. Apenas com a cobertura do ICM — Imposto sobre Circulação de Mercadorias — aos Estados produtores de carne, o governo gastou Cz\$ 2,2 bilhões. Com o milho a despesa ficou em Cz\$ 3 bilhões. Para o arroz foram destinados Cz\$ 3 bilhões. Só que estes gastos, no caso, ficaram por conta da absorção, pelo governo, de despesas com EGFs e venda do produto a preços subsidiados.

## Uma Feira Gaúcha de Cooperativismo

Uma Feira de Cooperativismo é o que vai acontecer de 4 a 12 de julho. A organização da I Feicoop — Feira Gaúcha de Cooperativismo —, é da Ocergs, que pretende reunir, durante o evento, os mais importantes segmentos do sistema cooperativista e que hoje detém 45 por cento da produção de alimentos do Rio Grande do Sul. Com o apoio do secretário da Agricultura e Abastecimento do Estado, Jarbas Pires Machado, a Ocergs começa a acertar agora a participação da Fecocarne, Fecotriço, Fecarroz, Fecolá, Fecoergs, Fecovinho, Unimed, CCGL, CCGTel, CCGC, Centralsul, CCGH e Cocrecr.

# Na fila por quase 3 horas

“Não sou a única mulher a trabalhar na lavoura e nem a enfrentar uma fila de caminhões para entregar a produção”, dizia a dona Ana Michalski, 49 anos, viúva, mãe de seis filhos, todos adultos e casados, ao enfrentar no dia 21 de abril, por quase duas horas, as filas de caminhões estacionados no pátio da Cotrijuí, em Ijuí, à espera da sua vez para descarregar a soja. Nesse dia, o mais movimentado desta safra, registrando a entrega de 760 cargas de soja, a dona Ana, com propriedade localizada em Linha 4 Norte, onde planta junto com um dos filhos, estava entregando a sua 15ª carga de soja num carretão puxado por trator. Ainda não sabia o que era enfrentar uma fila tão grande. “De início, conta ela, fiquei meio encabulada no meio de tantos homens e dirigindo um trator. Eu era a única mulher. Até cheguei a pedir para passar na frente, mas ninguém concordou”.

No outro dia, quando o movimento também era grande, registrando o descarregamento de quase 700 cargas, a dona Ana esperou por quase três horas, mas se sentia mais à vontade. “Não tenho outro jeito mesmo”, diz ela. Não temos peão

e enquanto o meu filho e a nora fazem a colheita, eu transporto a produção até a Cooperativa”. Muito menos estava preocupada com os olhares curiosos. “Trabalho com trator há 18 anos e, enquanto for preciso, vou continuar lidando na lavoura. Acha que os tempos mudaram e que a mulher não pode mais ficar restrita apenas as lidas domésticas. “Se for preciso, tem que ir para a lavoura, para os bancos, para a Cooperativa. No início parece difícil, mas depois a gente acostuma”.



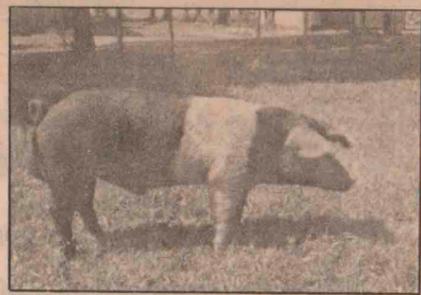
Prêmio a maior produção

## Maior a produção, maior o prêmio

O produtor que nesta entressafra produzir mais leite, será premiado pela CCGL. O “prêmio estímulo”, como vem sendo chamado, visa fundamentalmente, incentivar o aumento da produção diária de leite, não apenas no aspecto quantitativo, mas também no aspecto qualitativo. O prêmio será concedido de acordo com uma escala de entrega mensal de leite. Por exemplo, produtor que entregar menos de 1.500 litros de leite por mês, não receberá o prêmio, mas aquele que entregar de 1.500 a 2.500 litros de leite, terá, no final do mês, um adicional de Cz\$ 0,20 em cada litro. Aquele que entregar de 2.501 a 3.500 litros, receberá um adicional de Cz\$ 0,30 por litro. Quem entregar 3.501 a 4.500 litros por mês, o adicional vai ficar em Cz\$ 0,40 por litro. Produção superior a 4.500 litros, terá um adicional de Cz\$ 0,50 por litro.

O “prêmio estímulo” à produção foi implantado no dia 1º de abril deste ano, devendo estender-se até o dia

31 de julho. O pagamento do prêmio será mensal, mas além da escala de entrega, o produtor deverá se sujeitar a outros requisitos mínimos. O produtor não poderá ter cometido nenhum tipo de fraude do leite desde o dia 1º de janeiro deste ano; a gordura mínima deverá ser de 3,1 por cento e o ponto crioscópico mínimo deverá ser de ( - ) 0,53°H. O ponto crioscópico é o ponto ideal de congelamento. Quando for acrescentado um pouco de água no leite, esse ponto fica alterado. A produção entregue deverá ser própria e por unidade produtora. As condições de higiene da produção devem ser rigorosas. O leite ácido não será considerado no cômputo do volume mensal de leite entregue. A decisão de pagar esse prêmio aos produtores, segundo Antoninho Boiarski Lopes, diretor superintendente da Cotrijuí na Regional Pioneira e membro conselheiro da CCGL, só foi tomada depois de muita discussão envolvendo a comissão de produtores, direções e áreas técnicas das cooperativas singulares. “É uma medida oportuna que vem para incentivar aquele produtor que realmente se interessa pela atividade e faz questão de mantê-la equilibrada durante todo o ano”, ressalta Antoninho.



O ganhador do destaque

## Destaque para o Wessex

Mais uma vez, os suínos da raça Wessex, a qual a Cotrijuí está preservando, ganham um destaque de produção. Agora foi o critério ganho de peso diário que tornou um Wessex no CTC em doador de sêmen, através da Central de Inseminação Artificial de Suínos de Estrela. Para atingir este posto, os animais passam antes pela Estação de Teste de Reprodutores de Suínos, também com sede naquela cidade, que avalia os animais em diversos aspectos. No ano passado, o CTC enviou dois reprodutores machos Wessex, sendo os dois aprovados no teste. Um dos animais foi leiloadado, enquanto o outro foi doado para a Central, onde, no mês de março, obteve o 1º lugar no GPD, entre 110 suínos das raças Landrace, Large White e Duroc. Este animal, que consegue um quilo e 71 gramas por dia, permanecerá na Central de Inseminação Artificial de Estrela, permitindo que os suinocultores utilizem-no para melhoramento dos seus plantéis e, ao mesmo tempo, contribuindo para a difusão da raça Wessex em todo o Brasil.

## Prioridade à Ferrovia

O presidente José Sarney autorizou, no início de abril, o Ministério dos Transportes a acelerar os estudos para a construção da Ferrovia da Produção, que será incluída entre os programas prioritários do governo federal. A obra está orçada em um bilhão e 800 milhões de dólares, dos quais 470 bilhões serão aplicados no trecho a ser construído em Mato Grosso do Sul.

Em discussão desde 1979, e projetada há dois anos pela Companhia Vale do Rio Doce, a Ferrovia da Produção liga Dourados, em Mato Grosso do Sul, ao porto de Paranaguá, numa extensão de 1.100 quilômetros. A Ferrovia seria o prolongamento do ramal ferroviário já existente entre Paranaguá e Guarapuava, no Paraná, que apenas seria melhorada para atender melhor a demanda de tráfego. A Ferrovia da Produção, que os governos de Mato Grosso do Sul e Paraná e lideranças empresariais e rurais vêm apontando como melhor alternativa de escoamento racional dos produtos exportáveis, é um sistema integrado de transportes que propõe um comando unificado de integração de armazenamento, transporte rodo-hidro-ferroviário, porto e navegação marítima. Sua construção beneficiará as regiões produtoras de Mato Grosso do Sul e Paraná, além de estender sua influência a outros estados do norte do país e a países como Bolívia, Paraguai e região norte da Argentina

# Um certo alívio

O novo pacote econômico não correspondeu as expectativas dos agricultores

As novas medidas para a área agrícola, anunciadas logo após a Páscoa, foram recebidas com certa frieza pelos produtores que estavam esperando bem mais do governo. Reconhecem que as medidas chegaram numa boa hora e podem representar um desafogo no momento, mas garantem que elas não resolvem a situação. Para os produtores, o governo apenas adiou um problema para daqui há dois meses, quando então, quem quiser investir na agricultura, terá de conviver com a correção monetária e mais juro de seis por cento ao ano. Sem se darem por vencidos, e nem tão pouco desanimados, os produtores prometem continuar mobilizados e brigando por uma política de crédito rural com juros compatíveis com a atividade. A reivindicação é de que, a partir de julho, os financiamentos para investimentos sejam corrigidos pelo IPR e não pela LBC — Letras do Banco Central.

Para o presidente da Fecotrigo, Terciso Redin, só uma política agrícola mais estável pode resolver o problema, embora reconheça que as medidas do pacote servem para amenizar uma situação grave que existe.

## AS MUDANÇAS

Pelo novo pacote, os empréstimos para investimentos agrícolas, contratados por minis e pequenos produtores entre 15 de maio de 1986 a 28 de fevereiro de 1987 e com saldo de até Cz\$ 200 mil terão juro nominal de 10 por cento. Para os empréstimos superiores a Cz\$ 200 mil, serão cobrados 50 por cento de correção monetária até o último dia do mês de junho. A partir de julho, tanto para os minis, como para os pequenos e grandes produtores, será aplicada a correção monetária plena, mais seis por cento de juro ao ano.

O governo também ampliou para 18 meses os prazos dos empréstimos feitos para investimento rural. Por outro lado, ficam isentos, da correção

monetária, da data da contratação até 28 de fevereiro deste ano, os empréstimos contraídos de primeiro de março de 86 até a data de 14 de maio de 87. Essas operações receberão tratamento semelhante às de investimento rural firmadas a partir de 15 de maio, com exceção apenas às de custeio rural. Neste caso, a dilatação do prazo de pagamento ficou limitado a 12 meses.

Os produtores das regiões Norte e Nordeste, também foram beneficiados com as novas medidas do pacote. A prorrogação dos empréstimos dos minis e pequenos produtores feitos antes de 28 de fevereiro de 1986, no limite de até Cz\$ 200 mil, foi estendida para pagamento em quatro anos, com dois de carência e encargos financeiros equivalentes à variação do IPR — Índice de Preços Recebidos —, mais juros de seis por cento ao ano. Sobre estes empréstimos não incidirá a correção monetária entre primeiro de março de 86 a 28 de fevereiro de 87.

## DISTORÇÃO

A isenção da correção monetária para os empréstimos contratados no período de 1º de março de 86 a 14 de maio de 87 — durante o Plano Cruzado —, segundo o governo, tem como objetivo corrigir uma distorção que vinha sendo feita, principalmente pelo Banco do Brasil. Como o decreto estabelecendo as novas regras para a agricultura foi assinado apenas no dia 15 de maio, todos os empréstimos contratados até essa data tiveram incluídos, pelo banco, uma cláusula de correção monetária. Essa distorção começou a gerar confusão por ocasião da quitação destas dívidas, quando então, a correção passou a ser cobrada, mesmo daqueles produtores que contrataram financiamento no período do Plano Cruzado. Estes empréstimos, portanto, serão corrigidos no período de março a junho deste ano, com base em 50

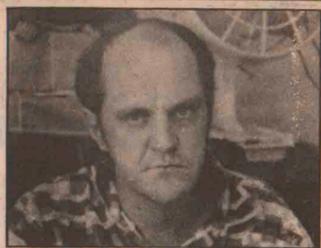
por cento da LBC, podendo, a partir de junho, serem prorrogados.

## AS OUTRAS MEDIDAS

• **Micro e pequenas empresas** — O governo anunciou a criação de uma linha especial de crédito do Banco Central, no valor de Cz\$ 8 bilhões, para empréstimos de capital de giro. Nos primeiros seis meses, o limite máximo da prestação mensal será de 7 por cento do valor total do empréstimo. A partir deste período, será calculada a correção monetária plena mais juro de 0,5 por cento ao mês, dividindo-se o saldo devedor em 30 parcelas. No total, os micros e pequenos empresários terão um prazo de 36 meses para o pagamento do empréstimo.

• **Estados e municípios** — O presidente José Sarney, assinou um decreto criando uma comissão de técnicos do Ministério da Fazenda e do Banco Central, com a finalidade de examinar a questão do endividamento interno e externo dos estados. A comissão estudará cada caso e dará acompanhamento às medidas de saneamento das finanças estaduais adotadas pelos governadores, antes de autorizar a rolagem da dívida.

• **Spread** — No mesmo pacote, o governo fez o tabelamento de spread bancários — taxas que os bancos cobram dos clientes a título de repasse entre o que captam e o que emprestam —. Essas taxas que chegavam, até 10 por cento, não poderão passar, de agora em diante de 4 por cento para o caso das grandes instituições financeiras e de 5 por cento para as pequenas instituições. Esse tabelamento vale para todas as linhas de capital de giro, descontos de duplicatas entre outras. De agora em diante, nenhum banco poderá exigir a chamada reciprocidade — retenção de parte do empréstimo, vendas de seguros ou papéis —. Antes de sair do Ministério da Fazenda Funaro prometeu rigor contra os infratores.



Sadi Boff

## Mais incentivos

“A minha preocupação é com a falta de produção e incentivos para o comércio e a indústria”, afirma o empresário Sadi João Boff, um dos integrantes da comissão de pequenos e microempresários da Associação Comercial e Industrial de Ijuí, ao fazer uma análise das últimas medidas econômicas adotadas pelo governo antes da queda de Dilson Funaro do Ministério da Fazenda. “Com essas medidas, diz ele ainda, o governo está apenas se preocupando em salvar por algum tempo quem já está muito mal, sem se preocupar com quem está pensando em fazer investimentos”.

Para o empresário e proprietário de uma pequena empresa de vidros e materiais de construção, a Safi, a economia do país já vem mal desde 1980. Diz que nesse meio tempo as indústrias não decresceram, mas também não se expandiram. Elassimplesmente estagnaram frente a uma inflação alta e uma baixa produção. “O comércio, diz, teve ruins e bons momentos, mas por fim estagnou. E se o comércio não se expande, quem sofre são as pequenas e microempresas que, por não possuírem capital de giro, ficam sempre na dependência do caixa diário”. Ele acredita num reordenamento na economia brasileira somente depois que o país tiver muito claro as suas necessidades.

## APENAS EUFORIA

Existem em Ijuí, segundo dados levantados pela ACI, cerca de 940 microempresas, “quase todas elas em situação difícil frente aos juros que vêm sendo cobrados pelo governo”. O Plano Cruzado trouxe uma euforia no consumo, que chegou a aumentar em 10%, mas pegou, segundo o empresário, as indústrias totalmente desprevenidas. A saída, na sua opinião, está no aumento da produção e na definição de uma política econômica a longo prazo. “O empresário, explica, está tocando a sua empresa sem projeto de produção. Ainda não sabemos se em 88 vamos ter mercadoria para vender. Por enquanto estamos vivendo na base do oba-oba”. Acredita que antes do governo tentar conter o consumo, ele deve abrir linhas de crédito para que as empresas continuem investindo.

## MUITAS DÚVIDAS

Sadi Boff diz que ainda não leu o decreto do governo estabelecendo as novas medidas, mas já está cheio de dúvidas e alerta aos pequenos e microempresários para que fiquem de sobreaviso, pois pelo que leu nos jornais, o governo não está demonstrando a mínima preocupação em incentivar a produção. “O governo está dizendo que, nos primeiros seis meses, o limite máximo da prestação mensal será de sete por cento do valor total do empréstimo, mas não fala em como vai ficar o restante da dívida.

Ele acha que se a correção monetária incidir sobre o restante da dívida que o empresário não pagou nesse meio tempo, a situação pode ficar ainda mais difícil. “Se isso realmente acontecer, ele vai estar pagando apenas os serviços e não a dívida. Mas se o empréstimo for isento de correção monetária, aí então, podemos considerar a medida como muito boa”, diz por fim.

## E depois de junho?

“Acho justo que o pequeno produtor tenha ganho isenção da correção monetária, mas não concordo com a discriminação que o governo vem fazendo em relação ao médio e grande produtor”, reclama Reinholdo Luiz Kommers, presidente do Sindicato Rural de Ijuí, ao comentar as últimas medidas adotadas pelo governo. “Tanto o pequeno, como o médio e o grande produtor pagam os mesmos preços pelos insumos na hora da formação da lavoura, então, não vejo razão para que uns paguem mais juros do que os outros. Considera essa discriminação do governo muito injusta e que só serve para prejudicar a agricultura. “A injustiça já começa pelo VBC, diz.

Mas de qualquer forma o presidente do Sindicato Rural de Ijuí acha que essas medidas vieram apenas para aliviar um pouco a situação dos agricultores. “Elas não estão resolvendo a situação. O governo precisa entender que outros contratos, feitos em anos anteriores, continuam pendentes”.

Diante do quadro de incertezas

e dos juros elevados que estão sendo cobrados, Reinholdo Luiz Kommers diz que os produtores estão sendo orientados a não pagar financiamento. “Cada um deverá procurar sua independência e dar um jeito de escapar dos bancos, diz ele. Trabalhar com correção monetária plena e juro de seis por cento ao ano, segundo Kommers é completamente impraticável. “Se comprar uma automotriz hoje, daqui a seis meses ela vale o dobro. Está ficando impossível investir na agricultura. E o pior, finaliza, é que não estamos vendo nenhum incentivo para que o produtor volte a plantar trigo. Penso que o governo prefere importar e mandar nossas divisas para fora”.

## PREOCUPAÇÃO

Para o presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Ijuí, Carlos Karlinski, as medidas referentes ao setor agrícola e contidas no pacote econômico do governo, vieram de encontro as reivindicações dos minis e pequenos produtores. “Se elas realmente forem colocadas em prática,



Kommers



Karlinski

pois os bancos ainda não receberam nenhuma instrução oficial, comenta, elas serão benéficas para os agricultores. Fica agora, no entanto, a preocupação com o que poderá acontecer depois de julho”.

Resolvidos os problemas criados pelo Plano Cruzado, fica pendente, segundo Karlinski, a questão de uma política agrícola a médio e longo prazos. “Essa é a grande reivindicação. De nada adianta reivindicar VBCs maiores, que consequentemente vão exigir uma produção mais alta para cobrir os financiamentos, se os preços dos insumos não têm controle. Os custos de produção só vão amenizar, depois que o governo passar a controlar os preços dos insumos”, finaliza.

# Com um pé atrás

“Vou plantar trigo só para o pão”. A afirmação é do produtor Oswaldo Ledermann, proprietário de 150 hectares em Vila Floresta, Ijuí. Ele acha que as indefinições, por parte do governo em relação a política agrícola são tantas, que é melhor aplicar o dinheiro em outras atividades do que arriscar no trigo. Mas de todo o jeito, vai plantar, ainda não sabe que área, um tanto de trigo para o gasto. O restante da área, pretende manter com pastagens para o gado. A situação do Celso Müller, proprietário de 46 hectares em Coronel Barros, é mais ou menos semelhante a do Oswaldo Ledermann. Ele ainda continua com um pé atrás em relação ao trigo, mas já tomou uma decisão: o que plantar será por conta, “Com os juros que os bancos estão cobrando, o custeio que o governo está dando e mais o preço mínimo, não dá para arriscar nem lavoura financiada de trigo. Se plantar por conta, a lavoura é minha, e os riscos também.

Assim como o seu Oswaldo e o Celso, se encontra a maioria dos produtores de trigo da região: com um pé atrás, à espera de que o governo tome a decisão de reajustar o preço e os VBCs, adequando-os mais aos custos de produção. Depois da fixação dos atuais VBCs, sofreram reajustes os combustíveis, os fertilizantes e os fretes, todos itens que incidem diretamente nos custos de produção da la-

voura de trigo.

Toda essa indefinição em relação a lavoura de trigo, pode ser melhor avaliada pelo setor de controle de sementes da Cotrijuí, Regional Pioneira. Até o final de abril, segundo o Jorge Milton Denardi, o responsável pelo setor, os pedidos de semente de trigo não passavam de 45 mil sacos, enquanto que, no ano passado, até o dia 15 de abril a Cooperativa já tinha registrado pedidos para 114 mil sacos.

### MUITO LENTO

O gerente da agência do Banco do Brasil de Ijuí, Nereu Paulo Patussi, admite que os pedidos de financiamentos para a lavoura de trigo da região estão andando muito lentamente, se comparado com o movimento de anos anteriores, mas prefere creditar essa demora à colheita de verão, que ainda não terminou. Tem certeza que tão logo termine a safra, o movimento à procura de financiamento vai aumentar.

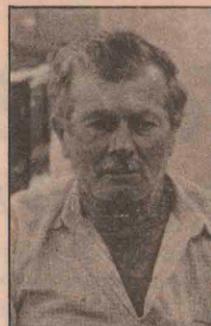
As propostas de financiamentos para o trigo, mesmo sem as definições em relação aos novos VBCs, estão sendo feitas levando em conta os valores atuais. Assim que os novos valores forem definidos, vamos proceder os reajustes, explica o gerente. Mas enquanto o movimento de pedidos de financiamentos para o trigo caminha devagar, o Banco continua trabalhando em cima do fator referência de área dos agricultores. “As propostas

dos médios e grandes produtores e que envolvem assistência técnica, diz Nereu Patussi, são imediatamente encaminhadas para o setor técnico”.

### ATRASO

Todo esse atraso na tomada de decisão para o setor agrícola, mais especificamente no que diz respeito a lavoura de trigo, está diretamente relacionado com a troca de ministros na área econômica. Há uns dias atrás, o Ministério da Agricultura encaminhou uma proposta com os VBCs reajustados em 49 por cento, mas até o meio da semana, ainda não tinha sido aprovada pelo Conselho Monetário Nacional. Pela nova proposta, o VBC do trigo, para nível 2 passaria de Cz\$ 5.844,40 para Cz\$ 8.735,00. O VBC para o trigo, nível 1, seria reajustado em Cz\$ 5.280,00. De qualquer forma, já se fala em redução de área de trigo no Estado, embora ainda não exista nenhuma estimativa oficial em relação ao plantio.

A verdade em tudo isso, é que o produtor encontra-se meio num beco sem saída. Está reivindicando reajuste nos VBCs e nos preços mínimos do trigo, mas terá de pagar juros sobre o financiamento, de 10 por cento ao ano mais a variação do IPR — Índice de Preços Recebidos pelo Produtor. Se realmente os VBCs forem aprovados nos níveis propostos pelo Ministério da Agricultura e o preço mínimo ficar garantido por volta dos Cz\$



Oswaldo



Celso

300,00, o produtor terá de colher 29 sacos por hectare para pagar o financiamento.

### OS VALORES ATUAIS

Mas enquanto aguardam a decisão do governo em relação aos VBCs, os produtores continuam programando suas lavouras em cima dos valores atuais. Os mini e pequenos produtores, enquadrados no nível 1 — produtividade de 1.000 quilos por hectare — terão um VBC de Cz\$ 4.116,81. Eles também terão direito a 100 por cento do VBC e ficam liberados do uso da tecnologia e da apresentação de projeto de assistência técnica.

O VBC para os produtores enquadrados no nível 2, foi fixado em Cz\$ 5.844,40. Nesse nível ficam enquadrados os médios e grandes produtores, mas com um detalhe: os médios terão direito a 60 por cento do total do custeio e os grandes a 50 por cento. Os produtores enquadrados nesse nível são obrigados a usar tecnologia e apresentar projeto de assistência técnica, para terem direito a esse valor de custeio.

## As intenções de plantio

Se as primeiras intenções de plantio se confirmarem, o Brasil vai plantar, neste inverno, bem menos trigo. Na área de atuação da Cotrijuí, Regional Pioneira, já se fala em redução de área, embora a maioria dos produtores ainda esteja envolvido com a colheita das lavouras de verão, sem muito tempo para planejar melhor a lavoura de inverno. Mas de qualquer forma, eles já deixaram bem claro que não estão satisfeitos com o reajuste dado aos Valores Básicos de Custeio, muito abaixo do índice dado aos insumos. Também não estão satisfeitos com os juros, a volta da correção monetária e com o preço mínimo, fixado em pouco mais de Cz\$ 300,00.

O primeiro levantamento da lavoura de inverno da região, realizado pela diretoria agrotécnica da Cotrijuí, indica que a área de trigo poderá sofrer uma redução, neste inverno, na ordem de 25,74 por cento. Isso significa que dos 131.300 hectares plantados na última safra, o trigo possa ocupar, nesse ano, pouco mais de 97.500 hectares.

Mas esses dados, alerta o Luís Juliani, responsável pelo levantamento, não são definitivos. Representam apenas uma amostra das primeiras intenções de plantio. Ele lembra também que na safra passada, as primeiras in-

tenções de plantio de trigo indicaram um crescimento de área em torno de 40 por cento. Mas no final, mesmo com tantas indefinições por parte do governo e várias alterações nas regras de custeio, com um inesperado corte no crédito previsto para os médios e grandes, os produtores responderam com um aumento de área de mais de 60 por cento, passando de 81.700 hectares plantados em 85 para 131.500 hectares. Também não se pode esquecer que a situação dos produtores era completamente diferente. Penalizados por uma safra de soja frustrada, eles quase que não tinham saída, a não ser aumentar a área de trigo.

A produtividade alcançada pelo trigo na safra anterior foi a melhor dos últimos seis anos, chegando a atingir 1.340 quilos por hectare. Em 85 (ver quadro abaixo), ele já tinha feito uma boa safra, se comparada com o péssimo resultado alcançado em 84, quando a produtividade não passou de 566 quilos por hectare.

A grande preocupação dos produtores é com relação aos custos de produção, altos demais frente a tão elevado risco e a um preço mínimo totalmente desestimulante. Em todo o caso, aquele produtor que se enquadrar no nível 1 — produção de até

1.000 quilos por hectare — terá direito a um VBC de Cz\$ 4.116,81. Para cobrir o valor do financiamento, ele terá de colher, no mínimo, 15 sacos por hectare. Esse produtor não é obrigado a recorrer à assistência técnica. Já o produtor enquadrado no nível 2 — acima de 1.500 quilos por hectare — vai receber um custeio de Cz\$ 5.844,40. Para cobrir o financiamento, terá de colher 21 sacos por hectare.

### AS DEMAIS CULTURAS

A aveia também deverá ter sua área reduzida nesse inverno. Conforme as primeiras indicações de plantio, a redução poderá ficar em 55,88 por cento, caindo dos 2.380 hectares plantados em 86 para 1.050 hectares nesse ano. O ano de 1982 foi o melhor ano em termos de expansão da lavoura e o pior em rendimento. A área só voltou a crescer em 85, mas o rendimento foi baixo: 327 quilos por hectare. As doenças fúngicas, os preços, os baixos rendimentos e a falta de variedades mais resistentes, são na verdade, as principais causas pelo desinteresse do produtor em continuar aumentando a área de aveia grão.

A área de colza poderá passar dos 1.255 hectares plantados em 86 para 3.350 hectares, com um aumento de 166,93 por cento. O bom preço

praticado no ano passado, embora tivesse encontrado um mercado totalmente atípico, vem sendo considerado o fator responsável pelo crescimento da área. O custeio da colza foi fixado em Cz\$ 4.529,00 por hectare, com o pequeno produtor tendo direito a 100 por cento do financiamento. O médio terá direito a 60 por cento e o grande produtor a 40 por cento.

A cevada também poderá ter sua área reduzida em 41,92 por cento. Dos 3.805 hectares plantados em 86, a área poderá diminuir para 2.210 hectares. O VBC para a região — faixa de 2, de 1.201 a 1.600 quilos por hectare — é de Cz\$ 3.778,25. A redução na área de linho ainda poderá ser maior, em torno de 56 por cento. A área plantada no ano passado foi de 2.140 hectares. A intenção de plantio para esse inverno não passa de 930 hectares. O custeio é de Cz\$ 3.564,00 por hectare, sendo que os pequenos produtores têm direito a 100 por cento do financiamento, os médios 60 por cento e os grandes 40 por cento.

O alho, ao lado da colza, está prometendo uma boa área nesta safra. Pelas intenções de plantio, o aumento da lavoura poderá ficar em 65 por cento, passando dos 80 hectares para 132 hectares. O VBC é de Cz\$ 61.685,00.

### ÁREA E PRODUTIVIDADE DAS CULTURAS DE INVERNO DE 1981 A 1986 — (REGIONAL PIONEIRA)

Cultura	1981		1982		1983		1984		1985		1986	
	Área	Produt.	Área	Produt.	Área	Produt.	Área	Produt.	Área	Produt.	Área	Produt.
Trigo	90.400	1.170	166.600	434	81.500	989	70.180	566	81.700	1.022	131.300	1.340
Aveia	10.400	1.274	14.700	366	8.930	870	5.410	710	9.980	327	2.380	547
Cevada	5.100	1.687	5.630	359	5.660	1.133	7.090	665	4.140	944	3.805	1.183
Linho	4.908	955	1.880	504	2.790	830	7.130	633	2.835	658	2.140	788
Colza	4.250 (1)	1.064	750	903	(2) 1.930	920	2.840 (3)	598	1.198	590	1.255	737
Alho	52	2.036	144	2.107	145	2.069	100,5	1.754	84,3	1.915	80	2.450

(1) 150 hectares incorporado ao solo

(2) 200 hectares incorporado ao solo

(3) 2.052 hectares incorporado ao solo

(4) 954 hectares incorporado ao solo

# De acordo com a realidade

*Para Oswaldo Meotti, o governo precisa estabelecer uma política agrícola realista para o país*

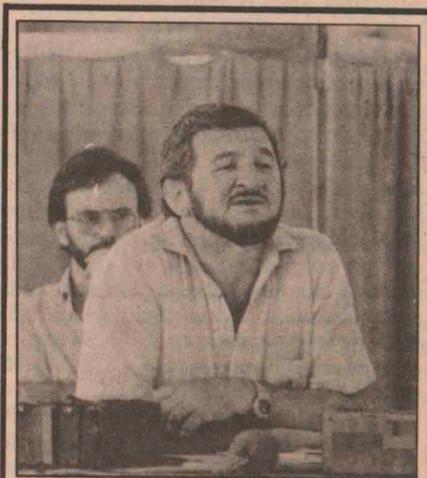
Ninguém tem dúvida que a maioria dos problemas econômicos do país está associada ao solo, mas a política que se vem praticando, há anos, em relação à agropecuária, nos afasta cada vez mais da possibilidade de solucioná-los. A constatação é do presidente da Cotrijuí, economista Oswaldo Olmiro Meotti ao se pronunciar a respeito da necessidade de uma política planejada a longo prazo para o setor primário.

Citando o sociólogo norte-americano William Vogt, advertiu que "se as cidades fossem destruídas e as lavouras e campos deixassem de produzir alimentos, então nada nos salvaria da própria destruição".

Chamou a atenção para a escassez de recursos com que é dotada a agropecuária, a começar pelo que lhe é destinado pelo orçamento da União. De um total de Cz\$ 591.845.000,00 do orçamento federal para 1987, apenas Cz\$ 11.019.844,00 são destinados ao Ministério da Agricultura, que ele considera valor muito pequeno, considerando a importância do referido Ministério e a extensão territorial do país.

Alertou que, com esse orçamento, a agropecuária está colocada apenas na décima ou décima primeira "prioridade" nacional. Mas o problema maior do agricultor brasileiro é a inexistência de uma política agrícola que seja traçada visando a nossa realidade sócio-econômica, e que dê garantia ao produtor de que o que ele vier a produzir não somente terá a garantia de mercado, como o preço será igualmente gratificante. E já não falo, sequer, numa retribuição de lucro compensador — que seria os 30 por cento reconhecidos em lei comercial — porém, num mínimo necessário para o produtor continuar trabalhando com segurança, enfatizou Oswaldo Meotti.

Mas o que se vê, contrariamente a expectativa e esperança dos produtores rurais, é o temor mais ou menos generalizado das frustrações de safras e a conseqüente perda de suas propriedades. É que no Brasil, ao contrário do que acontece nos países desenvolvidos, o agricultor e o pecuarista respondem com suas propriedades junto aos estabelecimentos de créditos, pelos financiamentos assumidos.



**Produzir alimentos constitui-se hoje, uma verdadeira aventura**

## MAIOR DEPENDÊNCIA

É evidente que as necessidades de créditos levam a uma cada vez maior dependência do produtor aos meios de decisão política e aos detentores do capital, o sistema financeiro em geral. Não bastasse a incerteza do clima e as invasões de pragas que prejudicam as colheitas, exigindo maiores cuidados técnicos e redobrada assistência fitossanitária, a insegurança dos produtores persiste até o momento de vender a colheita, o que faz, muitas vezes, a preços abaixo do necessário para equilibrar os custos de produção.

A ausência de uma política agrícola realista e mantida a longo prazo, não prejudica apenas aos agricultores, mas a todo o país, pela necessidade que tem de obrigar-se a importar produtos necessários ao consumo interno. E o Rio Grande do Sul, que tem no setor primário seu principal esteio econômico, é sempre o mais atingido pelas indefinições, e às vezes pela total ausência de uma política dirigida ao meio rural, do destaque à produção de alimentos.

Para Oswaldo Meotti, são tantos os problemas enfrentados pelos que

trabalham na terra e tão difícil solução, que produzir alimentos constitui-se numa verdadeira aventura. E o pior é que nem ao menos se aprende com os erros passados, corrigindo-se os males, pois a cada novo ano, repetem-se os mesmos erros.

Apesar da advertência dos técnicos e da boa vontade do governo, que luta para reorganizar a coisa pública, parece que as estruturas ficam tão ajustadas a vícios do passado, que hoje é impossível removê-los. É urgente um esforço do governo, que sabidamente é dos mais bem intencionados do últimos anos, para sanar problemas de ordem estrutural e geral, que afetam os produtores primários de uma maneira quase que generalizada, e principalmente os médios e pequenos.

## O AGROPECUARISTA É ESCRAVO DA TERRA

Todos se queixam e apelam por soluções setoriais. O industrialista, o comerciante, o banqueiro, o profissional liberal. Mas de todos eles, o único que fica exposto a fatores completamente à margem de soluções técnicas e empresariais, é o agropecuarista. O industrial pode cadenciar as linhas de acabamento de sua indústria conforme a vivacidade do mercado consumidor. Se há retração, reduz as ofertas, guardando a matéria-prima para quando o mercado for reativado. Se a procura é grande, basta produzir mais. E assim ocorre com demais segmentos da atividade produtiva ou repassadora de bens e serviços. De um dia para outro eles podem reduzir custos: de energia, de salários-hora, de maquinaria e equipamento. Até os espaços físicos ocupados podem ser estrategicamente dimensionados, para mais ou para menos, de maneira a oferecer economia.

Já com relação ao agricultor ou pecuarista, é diferente. Ele depende dos grandes espaços a céu aberto, sujeito às intempéries do clima. Está sujeito ao ciclo temporal das plantas e ao crescimento natural dos animais. É, por assim dizer — destacou Meotti — um verdadeiro escravo da terra.

Tem que plantar em época certa, independentemente das perspectivas

de valores e de mercado. É uma espécie de jogo às cegas. Se planta e colhe uma safra, geralmente essa produção generosa influirá na redução dos preços. Normalmente, os preços ao produtor só são compensadores quando a colheita é escassa ou quando o produto já está nas mãos de intermediários. De maneira que, ao produtor, os riscos de produção são uma constante, em toda sua vida.

E como sanar essa situação? ponderou o presidente da Cotrijuí. "Garantindo-se insumos e fertilizantes a preços "controlados", pagando preço justo pelos produtos, repassando recursos à produção primária a juros compatíveis e de acordo com a elevada função social da produção agropecuária; instituindo-se um seguro realista e abrangente para a totalidade da produção eventualmente perdida na lavoura, garantindo armazenamento e transporte nas épocas certas e desvinculando a terra da obrigatoriedade de servir como garantia de pagamento, a créditos concedidos. Penso, finalizou Oswaldo Meotti, que as questões expostas poderiam servir como preâmbulo a uma política agrícola realista para nosso país.



**A ausência de uma política agrícola não prejudica apenas os agricultores, mas todo o país**

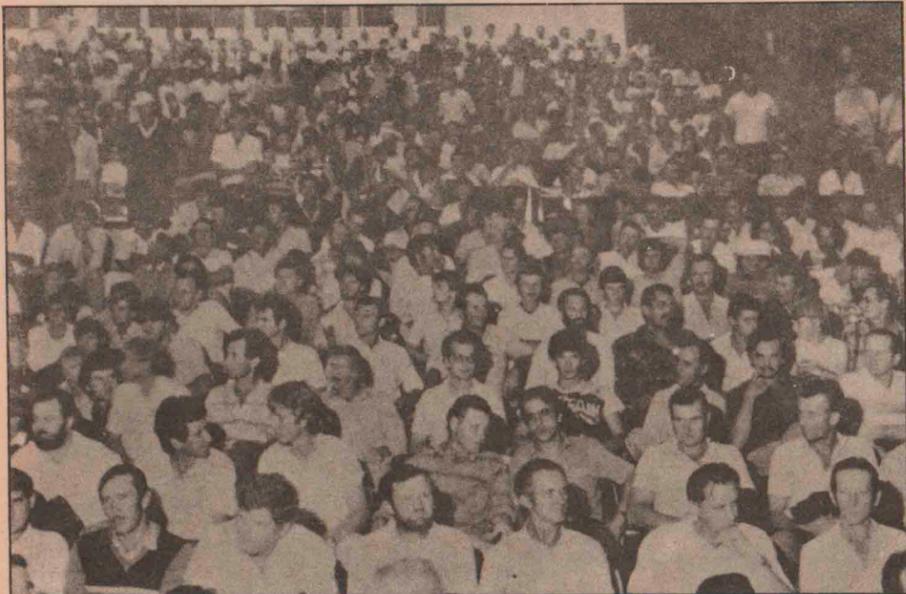
## COTRIJUI: HÁ 30 ANOS AO NOSSO LADO PARA O QUE DER E VIER.

Quem trabalha na agricultura sabe que pode contar com a Cotrijuí para plantar, colher e comercializar, porque ela está sempre ao seu lado, dando assistência técnica, facilitando crédito, insumos, armazenando seus grãos e mantendo lojas e supermercados, com preços acessíveis aos seus associados.



# Agricultores exigem auditoria

Os agricultores gaúchos querem Congresso investigando a dívida externa



O encontro contou com um público numeroso

“Somente a União poderá contratar investimentos estrangeiros, inclusive empréstimos, e, exclusivamente, mediante autorização expressa do Conselho Nacional, em aprovação de proposta orçamentária, inclusive quanto às respectivas finalidades”.

Esse esboço de lei, que poderá dar parte integrante de legislação normativa referentes a futuros compromissos financeiros internacionais do Brasil, foi aprovado por cerca de mil agricultores cooperativados reunidos na Assembléia Legislativa no dia 10 de abril último, no seminário “Os agricultores gaúchos e a dívida externa.” A iniciativa recebeu o apoio da Fecotriga e da Ocergs.

A questão fundamental que foi colocada, e sob a qual giraram os debates, é quanto a dívida externa brasileira, cujo montante admitido pelo governo é de 110 bilhões de dólares. O que foi enfatizado insistentemente pelos palestrantes — com a total aquiescência do plenário — é se realmente existe dívida externa? E se realmente existe, como foi ela contraída?

O argumento maior em relação a dívida quanto a legitimidade de nosso débito internacional, cuja soma é considerada fantástica, nasceu com as auditorias levantadas na Centralsul e na Cotrisa, onde foram encontradas irregularidades contábeis. Em ambos os casos, os bancos BofA (Bank of America) e Citibank, que se consideravam credores passaram a ser devedores das referidas empresas.

## SUSPENSÃO DOS PAGAMENTOS E AUDITORIA DA DÍVIDA

Resultados: o plenário do seminário votou por unanimidade pela manutenção de suspensão do pagamento da dívida e realização de “uma completa e rigorosa auditoria” dessas contas.

Estiveram no auditório da Assembléia Legislativa representantes da Organização Central das Cooperativas Brasileiras, liderados pelo vice-presidente, Harry Dorow; Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura, através de seu presidente, José Francisco da Silva; da Ordem dos Advogados do Brasil, Central Geral dos Trabalhadores, Central Única dos Trabalhadores, União Nacional dos Estudantes, Confederação Brasileira dos Professores e Conam.

Participaram também parlamenta-

res e representantes de todos os partidos políticos, pois segundo o presidente da Assembléia Legislativa, deputado Algir Lorenzon, ao saudar os seminaristas, “esta é uma luta política que interessa a todos os brasileiros”.

O Seminário foi aberto às 15 horas, quando o auditório da Assembléia já estava literalmente lotado. O presidente da Fetag, Plínio Hentz, ao fazer a saudação de abertura dos trabalhos, disse que também aos agricultores interessa saber como foi formado o endividamento brasileiro e onde foram aplicados os empréstimos.

Nas paredes do auditório, faixas com dizeres como: “Os números da dívida são suspeitos”, “Governo paga 1 bilhão de dólares por mês da dívida externa e deixa 12 milhões de brasileiros sem terra, doentes e com fome” entre outras, todas conclamados à união de todos em torno da causa.

Os trabalhos foram coordenados pelo deputado Erani Müller, do PMDB, presidente da Comissão de Agricultura, Pecuária e Cooperativismo da Assembléia Legislativa.

## BRASIL, FRATURA EXPOSTA DO DRAMA DO 3º MUNDO

O secretário da Agricultura, Jarbas Pires Machado, representou o governador Pedro Simon. Ao falar durante a abertura dos trabalhos, disse que “a história do endividamento das nações faz parte de um processo de dominação que afoga a auto-determinação e abomina a soberania dos povos”. Lembrou a “Aliança para o Progresso”, liderada pelo Grupo Rockefeller, que teria injetado 20 bilhões de dólares em países do Terceiro Mundo, visando promover o desenvolvimento. Mas, estranhamente — disse — hoje esses mesmos países devem 20 vezes mais do que teriam recebido. E no caso particular do Brasil, com os 110 bilhões de dólares reclamados pelos países ricos, ele representa a fratura exposta de um drama que identifica todos os países do terceiro Mundo.

## DÍVIDA GRANDE E MUITO DUVIDOSA

O presidente da Contag, José Francisco da Silva, afirmou que o Brasil não pode sangrar ainda mais a sua economia para pagar uma dívida que além de ser gigantesca é muito duvidosa. Sugere a criação de um Clube de devedores, assim como exis-

te o Clube de Paris, que é um clube de ricos credores.

O deputado estadual José Fortunatti, do PT, chamou a atenção para a necessidade da continuidade de luta encetada pelos agricultores. Disse que é preciso que a mobilização continue até sensibilizar todos os brasileiros conscientes e todos os patriotas dignos desse nome, pois do contrário, seremos engolidos pelo monstro da dívida.

Adelino Gelain, presidente da Constituinte Cooperativa, perguntou: Em que país vivemos nós, onde os agricultores têm de deixar seu trabalho para vir a Porto Alegre pedir que lhe deixem trabalhar”. É o deputado federal Bogo, do PMDB: “Questionar o processo de formação da nossa dívida externa é dever de todo o brasileiro bem intencionado e de caráter”.

## DELFINO NETO E O MILAGRE QUE NÃO HOUE

A formação da dívida teve características entreguistas, desde o começo, segundo afirmou o jornalista Raimundo Pereira, editor do jornal Retrato do Brasil, e autor do livro “Dívida Externa — o caso exemplar das cooperativas gaúchas contra o BofA”. Segundo ele, o endividamento nunca financiou o nosso desenvolvimento.

Lembrou que há 15 anos, quando a dívida era de 10 bilhões de dólares, “o ministro Delfim Netto dizia que a situação estava em completo controle, e que o país marchava para o milagre. Mas como o futuro veio provar em seguida, não aconteceu nenhum milagre, a não ser o castigo imposto ao povo, de pagar o custo dessa dívida fenomenal”, enfatizou Raimundo.

Lembrou que a primeira fase de formação da dívida aconteceu ainda na década de 60, para a implantação do modelo de dependência ao capital externo. E a segunda, na década de 70, na presidência do general Geisel, visando rolar a dívida. Rememorando os primórdios da brasilidade, situou a origem de nossa dívida na independência, dizendo que para separar-se de Portugal, sem luta, o Brasil assumiu um débito que os portugueses tinham com a Inglaterra.

## ESCÂNDALOS DA DÍVIDA SÃO VELHOS CONHECIDOS

O advogado Fábio Gomes, que juntamente com seu colega Roberto Davis, descobriu os negócios considerados ilegais entre a Cotrisa, Centralsul e BofA, disse que a constatação de que a dívida externa brasileira foi contraída de forma ilícita, não se baseia em descoberta recente. Ao discursar durante a realização do Seminário, afirmou que o Banco Central sabia que havia manipulação de contas, ao arripio das normas legais.

O advogado afirmou que existem outros escândalos, semelhantes ao da Centralsul, o que foi “admitido há cerca de dois anos”. No entanto, estranha o dr. Fábio Gomes o comportamento de funcionários graduados do banco, na atualidade, que alegam desconhecer qualquer anormalidade havida no passado”.

Para Gomes, a investigação em torno do endividamento, não deve ser feita pelo BC, “pois os funcionários são os mesmos que há cinco anos registraram como legal, os empréstimos do BofA à Centralsul”.

A sugestão é que tal investigação seja pelo Congresso Nacional, com a participação da Ordem dos Advogados do Brasil. A mesma opinião foi espousada pelo advogado Roberto Davis, para quem “o endividamento foi construído na malha obscura de portarias e decretos nacionais de um regime totalitário. Com isso — enfatizou — foi possível atrelar a economia nacional ao dólar, com a indução aos empréstimos, às operações de câmbio com ágios duvidosos e aos pré-financiamentos. A nação abriu mão de sua soberania e a moeda brasileira deixou de significar alguma coisa, em termos feita de cotação”.

## TEMA PARA A CONSTITUINTE

A investigação deve ser feita pelo Congresso. Isso é considerado ponto pacífico, se realmente se desejar fazer uma investigação que acabe por espelhar uma realidade que não deixe nenhuma dúvida quanto a sua transparência.

A íntegra do documento que vai ser levado aos constituintes, é a seguinte: 1) Somente a União poderá contratar investimentos estrangeiros, inclusive empréstimos, e exclusivamente mediante autorização expressa do Congresso Nacional, em aprovação de proposta orçamentária, e com consulta plebiscitária às populações das áreas envolvidas.

2) Fica suspenso todo e qualquer pagamento relativo à dívida externa, mesmo que se refira a retorno de investimento fixo, inclusive “royalties”, até que se conclua a investigação sobre a respectiva licitude e legitimidade, realizada a investigação por comissão nomeada pelo Congresso Nacional, e que deverá incluir, necessariamente, representantes da Ordem dos Advogados do Brasil, Conselho Nacional de Contabilidade e Conselho Nacional de Economia.

Em documento anexo, foi pedido a liberação de dossiê sobre o caso Cotrisa-Citibank. Outra proposição sugere a realização de seminário sobre a dívida externa reunindo todos os países latino-americanos. (Por Raul Quevedo)



O deputado Algir Lorenzon (ao centro) presidiu os trabalhos

# A safra do plástico

**Armazenar a céu aberto foi a solução no MS**

O crescimento das áreas plantadas, principalmente de arroz e milho, e o conseqüente aumento da produção destes grãos em Mato Grosso do Sul acarretou sérios problemas aos armazenadores. A saída, foi recorrer a planos emergenciais de armazenamento, com o excedente da produção agrícola sendo estocado a céu aberto, protegido por lonas plásticas.

Nos pátios das Unidades e Postos de Recebimento da cooperativa no Estado, é comum ver-se grandes pilhas envoltas em lonas plásticas. Nelas estão guardadas grande parte da produção de arroz recebida pela Cotrijuí, num volume praticamente 100 por cento superior ao previsto no orçamento deste ano, que já antecipava um volume a maior da ordem de 10 por cento.

Se para o arroz as lonas plásticas foram solução para o armazenamento, o mesmo não acontece com a soja, que tem a maior parte das 476 mil toneladas de capacidade estática dos armazéns da cooperativa em Mato Grosso do Sul destinadas ao produto. Mesmo assim, só a remoção do produto para outras Unidades ou Postos ou ainda sua venda para os mercados interno e externo é que tem permitido a continuidade do fluxo de recebimento, em algumas regiões na fase final e em outras em pleno andamento.

Apesar do esforço desenvolvido pela área de Operações, nem tudo está tranqüilo ainda. A preocupação, agora é em abrir espaços para o recebimento do restante da safra de milho, que foi interrompida nos meses de março e abril para permitir a colheita da soja. Em alguns casos, a solução encontrada é fazer com que os associados entreguem sua produção em outras Unidades ou Postos, que não o de origem, tal a dificuldade encontrada no escoamento da safra, uma conseqüência direta da falta de caminhões ou de vagões.

## ARROZ EM EXCESSO

Quando da elaboração do orçamento da Regional de Mato Grosso do Sul, da Cotrijuí, se estimou o recebimento do arroz em 23.200 toneladas, número este que hoje (base em 21 de abril) já havia sido ultrapassado em 75 por cento. A superação desta meta pode ser atribuída, em parte, ao fato da cooperativa ser, em vários municípios de sua área de ação, a única empresa a receber o produto.

A previsão, agora, é que o recebimento de arroz seja em volume 100 por cento superior ao previsto no orçamento, apesar das dificuldades enfrentadas pelos produtores com a permanência dos caminhões na fila de, em média, um dia. Muitos produtores tem entregado o produto já seco e ensacado, com o que conseguem reduzir o tempo de permanência dos caminhões nas filas.

Hoje é difícil estimar a quantidade de arroz armazenada a céu aberto pela cooperativa em suas Unidades e Postos, porque a todo dia novas pilhas são formadas nos pátios.

## FALTA NA FRONTEIRA

A soja, até o final da safra, pode chegar bem próxima a previsão de recebimento, só não a ultrapassando em função do baixo nível de recebimento verificado nos Postos localizados mais próximos a fronteira do Brasil e Para-



Lonas plásticas, uma solução para o armazenamento

guai, já que o preço oferecido pelos compradores do vizinho País eram bem mais favoráveis aos produtores, em torno de Cz\$ 210,00 posto nas empresas e de Cz\$ 180,00 no caso delas buscarem nas lavouras (preços estes em vigor no dia 10 de abril).

Se nos postos da região da fronteira o recebimento está aquém da expectativa, em outros lugares o recebimento está dentro do previsto, com o que a safra fechará praticamente dentro da meta de recebimento fixada no orçamento deste ano.

Os produtores de alguns municípios afirmam que a soja tem apresentado uma quebra média de 20 por cento, em função de alguns dias de frio no mês de março, quando as lavouras estavam na última floração. Considerando-se este dado, se pode dizer que o recebimento de soja está dentro do normal.

## MILHO TAMBÉM SUPERA

O recebimento de milho pela cooperativa também deve superar a previsão orçamentária. Pelo menos é o que se espera, pois até o dia 21 de abril a cooperativa já havia recebido 95 por cento da meta, quando ainda faltava 41 por cento da área plantada para ser colhida.

A dificuldade hoje é abrir novos espaços para permitir o recebimento de mais milho nas Unidades e Postos da cooperativa, o que tem se conseguido mediante as vendas do produto ou ainda sua remoção para outros locais.

## COMPREENSÃO

Os produtores associados da Cotrijuí em Mato Grosso do Sul tem compreendido muito bem as dificuldades enfrentadas pela cooperativa para o recebimento da safra, dificuldades estas

agravadas pelo recebimento quase simultâneo dos três principais produtos (soja, arroz e milho). Tal situação determinou um escalonamento para a entrega de determinados produtos só em alguns locais, tendo em vista que a estrutura montada pela cooperativa não permite o recebimento contínuo de todos os produtos.

Outro agravante nesta safra é a falta de caminhões para o transporte da produção, principalmente dos armazéns da cooperativa até o porto de Paranaguá, no Paraná. O frete hoje está em torno de Cz\$ 950,00 a tonelada até o porto, numa elevação de praticamente 300 por cento em relação ao ano passado, conforme o gerente da Transcooper em Dourados, Carlos Nott. A tendência, segundo ele, é a situação normalizar com a aproximação do fim da safra, o que pode levar ainda cerca de 20 dias.

**Este caminhão já rodou  
1 milhão de km sem abrir a máquina.**



Caminhão Mercedes 77 - Proprietário: Clair Marques Correia - Motorista: Derival Batista de Souza.

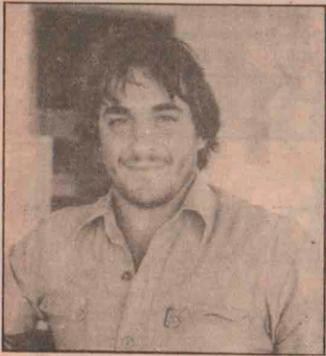
**Adivinhe qual é o óleo?**

MD-400, o lubrificante da Petrobrás, continua dando shows e mais shows nas estradas da vida. Desta feita, um caminhão pertencente à Transmarques, de Volta Redonda, já rodou nada mais, nada menos que 1 milhão de quilômetros sem abrir a máquina, e ainda tem muito chão pela frente. Ninguém precisa pensar muito

para descobrir que o óleo usado foi o consagrado MD-400 da Petrobrás. Este é mais um exemplo da alta qualidade do MD-400, uma garantia para os motores diesel. Você também pode atingir essa marca. É só usar no motor do seu caminhão MD-400 para uma boa e tranqüila viagem.



MD-400. Esta é a sua nova roupa de briga.



Luiz Colpani



Norberto Schneider

## No preço, a queixa

A grande queixa dos produtores de Mato Grosso do Sul é com os preços pagos pelos principais produtos, especialmente a soja, que geralmente andou com cotações abaixo do preço mínimo fixado pelo Governo. Entretanto, grande parte das reclamações tem por fundamento a comparação entre os preços vigentes no mercado interno com os praticados pelos compradores de soja no Paraguai.

Luiz Colpani Sobrinho, associado da Cotrijuí junto ao Posto de Recebimento de Tagi (município de Aral Moreira), diz que preço pior nunca existiu, porque não se paga nem o preço mínimo. Segundo ele, o preço do saco de soja deveria ser de Cz\$ 190,00, isso no dia 10 de abril, preço este que permitiria o produtor saldar suas dívidas e ter cerca de 10 por cento de sobra para sua manutenção e para investir em novas lavouras. "No preço mínimo, afirma o associado, não sobra nada para o produtor, o que dirá recebendo abaixo dele. Sobra o quê?"

No caso do milho, o associado diz que o preço estabelecido pelo Governo (Cz\$ 110,00 a saca) até que é bom, não fosse os produtores receberem apenas Cz\$ 95,00 em função da tributação que o produto sofre. Luiz Colpani Sobrinho entende que o produtor deveria receber pelo menos Cz\$ 100,00 por saca, o que seria um preço justo.

Outro associado que critica os preços da soja é Norberto Schneider, de Ponta Porã. Para ele, os preços andam de cinco a seis meses defasados em relação aos insumos que os produtores têm de comprar a cada safra. O produtor lembra que por ocasião do protesto dos produtores em Brasília chegou a haver uma euforia em função dos bons preços, recém anunciados pelo Governo. Porém, uma semana depois tudo se modificou com os aumentos de preços das sementes e adubos. Para ele, o preço da soja, na primeira quinzena de abril, deveria estar em Cz\$ 200,00 por saca, para ser razoável e satisfatório. No caso dos demais produtos, os preços até são bons, com uma pequena ressalva no caso do milho em função das taxas cobradas pela secagem e armazenamento.

### NÃO EXISTE

Luiz Colpani Sobrinho critica o Governo Federal por ter anunciado antecipadamente a existência de uma supersafra, quando, na verdade, não passa de uma safra normal. Em sua

opinião, foi justamente este anúncio antecipado que causou a queda dos preços, porque os países importadores e a própria indústria fizeram de tudo para manter os preços em níveis baixos. O Governo só deveria falar em supersafra, segundo o produtor, só quando ela já estivesse nos armazéns, prática esta que não ocasionaria as grandes flutuações de preço de hoje em dia.

Ambos os associados, reconhecem que este ano o recebimento da produção foi tranqüilo nos postos em que atuam (Tagi e Ponta Porã), atribuindo a queda do recebimento de soja pela cooperativa na região, à maior concorrência entre as empresas que atuam na comercialização da soja. Quanto a venda de boa parte da produção regional para o Paraguai, ambos preferem não comentar o assunto, tendo Luiz Colpani dito apenas que na região praticamente não existe produtor com mentalidade cooperativista, com a maioria vendendo a produção a quem paga melhor.

Norberto Schneider, por sua vez, diz que a soja vem diminuindo de área na região de Ponta Porã, o que deve levar a Cotrijuí a buscar uma maior especialização no trigo, tomando-se praticamente a única recebedora do cereal. O que vier de soja, será lucro, pois só o trigo produzido na região tem condições de garantir o funcionamento dos armazéns o ano todo.



Recebimento está bom, apesar da seca e do frio

# Colheita perto do fim

A colheita da safra de verão se encaminha para a reta final em Mato Grosso do Sul. Em alguns municípios da área de ação da Cotrijuí, a colheita já alcança 90 por cento da área plantada, (Rio Brilhante é o melhor exemplo) enquanto em outros recém chega aos 40 por cento, com uma média de 70 por cento, conforme levantamento realizado em 21 de abril.

A soja, plantada em 495.000 hectares na Região Cotrijuí-MS, está com 60 por cento da área colhida, que equivale a 297 mil hectares. O rendimento médio obtido pelos produtores está em torno de 1.890 quilos por hectare, mas a produção média por município varia de 2.100 quilos por hectare nos municípios de Dourados e Bonito a 1.680 quilos na região de Sidrolândia, onde os produtores estão colhendo 30 por cento a menos que o ano passado, considerando a mesma área. A colheita está mais adiantada nos municípios de Rio Brilhante, com 90 por cento da área já colhida, e mais atrasada em Bonito, onde apenas 23 por cento da safra já está em armazéns.

No caso do arroz de sequeiro, 85 por cento da área de 102 mil hectares já foi colhida, estando a tarefa mais adiantada nos municípios de Rio Brilhante e Dourados (95 por cento da área) e mais atrasada em Sidrolândia e Bonito (com 70 por cento). A produtividade das lavouras de arroz de sequeiro tem variado entre os 1.800 quilos por hectare verificada em Sidrolândia aos 1.300 quilos de Rio Brilhante. O rendimento médio na Região Cotrijuí-MS está em torno de 1.580 quilos por hectare.

A colheita do arroz irrigado é a que está em fase mais adiantada em Mato Grosso do Sul, chegando aos 90 por cento da área de 19 mil hectares. Rio Brilhante é o município onde a colheita está mais adiantada (95 por cento) enquanto Dourados tem o menor índice (85 por cento). A produtividade média tem sido de 3.900 quilos por hectare, variando a produção dos 4.200 quilos por

hectare das lavouras de Rio Brilhante aos 3.600 quilos na região de Dourados.

A colheita do arroz, de um modo geral, foi praticamente interrompida em alguns municípios de Mato Grosso do Sul, pois os produtores não encontram locais para entregar a produção. Em Sidrolândia, por exemplo, praticamente só a cooperativa é quem está recebendo o arroz, que é armazenado a céu aberto.

O milho também teve sua colheita interrompida, mas em função da soja. Por ser uma cultura que apresenta menor percentual de perda caso fique na lavoura, o milho foi deixado de lado para que os produtores pudessem colher a soja, que não pode esperar. A colheita recomeça tão logo os produtores concluem a da soja. Até o dia 21 de abril, cerca de 60 por cento da área de 54 mil hectares estava colhida, o que significa que ainda faltam colher 21.600 hectares. A área já colhida, por município, varia dos 85 por cento da região de Dourados aos 20 por cento apenas, na região da Unidade de Bonito.

O milho é outra cultura que tem enfrentado problemas de falta de local para a armazenagem em praticamente todo Estado de Mato Grosso do Sul, problema este só solucionado com a armazenagem de emergência — a céu aberto, com o produto enlornado.

Os produtores de Mato Grosso do Sul estão falando numa quebra de até 20 por cento para a soja e o arroz, tendo em vista que em algumas regiões as lavouras foram prejudicadas por uma pequena estiagem e uma queda de temperatura quando estavam na última floração. Mesmo assim, o rendimento médio das principais culturas de verão está dentro dos padrões tidos como normais para a área da cooperativa.

### ESTADO

A nível de Estado, a situação não difere muito da Região Cotrijuí-MS. A soja, principal produto desta época, também estava no dia 21 de abril com 60 por cento da área colhida. O rendimento situava-se na faixa de 1.900 quilos por hectare, mas com a tendência de subir um pouco com a colheita do produto na região dos chapadões, onde a média de produção é de 2.100 quilos por hectare.

O arroz, por sua vez, estava com 90 por cento da área colhida. O rendimento médio das lavouras está em torno de 1.400 quilos por hectare, não devendo ser alterado até o final da colheita. A armazenagem do produto, esta sim, foi dificultada pela falta de armazéns, sendo armazenada a maior parte da produção a céu aberto, a exemplo do que ocorre na Região Cotrijuí.

A colheita do milho estava sendo reiniciada em todo Estado, sendo que no dia 21 de abril perto de 50 por cento do produto ainda estava na lavoura, conforme previsão do coordenador da Comissão Estadual de Planejamento Agrícola (Cepa-MS), Hércules Arce. A produtividade média do produto estava sendo de 2.200 quilos por hectare.



A aveia pode ser semeada pura ou consorciada com leguminosas

# As pastagens de inverno

Todo o produtor que trabalha com leite sabe que animais bem alimentados é produção garantida, embora, na verdade, essa questão não venha sendo levada muito a sério. Todos os anos, por essa mesma época, a produção de leite da região cai em quase 50% e não é por causa do frio como muitos tentam argumentar. A culpa, muitas vezes, é do próprio produtor que ainda não se conscientizou da necessidade de um programa de pastagens para as épocas de outono e inverno, quando a disponibilidade e a qualidade das pastagens perenes é menor (Ver quadro acima). Utilizar única e exclusivamente o concentrado como alimento para os animais, torna a atividade quase que inviável.

Mas o que plantar para garantir a alimentação dos animais nesses meses críticos? Para o inverno, as forrageiras mais indicadas para a região continuam sendo a aveia, o azevém, os trevos, a ervilhaca e o sincho. São gramíneas e leguminosas anuais, necessitando, portanto, de semeadura todos os anos. As gramíneas anuais podem ser semeadas pura ou então em consórcio com alguma leguminosa.

A aveia pode ser semeada pura e, neste caso, o João Miguel de Souza,

agrônomo e gerente da área de Produção Vegetal da Cotrijun na Região Pioneira aconselha a utilização de 70 quilos de semente por hectare. Mas ela também pode ser consorciada com a ervilhaca, utilizando então, 40 quilos de semente de aveia e mais 30 quilos de semente de ervilhaca por hectare. A aveia também pode ser consorciada com o sincho. Neste caso, o agrônomo recomenda os mesmos 40 quilos de semente de aveia e mais 40 quilos de semente de sincho.

O azevém é outra gramínea anual importante para a alimentação do rebanho. Como tem uma produção mais tardia que a aveia, ele tem a vantagem de assegurar pasto para a época em que a aveia já começa a se esgotar. O azevém, a exemplo de qualquer outra forrageira, também pode ser semeado puro, utilizando-se para tanto, segundo o João Miguel, 25 quilos de semente por hectare. Mas Ela também se adapta muito bem quando em consórcio com alguma leguminosa. Em caso de plantio consorciado com Trevo Yuchi, usar apenas 15 quilos de semente de azevém e seis quilos de trevo por hectare. Também pode ser consorciado com o trevo branco. Nesse caso, a recomendação do agrônomo é de 15 quilos de semente de azevém

Composição e qualidade (Proteína Bruta - PB) da dieta de um bovino pastando exclusivamente em pastagens nativas ou em pastagens cultivadas perenes de verão, ao longo do ano

Mês		Proporção da dieta (%)	Proteína bruta da dieta (%)
Janeiro	— pasto verde	100	10
Fevereiro	— pasto verde	100	10
Março	— pasto verde	70	
	— pasto amadurecido	30	7
Abril	— pasto verde	50	
	— pasto amadurecido	50	6
Maio	— pasto verde	20	
	— pasto maduro	80	5
Junho	— pasto envelhecido e queimado pelo frio	100	4
Julho	— pasto envelhecido e queimado pelo frio	100	4
Agosto	— pasto envelhecido e queimado pelo frio	100	4
Setembro	— pasto verde	40	
	— pasto envelhecido e queimado pelo frio	60	7
Outubro	— pasto verde	100	11
Novembro	— pasto verde	100	11
Dezembro	— pasto verde	100	11

e dois quilos de semente de trevo por hectare. Em lavoura consorciada com ervilhaca, utilizar sempre os mesmos 15 quilos de semente de azevém e mais 30 quilos de semente de ervilhaca por hectare.

### COMO SEMEAR

A semeadura das forrageiras pode ser feita de três maneiras: usando o cultivo convencional — lavragem e gradagem —, o plantio direto e a sobressemeadura. O produtor pode fazer o plantio direto de aveia, azevém e trevos, com a utilização de máquina sobre a resteva das culturas de verão. Já a sobressemeadura é o plantio direto de aveia, azevém e leguminosas sobre campo nativo ou sobre pastagens cultivadas, tais como: quicuí, bermuda e a pensacola.

A sobressemeadura pode ser feita com a semeadura do plantio direto ou simplesmente a lançar, jogando a semente sobre a pastagem. Quando a lançar, o produtor pode passar uma grade ainda fechada sobre o pasto ou então, colocar animais, para que através do pisoteio, enterrem a semente.

O uso de adubação correta é muito importante para que o produtor consiga obter uma pastagem de boa qualidade e rendimento. A quantidade de adubo deverá ser um pouco maior nos casos em que for feita a sobressemeadura.

### AS OPÇÕES PARA O PERÍODO

O João Miguel sugere algumas opções de alimentação equilibrada, para os meses mais críticos do ano. Em termos de alimentação animal, baseado em pastagens da região, os produtores podem usar:

ções de alimentação equilibrada, para os meses mais críticos do ano. Em termos de alimentação animal, baseado em pastagens da região, os produtores podem usar:

● **Mês de abril** — Usar silagem ou feno de leguminosas — alfafa — ou leguminosas cortadas no cocho — guandu, crotalaria e leucena — ou ainda o pastejo direto de milho semeado em fevereiro. Também pode fazer o pastejo direto de pastagem cultivada de boa qualidade que foi deixada sem utilização desde janeiro/fevereiro — setária, panicum, bermuda, guenoaro ou capim elefante.

● **Mês de maio** — As três primeiras opções do mês de abril são válidas para maio.

● **Mês de junho** — Silagem ou feno de leguminosas, pastejo direto de aveia pura ou consorciada com ervilhaca, trevos ou sincho, semeados em fins de março e início de abril.

● **Mês de julho** — O sistema de alimentação pode ser semelhante ao utilizado no mês de junho, acrescentando, porém, o pastejo direto de azevém puro ou consorciado com trevos e semeado em abril.

● **Meses de agosto e setembro** — Pastejo direto das pastagens cultivadas de inverno.

Como observamos, explica o agrônomo, a partir do mês de maio, já é possível fornecer forragens de alta qualidade aos animais a partir das pastagens cultivadas de inverno.

# Silagem: alimento garantido

A pequena disponibilidade de pastos no fim de outono e início de inverno vem demonstrar na prática que a conservação de forragens é de grande importância nessa época do ano, principalmente para a alimentação do rebanho leiteiro. Um método de conservação de forragens simples, eficiente e comumente usado na região é o da ensilagem. É um processo antigo de conservação de forragem que tem como princípio a fermentação da planta, cortada e armazenada com um conteúdo de água nunca superior a 70 por cento.

Mas para que esse processo seja eficiente, o João Miguel de Souza, agrônomo e gerente de Produção Vegetal da Diretoria Agrotécnica da Cotrijun na Regional Pioneira, recomenda muito cuidado na escolha da planta antes para o sucesso da conservação da forragem a adubação usada, a fragmentação — picagem — do material, o ponto de ensilagem da planta — conteúdo e qualidade —, o tipo de silo utilizado, a compactação da massa ensilada para retirar o ar e a vedação do silo.

### O MILHO, O MELHOR

A melhor planta para ensilagem,

segundo o agrônomo, é o milho. Ele traz como vantagem que o diferencial das demais plantas, um alto grau de açúcar, responsável pela boa fermentação. "O milho está no ponto de ser ensilado, explica João Miguel, quando se apresentar com o grão em estado farináceo duro". Nesse ponto ele apresenta menos água, mais matéria seca e maior percentagem de espiga, como mostra o quadro abaixo.

Outra opção para uma ensilagem de boa qualidade, recomendada pelo João Miguel é o sorgo. Se semeado no cedo, além de ser usado para ensilagem, ele poderá fornecer uma rebrota para a produção de grãos ou para uma nova ensilagem. O milho também pode ser ensilado, embora a pequena quantidade de grãos possa comprometer a qualidade da ensilagem.

O capim elefante para ser ensilado deve sofrer um pré-amadurecimento para perder a umidade. Essa prática impossibilita o corte mecânico da planta. Também é possível, segundo o agrônomo, adicionar a silagem de capim elefante materiais com elevada matéria seca, como por exemplo, o milho grosseiramente moído na

proporção de 20 por cento da ensilagem

### AS GRAMÍNEAS DE INVERNO

Algumas gramíneas de inverno como as aveias e azevém estão sendo utilizadas, em algumas regiões, para ensilagem. No entanto, não têm apresentado bons resultados. "Essas gramíneas, explica João Miguel, apresentam algumas limitações, pois quando atingem o ponto de ensilagem — quando o grão está duro —, a qualidade de sua forragem é muito baixa. Antes disso, a umidade das plantas é muito elevada".

As tentativas de consorciação de milho com leguminosas para a elevação do teor da proteína da silagem, não têm se mostrado muito eficientes. O que acontece nestes casos, segundo o agrônomo, é que o nitrogênio ele-

va-se pouco, aumenta a umidade da silagem e diminui o teor de açúcar.

Sempre que o objetivo da lavoura for a ensilagem, o João Miguel recomenda um aumento na população da planta e da adubação. Na adubação de cobertura do milho para ensilagem ele recomenda, além do nitrogênio (uréia) o potássio (cloreto de potássio), sempre na mesma proporção.

O silo tipo trincheira — escavado em encosta — promove menor perda que o silo tipo superfície. O enchimento dos silos deve ser rápido, tomando o cuidado de fazer uma boa compactação com o uso de um trator. Para evitar a entrada de ar após o fechamento do silo, o agrônomo recomenda a colocação de material pesado como terras, sacos de areia, por cima da lona de plástico.

Estágio de maturação do milho	Matéria seca (%)	Quantidade de espigas (%)	Produção diária de leite (Kg)
Leitoso	25	37	17,2
Farináceo	30	47	18,4
Farináceo duro	33	51	19,1

Fonte: Huber J. T. 1980

# Benefícios indiretos

"Face as perspectivas de mercado e aos benefícios que a colza produz quando em sistema de rotação de culturas, entendemos que é uma alternativa viável para o cultivo na região". A afirmação é do agrônomo e pesquisador do Centro de Treinamento da Cotrijuf, o Luís Volney Mattos Viau, embora reconheça que nos últimos anos não tenha havido nenhuma expansão na área de cultivo da região.

Para o agrônomo, é preciso mudar um pouco a visão dos agricultores em relação a cultura. "A nossa preocupação tem sido no sentido de fazer o produtor entender que a colza deve ser inserida dentro de um sistema de rotação de culturas para proporcionar benefícios para as culturas seguintes, diz. Como exemplo, ele cita o caso do milho. Existem resultados demonstrando que o milho, quando plantado depois da colza, apresenta excelentes resultados. O próprio trigo é muito beneficiado quando cultivado após a colza. "São esses benefícios, explica, de ordem indireta e que o produtor precisa entender, que a colza proporciona às culturas seguintes".

## AS INTENÇÕES

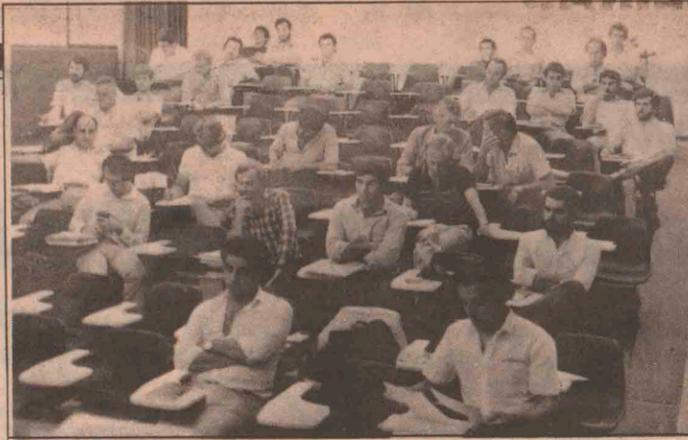
Pelas intenções de plantio para a área de ação da Cotrijuf, Regional Pioneira, a colza deverá ocupar, nesta safra, algo ao redor de 4.000 hectares, contando não apenas as áreas destinadas à produção de grãos, como também para cobertura de solo. "A nossa orientação, diz o Volney Viau, é para que o produtor não deixe nenhuma área descoberta neste inverno. É com este objetivo, segundo o

agrônomo, que o CTC vem buscando opções para preencher estas áreas durante o período da estação fria. "Nas nossas condições de clima e solo, não se admite que ainda hoje, áreas fiquem sem cobertura vegetal" e, entendemos que a colza, ao lado da aveia e outras forrageiras, cumpre um papel importante dentro deste contexto", esclarece.

## MELHORAMENTO GENÉTICO

Reunidos pela 6ª vez, os pesquisadores que integram a Comissão Estadual da Colza, além de analisarem os resultados obtidos com a cultura na safra passada e programarem os trabalhos de pesquisa para esse inverno, chegaram a uma importante conclusão: é preciso trabalhar mais na área de melhoramento genético da colza. A Comissão Estadual existe desde 1981 e conta com pesquisadores da Cotrijuf, Embrapa, Secretaria da Agricultura do RS e Fecotrijo. A reunião aconteceu no dia 15, na Cotrijuf.

Nesses 9 anos de cultivo da colza no Estado, segundo o Volney Viau, ainda não surgiu uma outra variedade que superasse a CTC-4 criada pela Cotrijuf no Centro de Treinamento e lançada em 1978. "Essa é ainda a melhor variedade que temos, diz o pesquisador. Justamente por essa razão, a Cotrijuf e a Embrapa, as duas instituições que atuam nessa área de melhoramento genético, vão procurar, daqui para frente, intensificar seus trabalhos no sentido de obter variedades novas com características superiores a CTC-4.



Na reunião anual, a necessidade de desenvolver nova cultivares

# Novas cultivares

A cultura da aveia, dentro das alternativas de inverno viáveis para a região, também tem sofrido oscilações nos últimos anos, tanto a nível de área como de produtividade. Na safra anterior, por exemplo, a área de cultivo na Região Pioneira da Cotrijuf não passou de 2.400 hectares, contra os 15 mil hectares cultivados em 82. Toda essa variação de área, segundo o pesquisador do Centro de Treinamento da Cooperativa, o Luís Volney Mattos Viau, tem muito a ver com a instabilidade de produção da aveia. As condições climáticas adversas, proporcionando o aparecimento de moléstias, vem sendo apontado como um fator limitante para a sua expansão.

Mas de qualquer forma, segundo Volney Viau, a posição da Cotrijuf em relação a cultura é de continuar procurando incrementar o seu cultivo. "A aveia, diz ele, já é uma cultura consolidada na região como forrageira; queremos continuar dando incentivo à produção de grãos".

## NOVAS CULTIVARES

Na última reunião da Comissão Sulbras-leira da Aveia, integrada por instituições oficiais e privadas do Sul do país (Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná), da qual a Cotrijuf faz parte, ficou estabelecido a necessidade de se incrementar o programa de desenvolvimento de novas cultivares, apesar dos avanços já conquistados nestes últimos 10 anos. A reunião anual da Aveia aconteceu, pela segunda vez consecutiva, na Cotrijuf em Ijuí, nos dias 23 e 24 de abril.

As únicas instituições do sul do país que estão trabalhando na área de melhoramento genético da aveia são a Cotrijuf, a Universidade Federal do Rio Grande do Sul e a Universidade de Passo Fundo. Novas cultivares viriam substituir as variedades tradicionais, proporcionando um incremento da área de plantio em nossa região. Outros materiais que ainda estão sendo trabalhados no CTC, têm apresentado, a nível de experimentação, resultados superiores a 3.000 quilos por hectares.

## MUITAS DIFICULDADES

Uma nova cultivar de aveia não se cria em menos de oito a 10 anos, isso, correndo tudo bem. Fora o tempo, os pesquisadores geralmente encontram outras dificuldades pela frente, pois além de procurar desenvolver uma cultivar altamente produtiva, é preciso associar grãos de qualidade, visando a sua boa aceitação no mercado. "De nada adianta ter alto potencial produtivo, se o grão não é de boa qualidade. E quanto maior o número de caracteres que se tem de melhorar numa cultivar, maiores as dificuldades", explica.

Diante das dificuldades de se obter sementes, uma vez que não se plantou quase nada de aveia na região, a Cotrijuf teve de buscar sementes em outras regiões. "A nossa expectativa, diz ainda o pesquisador, é de que para o próximo ano, algumas variedades criadas pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul e Universidade de Passo Fundo, já possam ser distribuídas entre os produtores para a produção de sementes".

# Troca de semente por produto

Troca de leite por semente de alfafa e insumos. Este é mais um sistema de prestação de serviços que a Cotrijuf, desde o início de abril, está colocando à disposição dos produtores envolvidos na atividade leiteira. "Queríamos, ao criar esse novo sistema de prestação de serviço, diz o João Carlos Schiffer, veterinário e responsável pela atividade de Pecuária de Leite da Cotrijuf, Regional Pioneira, colocar à disposição do associado mais uma alternativa de alimentação para a propriedade, principalmente para este período do ano, quando a produção chega a cair pela metade".

Pelo novo sistema de troca de produto, que não chega a ser mais um programa cooperado, mas deverá funcionar de maneira semelhante, os produtores envolvidos na atividade e que se interessarem em participar da permuta, têm o direito de levar a semente e o calcário. Caso não necessitem do calcário, podem levar apenas a semente nas quantidades necessárias e mais o valor do calcário em fertilizantes. E se não precisarem nem de calcário ou de fertilizantes, podem levar apenas a semente.

## PRAZO DE PAGAMENTO

O produtor terá um prazo de seis meses (seis parcelas), para realizar o pagamento da semente e dos insu-

mos. Como o total da dívida, correspondente a semente e aos insumos, será transformada em litros de leite, esse pagamento será feito de forma automática e descontado na folha de leite. Quer dizer: o valor da prestação será descontado na folha de pagamento do leite.

Todos os produtores de leite podem fazer parte deste sistema, desde que se interessem e se sujeitem a respeitar certos critérios. Por exemplo: o limite máximo para cada parcela — não para o volume total da dívida — não poderá ultrapassar a metade do volume de recursos alcançados com a folha de leite de março. Se um produtor interessado em plantar alfafa alcançou, no mês de março, uma receita de Cz\$ 2.000,00, o valor de cada parcela não poderá ultrapassar a Cz\$ 1.000,00. Quem retirar a semente em abril, começa a pagar em maio e termina em outubro.

As áreas a serem plantadas com alfafa, no caso, deve ser de acordo com as necessidades de cada produtor. A previsão, segundo o veterinário João Carlos, é do uso de 15 quilos por hectare de semente de alfafa e 10 toneladas de calcário para a correção dessa área. "Isto significa que se ele for plantar dois hectares de pasto, terá de adquirir 30 quilos de sementes e 20 toneladas de calcário

ou valor correspondente em fertilizantes", explica.

## CUSTOS

O João Carlos avisa, no entanto, que será cobrado, de cada produtor, uma despesa financeira — também transformada em produto —, de acordo com as duas tabelas abaixo. Se um produtor pegou apenas semente para o plantio de um hectare, o valor da primeira parcela — a ser paga no final de junho — corresponderá a produção entregue em maio, ou seja, 140 litros de leite. A segunda parcela, vai corresponder a 157 litros de leite e assim

por diante.

Se ele usar semente e o calcário ou o valor deste em fertilizantes, para saldar a primeira parcela, terá de entregar 315 litros de leite ao final do mês. Mas se levar semente para menos de um hectare de lavoura, o valor da prestação vai ser de acordo com a quantidade de litros de leite multiplicada pelos quilos de sementes. O produtor deverá usar para fins de cálculo, as segundas colunas das tabelas, ou seja: 10 quilos de sementes vão corresponder a 83,3 litros de leite. Este deverá ser o valor da primeira parcela.

## QUADRO 1 - SEMENTE

MÊS	POR HA	POR KG DE SEMENTE	POR DIA
Abril	125 L	8,33 L	4,17 L
Maio	140 L	9,33 L	4,67 L
Junho	157 L	10,47 L	5,23 L
Julho	177 L	11,80 L	5,90 L
Agosto	199 L	13,27 L	6,63 L
Setembro	224 L	14,93 L	7,47 L
Outubro	252 L	16,90 L	8,40 L

## QUADRO 2 - SEMENTE MAIS CALCÁRIO

MÊS	POR HA	POR KG DE SEMENTE	POR DIA
Abril	280 L	18,67 L	9,33 L
Maio	315 L	21,00 L	10,50 L
Junho	354 L	23,60 L	11,80 L
Julho	398 L	26,53 L	13,27 L
Agosto	448 L	29,87 L	14,93 L
Setembro	504 L	33,60 L	16,80 L
Outubro	567 L	37,80 L	18,90 L

# A capital da erva quer manter o título

O espaço cultural e econômico da árvore mais famosa do sul foi o primeiro objetivo da IV FENAMATE e IV Chimarrão da Canção Missioneira, realizado de 24 a 26 de abril, em Coronel Bicaco.



A presença constante da Cotrijuí

Além das tradicionais atrações que caracterizam a festa da erva-mate em Coronel Bicaco e que conferem ao município o título de capital nacional da "ilex paraguariensis", a IV FENAMATE e o IV Chimarrão da Canção Missioneira trouxeram ao público uma notória posição: a de viabilizar, concretamente, o título a que hoje ostenta. Por isto, neste ano, a fora os produtos das oito ervateiras da região, do artesanato, dos livros, dos produtos coloniais e da apicultura, os cerca de 10 mil visitantes tiveram a oportunidade de conhecer a história da erva-mate e a importância do desenvolvimento da sua produção para a economia da região e também do Estado.

Já no primeiro dia da Festa, após a abertura oficial feita pelo presidente da Comissão Central, o gerente da Unidade de Bicaco, Antônio Jorecy Flores, do presidente do IV Chimarrão, Aramis dos Santos Porto e do prefeito, João Venildo dos Santos, foi realizado o Painel sobre erva-mate, e apresentado o Manifesto Técnico da IV FENAMATE, onde destaca-se a grande redução do plantio de erva-mate e necessidade de incentivos para a cultura, principalmente por parte do Governo, no que diz respeito a crédito e assistência técnica.

## DESCARACTERIZAÇÃO

Conhecido como um dos maiores municípios produtores de erva-mate, Coronel Bicaco, na realidade, diminuiu um pouco esta posição, principalmente quando a cultura perdeu o seu poder de comercialização. Segundo o relato dos mais antigos habitantes "a única coisa que dava dinheiro era a erva", que, sendo nativa, ocupava grande parte das terras. O período de ouro da erva-mate, no entanto, acabou, juntamente com outras culturas, quando a mecanização da lavoura e o uso excessivo de insumos, no início da década de 60, modificou a paisagem da região, substituindo os muitos ervais pela soja, o trigo e o milho.

Mesmo com a sensível redução da área de cultivo da erva, que hoje não ultrapassa os 100 hectares na região, algumas famílias não perderam a tradição do comércio, assim como antigos produtores também mantiveram seus ervais. Um deles é João Walter Bueno da Silva, suplente de representante da Unidade de Bicaco, Proprietário de sete hectares na Vila São Pedro, João Walter diz que, mesmo em área tão reduzida,

sempre reservou espaço e dedicação para um pequeno erval, de onde produz, por safra, cerca de três mil quilos. Lembrando em que "dos Martins para os Mariano, tudo era escuro de erva", João Walter explica porque há necessidade de importar matéria-prima para cultivar o hábito do chimarrão. "A turma destruiu os ervais por falta de preço. Só manteve mesmo quem gostava, o resto deu lugar para a soja. Meu sogro quando era novo, não vencia cortar o erval a cada ano".

Se muitos abandonaram o cultivo da erva, a indústria, por sua vez, se manteve ou até mesmo cresceu. Hoje a região e também outros municípios do Estado, e até do Brasil, são abastecidos pelas marcas Pindaré (Campo Novo), Serra Verde, Longa Vida, Sempre Verde, Bom Dia, Barão Verde, Pampa e Querência, (Coronel Bicaco) e Verdinha (Redentora). A maioria destas indústrias, contudo, não possuem um suporte de produção local, ou seja, apenas 30 por cento da erva ali industrializada é produzida pela própria região, sendo 70% importada de Santa Catarina e Paraná. Como resultado do passeio, a erva socada em Bicaco, torna-se até mais cara e sem um controle de qualidade mais rígido, uma vez que, aos custos do cancheamento — secagem e trituração da planta — feito longe do município, somam-se os altos custos do transporte. Além da defasagem de produção, ainda outras questões emperram o desenvolvimento do mercado local. Uma delas seria a forma de relação entre produtor e engenho, como aponta o levantamento realizado pelo departamento Técnico da Cotrijuí, por ocasião do seu projeto de erva-mate. Segundo o relatório, os oito soques existentes em Bicaco "têm dificuldades para abastecer a produção do município e da região, devido as relações de produção entre produtor-engenho estarem muito pouco desenvolvidas, predominando o sistema de troca e venda de sobras nos pequenos volumes e, nos maiores, os ervateiros melhor estruturados de outras regiões adquirem a produção".

## ESFORÇOS

Além do sistema empírico de troca

e venda, a falta de um preço fixo da arroba de erva dificulta as relações de mercado, levando o produtor a vender fora do município. Tentando resolver o problema e buscando maior eficiência, algumas indústrias procuram uma maior estruturação.

Ervateiros como Eloá — ranzo Vieira, da tradicional indústria de erva Bom Dia e Deliciosa, procuram investir em produção própria. "É o meu maior investimento", diz Eloá que, recentemente, adquiriu uma pequena secadora elétrica, no valor de 700 mil cruzados para substituir os seus antigos barbaquás. Com 17 hectares de erva plantada em linha e outros cinco de erva nativa, Eloá afirma que nos últimos anos, a procura aumentou muito, sendo, cada vez mais necessário um aumento na produção. Atualmente somente em Bicaco são consumidos 11 toneladas de erva-mate, das quais, Eloá participa com grande parte das suas 100 mil toneladas anuais. Este volume, no entanto, não é coberto pelo seu erval. E é a partir daqui que os ervateiros locais começam a perder para outros Estados, sendo que o seu preço de compra de arroba tem sido inferior, enquanto pagam um preço mais alto pela secagem e pelo cancheamento em outras regiões. Atualmente, segundo Eloá, paga-se três cruzados o quilo em Palmeira e 25 cruzados, em Santa Catarina. É por esta razão que a ervateira está investindo na secadora que, além de reduzir os custos do transporte, faz a secagem de uma tonelada e meia por hora, enquanto o barbaquá gasta 24 horas.

## PERSEVERANÇA

De outro lado estão os produtores, ou os maiores responsáveis pela caracterização do município como capital da erva-mate e que hoje, praticamente, abandonaram a cultura. Com raras exceções, existem aqueles como Adão Marques, que há 15 anos atrás se recusou a arrancar os pés de ervas. Hoje, o morador de Esquina São João que começou a plantar erva-mate há mais de 30 anos, tem uma área de cinco mil pés, dos quais, sua produção é vendida em Santo Angelo, Palmeira, Campo Novo e outros. Adão se lembra ainda dos conselhos da época "derruba isso aí, não vale mais nada. Mas eu nunca derrubei e até disse para não fazer isso", afirma. Convicto de certas leis da experiência, o produtor somente faz o corte da erva na lua cheia e crescente de maio. Corte em janeiro, "só em pé do meio do mato, e com facão que, depois de afiado, é passado na água". Tanto cuidado com a erva é explicado também pelos seus rendimentos, pois para somar "o que se consegue em três hectares de erva, é preciso, em soja, mais de 10 hectares.

Mas não é só o Adão Marques que valoriza a erva-mate. Em Braga, Ari Maffi, que tem um erval de dois hectares pra consumo doméstico, diz que a "extinção foi feita pela falta de preço, mas, hoje, ela volta a ter futuro". Ari faz questão de ressaltar, que não se deve ocupar grandes espaços com o erval, e sim desenvolver programas de incentivo à cultura. Em Braga, por exemplo, a prefeitura tem um viveiro, de onde são distribuídos as mudas, com



Novos métodos para os ervais do seu Adão e Dona Georgina Marques e seu Ari Maffi

assistência técnica, para promover uma produção organizada.

## INCENTIVO

Esta preocupação do Ari Maffi que encontra eco no programa hoje desenvolvido pela Unidade da Cotrijuí de Bicaco, foi sem dúvida o ponto alto da IV FENAMATE. Uma política definida para a erva-mate é fundamental, afirma o Neuri Frozza, do Departamento Técnico, lembrando igualmente da importância de uma promoção cultural a nível de município, onde os incentivos sejam mais do que uma festa promocional. Para o presidente da Comissão Central, Antônio Flores, o sucesso da FENAMATE é a certeza de que para continuar a festa, "temos que partir para um sistema de produção que garanta o título. Pela Cotrijuí, o projeto de erva-mate se encaixa no processo de diversificação da propriedade mostra que temos condições de ser a Capital da erva-mate".

## Mudas por estaquia

Discutir a cultura da erva-mate e apresentar aos produtores e técnicos da região as novidades que a pesquisa tem feito, com também destacar a importância da recuperação do cultivo deste produto, devastado com a entrada da soja na região. Estes foram os objetivos principais do Painel sobre Erva-Mate, realizado durante a primeira tarde da IV FENAMATE, com a participação de pesquisadores do Centro Nacional de Pesquisas Florestais — CNPF, da Unidade da Embrapa — Colombo, no Paraná e também do IBDF. Organizado pela Comissão Técnica da Feira, formada pela Cotrijuí e EMATER, o Painel teve início com a leitura do Manifesto Técnico, que solicita maior atenção para a cultura, por parte dos responsáveis pelo setor agrícola do Estado.

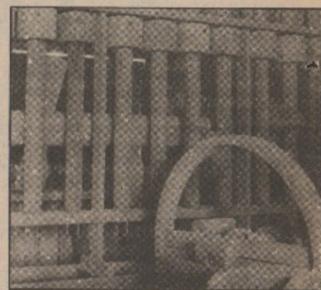
Após a manifestação, o pesquisador e chefe do CNPF, Antônio Capanezi, falou sobre as novas técnicas de preparo de mudas, que têm como inovação o método da estaquia e da cultura de tecido. Através do primeiro método de reprodução vegetativa de mudas, o CNPF conseguiu obter mudas de erva-mate enraizada, em apenas dois meses, enquanto com a semente a muda leva até dez meses para se formar. Segundo o pesquisador, a estaquia é uma alternativa de melhoramento genético, que poderá elevar a produtividade dos ervais, aumentando a oferta de mudas, que hoje é um dos problemas mais sérios da cultura, e estimulando os produtores a fazerem reflorestamento com erva-mate. Já a cultura de tecido é um método que visa obter mudas de uma

pequeníssima parte da planta, não contaminada por doenças, e em curto espaço de tempo. Além disso, na cultura de tecido, uma só matriz (a planta-mãe) pode ser a geradora de milhares de mudas, que serão idênticas àquela de boa qualidade. Capanezi mostrou ainda a importância da boa qualidade de mudas e a maneira correta de se obter mudas mais resistentes e produtivas.

Um outro pesquisador do CNPF, Edson Tadeu Iede, apresentou as formas de poda da erva-mate, com condução da planta já a partir do primeiro ano, e para posterior aproveitamento de corte todos os anos, mantendo a planta com baixa estatura. Outro assunto desenvolvido pelo pesquisador foi o controle de pragas, principalmente da cochonilha-de-cera, ampolada-erva-mate, lagarta-da-erva-mate e broca-da-erva-mate. O projeto de incentivo à cultura da erva-mate, busca ainda novas tecnologias para as diferentes etapas do cultivo, onde se destacam os estudos em conservação genética, seleção de árvores de qualidade superior, propagação vegetativa, nutrição mineral e adubação.

Finalizando o Painel, o representante do IBDF, Antônio Soares, de Porto Alegre, salientou que o órgão tem o objetivo de difundir cada vez mais o plantio de essências nativas no Estado, e entre elas a erva-mate. Para Antônio Soares, o IBDF tem um papel maior a cumprir no incentivo e assistência para o reflorestamento, e não ser um fiscalizador, papel este que cabe a polícia.

## Cotrijuí tem propostas



O soque com 12 mãos de pilão

O roteiro do levantamento feito pelo Departamento Técnico da Unidade incluiu também a área de produção da erva, com o número de plantas em cada município, a idade dos ervais e as épocas de corte mais frequentes na região. A conclusão desta etapa, já observou que "considerando o espaçamento médio de 2,5 x 4 metros, o que soma mil plantas por hectare, a região tinha apenas 95,7 hectares ocupados com erva-mate, sendo insuficientes para abastecer os soques já estabelecidos". Além disso, as regras de corte, que visam também um aumento da área, juntam-se a fatores de comercialização, como a relação entre produtor e indústria e a perda de 50% no sapeco e cancheamento, sobrando das 300 toneladas produzidas na região, apenas 250 toneladas de matéria-prima para serem utilizadas pelos engenheiros e beneficiadores. A carência de produção local leva as ervateiras, como a Pindaré, de Campo Novo, que produz 150 mil quilos por mês, a importar 80% da matéria-prima de Santa Catarina e 5% do Paraná, afirma o Departamento Técnico.

## AS EXPERIÊNCIAS

A todas essas informações do Departamento Técnico, foram relacionadas também, as experiências mantidas pela Unidade, através de dois ervais. Um com 74 pés de erva, produz 105 quilos de erva cancheada, estando bem acima da média regional. O outro, com 277 pés de um ano, que somente na poda de formação, já produziu 75 quilos de erva cancheada, com um potencial de 500 quilos. Baseados neste trabalho e já contando com parte do equipamento, o Departamento Técnico partiu para a execução do projeto, sem

deixar de fazer alguns alertas em relação as propostas. Uma delas é de que a industrialização e comercialização da erva deve ser encarada como mais uma opção para os associados e para a diversificação de atividades na Cotrijuí, mas com dimensões modestas. Já o aumento da produção e uma busca de mercado só poderão vir, segundo o relatório, após a afirmação da marca e da multiplicação da área plantada com erva na região, pelos associados. Enquanto isto não ocorre, deve haver um critério definido para a compra de erva-mate destinada a pequena indústria própria, que fuja aos critérios da troca simples e que sejam combatidas as propostas dos grandes ervateiros".

## PROJETO

O projeto da Cotrijuí de Coronel Bicaco, que há tempos vem sendo discutido e elaborado, estende-se para toda a região como uma retomada da cultura nativa, amparada por uma política definida de créditos e de preço. Além da falta de uma promoção cultural prática, é necessário que todas as instâncias políticas e administrativas do município participem do projeto, até mesmo pela criação de viveiros, afirma o Neuri Frozza, técnico responsável pelo projeto.

Pela Cooperativa, o programa tem, hoje, a participação de mais de 15 produtores, com acesso a mudas e assistência técnica e quer, além do apoio da prefeitura e do Estado, uma maior qualidade do produto. Segundo Frozza, "não são poucos os casos de adulteração da erva consumida em toda a região. Um exemplo é a "mistura de leguisto ou caína na erva que está sendo cancheada. A última, mesmo pertencendo

do a família da erva-mate, não é a própria e não tem fácil identificação".

Esperando uma boa produção para este ano, o Departamento Técnico de Bicaco já tem mudas à disposição dos associados, para o cultivo de novos ervais ou ampliações de outros. Com o início do plantio agora em maio, e que se estende até agosto, os produtores recebem também as orientações como o cuidado na praga, e na proteção da água e do sol. Estes, por sinal, muito importantes, uma vez que a erva-mate no campo nativo já tem a proteção do mato, portanto, quando transferida para campo aberto, a sombra e as formigas são os maiores cuidados. Visando ainda maiores rendimentos para o produtor, Frozza faz as comparações da erva-mate com a soja, onde se destacam os poucos investimentos, pequenos custos com a mão-de-obra da propriedade, bons resultados para a economia familiar.

Para a implantação do programa da erva, a Unidade de Bicaco possui um soque de 12 mãos de pilão e três cochos, adquirido no ano passado pelo valor de 13 mil cruzados, faltando agora o equipamento de cancheamento, que pode ser conseguido através de um projeto comunitário. Mas o programa não pára por aqui. A pesquisa também faz parte, permitindo um melhor direcionamento da produção, através de novos métodos, como espaçamento menores entre uma planta e outra, e um período mais curto para o corte, do que o atualmente utilizado. Esta parte começou a ser cumprida a partir desta IV FENAMATE, pois o pessoal da área técnica da Cotrijuí teve oportunidade de entrar em contato com outros centros de pesquisa de locais onde existem ervais conduzidos. Finalizando, Frozza diz: "já que Bicaco é a capital da erva-mate, é preciso ter um planejamento a nível de município com política definida".

## Apelo ao Governo

O texto a seguir foi entregue a todas as autoridades, entre as quais os representantes do Governo do Estado e da Secretaria da Agricultura.

### MANIFESTO TÉCNICO

Neste momento em que a atividade agrícola está se tornando uma bandeira de lutas políticas, o Estado do Rio Grande do Sul, por natureza essencialmente agrícola, sofre constantes reveses econômicos em todos os setores. E isto evidencia-se à medida que ocorre um enfraquecimento no potencial produtivo do Estado, face principalmente ao descaço a que o setor rural foi levado. É cada vez mais forte e rápida a importação de alimentos por parte do Estado, onerando-o com altos custos financeiros, que poderiam ser facilmente evitados, caso existisse uma política agrícola definida para cada cultura.

Sentimos hoje que, no caso da cultura da erva-mate, o Estado, embora

seja tradicional consumidor do produto, necessita importar 70% de outros Estados.

Para um Estado que já foi o maior produtor de erva-mate do país, tal situação leva-nos a crer que devam ser tomadas medidas políticas e técnicas para que a cultura volte a florescer no Estado e na região.

A exemplo de Coronel Bicaco, hoje totalmente descaracterizado do título de Capital da Erva-mate, visto não existir aqui produção em grande escala. Para que isto seja uma realidade e, e muito mais, uma alternativa viável aos produtores rurais, entendemos que os setores responsáveis pelo planejamento da agricultura gaúcha devam dar uma maior atenção a erva-mate, no que tange a crédito, assistência técnica,

permitindo assim que a erva-mate seja cultivada, da mesma forma que se faz com guaraná, cacau, pimenta e outras culturas que para isto possuem crédito agrícola.

Desejamos, que a IV FENAMATE venha realmente servir de incentivo à produção de erva-mate, e que as autoridades tomem a resolução de colocar a sua cultura em destaque, da mesma forma que se tem o chimarrão como fator integrante da cultura gaúcha, caso contrário, as feiras promovidas a partir da cultura da erva-mate, perderão a razão de existir.

Para isso, queremos que esta IV FENAMATE marque um novo momento para a retomada da cultura da "ilex paraguariensis" no Rio Grande do Sul.

Juarez Gavioli — Emater  
Neuri Frozza — Cotrijuí  
Antônio J. Flores — presidente da FENAMATE/87

# Uma preocupação de todo o dia

Rivaldo Dhein

Estamos novamente na época de preparo do solo e plantio das culturas de inverno. Uma análise de distribuição das chuvas e de sua erosividade — potencial de produção de erosão —, ao longo do ano, no município de Ijuí, revela que há uma concentração elevada de chuvas erosivas no período que vai de setembro a dezembro, coincidindo com a época de preparo do solo e plantio da soja e do milho. Contrariamente, na época de plantio das culturas de inverno, as chuvas são menos erosivas, especialmente as que ocorrem em abril, maio e junho, sendo o mês de julho uma exceção dentro deste período. Tecnicamente, recomendamos que, sempre pelo maior período de tempo possível, a terra permaneça coberta de vegetação, sem ser revolvida.

Existem, entretanto, ocasiões em que grandes mobilizações do solo são necessários, como por exemplo nos casos de necessidade de eliminação das camadas compactadas sub-superficiais (pé-de-arado — pela subsolagem a 25/30 centímetros); correção da acidez do solo pela incorporação de calcário mediante lavração profunda; construção de terraços de base larga e “fechamento” mecânico de barrocas. Nestas ocasiões e sempre que necessário a execução destas práticas, a época ideal é agora, no outono e inverno.

Na primavera e verão, devemos evitar ao máximo as grandes mobilizações do solo, optando sempre pelo cultivo mínimo. O plantio direto, com prática conservacionista, é o mais eficiente.

## ÁREAS DESOCUPADAS

Ainda contribuem para a preferência por esta época do ano para a execução destas práticas, o maior período de tempo disponível e a área de terras desocupadas. O tempo disponível entre a colheita das culturas de verão e o plantio de inverno é mais amplo. Por outro lado, as culturas de inverno não têm ocupado mais do que 50 a 55 por cento da área total ocupada pela culturas de verão.

Claro que a distribuição das chuvas referidas anteriormente, é o que ocorre normalmente na região e, como toda a regra, tem suas exceções. Basta, por exemplo, observar o que aconteceu neste último mês de abril: bastante chuvoso com precipitações excepcionalmente erosivas. Como que por ironia, neste dia 15 de abril, Dia Nacional da Conservação do Solo, tivemos 98,5 milímetros de chuvas — já que no dia 11 choveu 117,7 milímetros —, concentrando-se 50 milímetros em apenas 28 minutos. Isso corresponde a uma chuva de 107 milímetros por hora. Sem dúvida alguma, uma chuva erosiva.

## A UMIDADE DO SOLO

Além de estarmos prevenidos para estas exceções, devemos ter sempre presente a importância da umidade do solo no momento de trabalhá-lo. Esta época do ano, normalmente tem se caracterizado por apresentar os menores índices de radiação solar e tempera-



O terraço de absorção em lugar do terraço de base estreita

turas mais baixas. Por essa razão, os solos levam mais tempo para secar e, não podemos esquecer de que os solos trabalhados fora de sua umidade ideal, sofrem degradação física e compactação. A umidade ideal para trabalhar a terra, é aquela em que não há poeira e nem aderência aos implementos. Somente nestas condições é que devemos entrar na lavoura.

Esta observação em relação a umidade do solo por ocasião do seu preparo, é fundamental para a sua conservação, assim como o são outras práticas muito simples e acessíveis. Dentre estas práticas e/ou cuidados que vêm sendo recomendados pelo Departamento Agrotécnico da Cotrijuí, podemos destacar: a não queima ou manutenção das restevias na lavoura; a eliminação de camadas compactadas — pé-de-arado — pela sub-solagem a 25/30 centímetros; cultivo mínimo — especialmente o plantio direto; preferência pelo uso dos implementos de dentes em relação aos discos e da rotativa (esta deve ser evitada ao máximo); o mínimo trânsito de máquinas sobre a lavoura; a rotação de culturas — incluindo plantas com sistema radicular profundo e abundante; adubação verde e adubação orgânica com resíduos animais e/ou vegetais e o mínimo uso de agrotóxicos.

## MAIS IMPORTANTES

Todas estas práticas em conjunto, são significativamente mais importantes que o terraceamento para a conservação do solo. O terraceamento, de forma isolada, é muito pouco eficiente no controle da erosão. Claro que devemos ter presentes que erosão não significa “abrir barrocas” ou sulcos na lavoura.

Tudo isso é do conhecimento do agricultor associado da Cotrijuí mas, mesmo assim, merece ser lembrado freqüentemente. Este ano, a própria natureza nos lembrou, fazendo com que o Dia Nacional de Conservação do Solo — 15 de abril —, tivesse problemas com chuvas torrenciais. Parece que a natureza quis chamar a atenção para o fato de que muito mais do que “comemorada”, a conservação do solo precisa ser praticada.

O agricultor, como o povo em ge-

ral, tem “memória curta” e freqüentemente, tende a acreditar mais em informações ou experiências de colegas, que na maioria das vezes não tem nenhum respaldo científico. Bastou, por exemplo, que num ano atípico de estiagem — 1985/1986 — alguém afirmasse que a soja resistiria mais à seca se a palha do trigo tivesse sido queimada para que no ano seguinte muitos produtores, que há anos não vinham tendo esse procedimento, voltassem a queimar a resteva.

A orientação do Departamento Agrotécnico continua sendo no sentido das práticas simples de conservação anteriormente referidas. Realmente isto é conservação de solo. Claro que o terraceamento também continua sendo recomendado. Assim como desempenhou um papel fundamental ao longo de muitos anos, continua sendo imprescindível. Apenas hoje, recomendamos algumas mudanças no sistema, que na verdade representa uma evolução, muito mais que uma substituição.

Em vez do terraço de base estreita em desnível, recomendamos hoje o terraço de absorção. O que antes era considerado impossível ou pelo menos muito arriscado, vem se revelando muito seguro na prática.

As vantagens deste sistema são inúmeras, destacando-se elas:

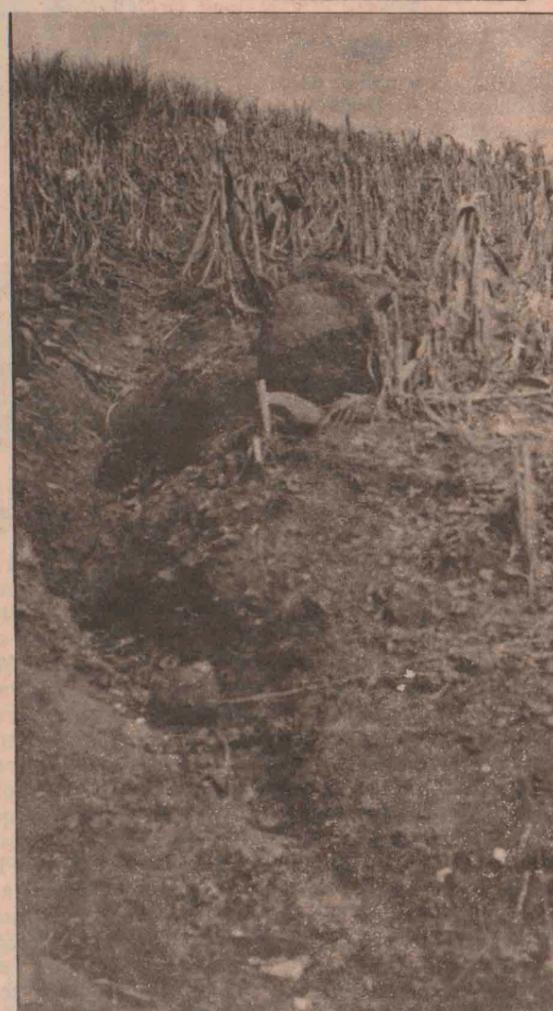
- A adoção deste terraço resulta mais economia a médio e longo prazo, uma vez que não necessita ser “re montado” a cada safra. Para sua manutenção, basta seguir algumas regras no preparo do solo (lavração e gradagem);

- Representa um ganho de área útil na lavoura em termos de 6 a 7 por cento no mínimo, já que é todo plantado;

- Conserva toda a água armazenada na lavoura enquanto que o terraço em desnível a conduz para fora desta;

- Elimina as barrocas nas divisas da propriedade, pois não haverá mais derramamento de água nas extremidades dos terraços, que podem e devem ser fechados;

- Elimina as barrocas que hoje são



Solo erodido

as margens das estradas interioranas, pois não despejarão mais a água da lavoura na sarjeta;

- Podem armazenar na lavoura — como prevenção contra as secas — as águas que escorrem pelas margens das estradas, recebendo e armazenando-as.

## A UNIÃO DE TODOS

Convocamos a todos os associados da Cotrijuí para que se juntem a nós nessa caminhada que busca mudar a fisionomia das nossas lavouras e estradas. Hoje, em sua quase totalidade, as lavouras apresentam problemas sérios de perdas de solo. Há quem diga que se continuarmos no ritmo atual, em 15 anos poucas áreas terão sobrado, com produtividade economicamente satisfatórias.

O produtor interessado em conservação do solo em sua propriedade deve procurar o Departamento Agrotécnico da Cotrijuí para discutir o assunto. Adote terraço de base larga, sem esquecer as demais práticas simples, tão ou mais importantes e, sem custo adicional. Lembre-se: o terraço de base larga pode ser construído com qualquer arado de três discos ou mais.

O Rivaldo Dhein é agrônomo e gerente do Centro de Treinamento da Cotrijuí.

**COTRIEXPORT**

CORRETORA DE SEGUROS LTDA.

Represente tranquilidade contra as incertezas do dia-a-dia

Em Ijuí: Rua das Chácaras 1513 fone: 332-3765 ou 332-2400

# Obrigações de qualquer agricultor

“É uma obrigação do produtor conservar a sua terra”, diz o seu Armindo Bönmann, proprietário de 22,4 hectares de terra localizados em Linha 8 Oeste, Ijuí, às margens da BR-285 ao lembrar da trabalhadeira que teve para mudar a fisionomia do solo da sua propriedade. Conta que até ficou meio decepcionado quando, há mais de 16 anos atrás, chegou na propriedade. A terra era fraca e virada em toco, valetas e barrocas. “Não servia nem para plantar mandioca”, diz ele.

Nessa safra, tirou 50 sacos de soja por hectare. Acha que fez uma boa colheita e prefere creditar o bom rendimento da lavoura a adubação caprichada e as práticas de conservação de solo que vem observando desde o dia em que pôs os pés na propriedade. Começou limpando a terra e construindo terraços de base estreita em desnível para eliminar as valetas. Mas se as valetas foram eliminadas de forma mais simples, as barrocas continuaram enfiando a vida do seu Armindo por muitos anos e dificultando o seu trabalho. Além de dividir a propriedade ao meio e impedir o tráfego das máquinas por toda a propriedade, elas traziam, a cada chuva toda a água e a terra dos terraços das propriedades vizinhas.

Outra decisão do seu Armindo: deixar de queimar a resteva das culturas. Também decidiu adotar, para o caso da lavoura de soja, o sistema de plantio direto, evitando assim, de mexer na terra. “Hoje, explica, só trabalho a terra quando a resteva tem pouca palha e bastante verdejo. Caso contrário, não vejo necessidade de mexer na terra e prefiro o plantio direto”.

### OS TERRAÇOS DE BASE LARGA

Há uns dois anos atrás, em conversa com o Pittol, técnico agrícola da Cotrijuí ligado a Unidade de Ijuí, o seu Armindo ouviu falar das vantagens do terraço de base larga em nível. No começo ficou meio desconfiado e achou que era impossível um terraço aguentar uma enxurrada grande e ainda ajudar na infiltração da água da chuva. Mas mesmo cheio de desconfianças ele permitiu que os ter-

raços fossem marcados e construídos. Até hoje não teve nenhum problema com os terraços, sem falar que conseguiu eliminar com todas as valetas da propriedade. Hoje não precisa mais se preocupar com possibilidade de uma máquina cair numa valeta.

Em dois anos o seu Armindo substituiu todos os terraços de base estreita em desnível por terraços de base larga em nível e não sabe mais o que é erosão na propriedade. “A construção de terraços de base larga nas propriedades vizinhas, principalmente naquelas que ficam do outro lado da BR, me ajudou em muito”.

### O FIM DA BARROCA

Por ser um agricultor caprichoso e cuidadoso para com o solo, o seu Armindo não se conformava com a existência de uma barroca de 600 metros de comprimento, 4,5 metros de largura e dois metros de profundidade que insistia em continuar na lavoura. Ele tentou fechar plantando capim elefante ao redor, “mas acho que não estava ajudando em muito”, embora admita que a planta tenha contribuído para diminuir a velocidade da erosão.

Um dia deste, depois que colheu a soja e até meio contrariando a orientação do Pittol, o seu Armindo pegou o trator e o pé-de-pato e fechou mais da metade da barroca. “Essa barroca estava me incomodando demais. Continuava desbarrancando. Não sei no que vai dar o meu trabalho, mas tenho esperança que dê certo. Estou fazendo uma experiência”.

### OBRIGAÇÃO

Cuidar do solo e preservá-lo, segundo o seu Armindo, é uma obrigação de qualquer agricultor. “Imagina se não tivesse cuidado da terra e procurado dar um jeito de fazer mudança grande na fisionomia da minha propriedade, o que ia deixar para os filhos? Valeta, toco e barrocas? Diz que sabe que teve algumas despesas, mas garante que elas foram insignificantes frente aos benefícios indiretos que está tendo. “O agricultor tem que arriscar e apostar em algumas práticas de conservação de solo”.



O lugar onde, até uns dias atrás, existia uma barroca de dois metros de profundidade



Cotrijuí - Depto Agrônomo/CTC

## DIA 15 DE ABRIL DIA NACIONAL DA CONSERVAÇÃO DO SOLO

— PAIÊÊ...?

O que é conservação do solo?

— Não é conservação, ... meu filho.

É conservação do solo!

O solo é muito importante para o homem. É a maior riqueza de uma nação.

Produz os nossos alimentos, e dele tiramos quase tudo que precisamos.

— Temos que cuidar muito bem dele. Ele se forma da rocha. Um centímetro de solo, que pode ser perdido em poucos minutos de chuva, pode levar 500 ou mais anos para ser formado pela natureza.

A melhor forma de proteger o solo é mantê-lo coberto de vegetação — ou restevas. Assim estará protegendo do impacto da chuva, da enxurrada e do vento.



Em dois anos o seu Armindo substituiu todos os terraços de base estreita para terraços de absorção

# O domínio dos alimentos

O domínio da produção de alimentos por multinacionais através da concentração de germoplasma de culturas, foi o assunto do biólogo canadense Pat Roy Mooney, que esteve em Ijuí no dia 14 de abril.

A convite da Sociedade de Agronomia do Rio Grande do Sul e do Conselho Regional de Engenharia, Arquitetura e Agronomia, Pat Mooney veio a Ijuí para lançar o seu livro "Escândalo das Sementes", que é uma denúncia contra o monopólio genético vegetal e contra, também a "Lei de Patenteamento de Cultivares", já aprovada nos Estados Unidos, Inglaterra, Alemanha e outros países desenvolvidos. Na palestra proferida no auditório da Unijuí, Pat Mooney destacou as origens e as consequências do domínio das sementes por grandes empresas internacionais, alertando para os efeitos da aprovação da Lei que, no Brasil, entra em discussão, novamente, quando da realização da Assembléia Constituinte. Porta-voz da Liga Internacional para Ação Desenvolvimentista, ICDA, entidade de pesquisa e defesa do meio ambiente do Canadá, Mooney lembrou ainda que seu trabalho faz parte de um projeto de agricultura alternativa, surgindo, no Brasil, através de um contato com o ecologista José Lutzemberg.

## ORIGENS

"É sempre uma surpresa para os agricultores canadenses perceberem que todo o seu alimento vem de fora, e que alguns deles, como é o caso do trigo, possuem apenas três variedades". A declaração inicial do biólogo serve para remontar as razões que levam os pesquisadores, técnicos, agricultores ou não, trabalhar contra o quadro de dependência das multinacionais e a extinção de cultivares nativas, que têm como característica a diversidade genética surgida de uma adaptação ao meio ambiente e às diferentes necessidades humanas. Em anos recentes, no entanto, grande parte desta diversidade desapareceu, deixando um quadro de total "erosão ge-

nética", onde a terra agricultável, em todo o mundo, é ocupada somente por 20 espécies vegetais em cultivo de campo comercial. "Mas não foi sempre assim", diz Pat Mooney, lembrando que "os povos pré-históricos encontravam alimentos em mais de 1.500 espécies de plantas silvestres e pelo menos 500 vegetais foram utilizados na agricultura antiga". Hoje, a diversidade, que originou-se de um trabalho desenvolvido pelos próprios agricultores, ao longo do tempo, transformando-os em melhoristas de suas culturas, desaparece para dar lugar a uma pequena quantidade de espécies, introduzidas desde os anos 50, e que é conhecida como "revolução verde". Continuando o processo de uniformidade genética, porém, surgiu nos últimos anos, com maior sofisticação, a revolução genética, modificando as sementes pela biotecnologia e engenharia genética e alterando toda a estrutura viva das plantas.

## EROSÃO GENÉTICA

Para explicar a erosão genética, Pat Mooney parte da constatação de que as combinações de diferentes topografias, climas e métodos de cultivo ocasionaram a concentração das principais culturas mundiais nas regiões do Mediterrâneo, Oriente Próximo, Afeganistão, da Indo-Birmânia, Malásia-Java, China, Guatemala-México, dos Andes Peruanos e da Etiópia. Muitos foram físicos que possibilitaram a concentração da diversidade genética no Terceiro Mundo, ao contrário do que acontece hoje, quando este processo cultural desaparece. Segundo o biólogo canadense, "a diversidade genética está sempre sendo criada destruída. Não deve alarmar ninguém o fato de algum material genético, que poderia ter sido de alguma utilidade

para culturas importantes, tenha desaparecido ou esteja em processo de desaparecimento. O que deve causar preocupação é a erradicação maciça em grande escala, de material de melhoramento insubstituível, nos milhares de quilômetros quadrados de solo arável".

Estamos presenciando um holocausto botânico, diz Mooney, enquanto cita exemplos como o do arroz IR-36 que cobre, agora, 60 por cento dos campos desta cultura no Sudeste Asiático, onde poucos anos atrás, milhares de variedades cultivadas pelo pequeno agricultor eram comuns. Também a Índia, que até anos recentes viu crescer 30 mil variedades de arroz, chegará em breve, a apenas 12 variedades cobrindo 75% do seu território.

Muito mais do que uma perda teórica para os cientistas do futuro, a erosão genética é um convite para uma epidemia devastadora. Na medida em que se espalha pelos centros de diversidade, ou seja, nos países do Terceiro Mundo, aumenta a possibilidade de grandes estragos em cultivos do mundo industrializado. Muitos são os exemplos da história coletados pelo biólogo. Um dos casos mais dramáticos foi a fome da batata, na Irlanda, em 1840, depois que os exploradores ingleses retornaram do Caribe com apenas uma variedade e cultivaram-na em toda a Europa Setentrional. De lá para cá, não foram poucos os casos de devastação, como a ferrugem do café, nos países africanos, a "floração das bruxas", na cultura de cacau e o "vírus do mosaico", nas plantações de fumo. Porém, não somente as cul-



Pat Roy Mooney

turas de exportação do Terceiro Mundo são atacadas pela "erosão". Em 1974, em Zâmbia, um fungo atacou o milho híbrido, de alto rendimento e uniformidade, quando 20 por cento das plantações desta variedade ficaram infestadas, enquanto o impacto nas variedades tradicionais, cultivadas por camponeses, foi insignificante.

Estes são os efeitos da "erosão genética", para quem, a "habilidade de uma certa variedade em resistir à seca, crescer em solo pobre, resistir a pragas, produzir maior teor proteico ou simplesmente um melhor sabor nos alimentos, são peculiaridades transmitidas naturalmente pelos gens de tal variedade". O que acontece, no entanto, é que esse grande valor da diversidade genética tem sido largamente utilizado para as modernas plantações de países desenvolvidos. Assim, o pepino dos Estados Unidos encontra genes resistentes a certas doenças nas distantes Coreia, Burma e Índia. Como os tomates da América do Norte, só podem ser produzidos graças a introdução de genes provenientes de espécies silvestres da América Central e do Sul. Naturalmente não há nenhum problema nisto, a não ser o fato de que "os recursos genéticos do Terceiro Mundo são também importantes para os povos do Terceiro Mundo". Alerta o biólogo ao abrir a questão sobre os negócios das sementes, que atualmente envolvem muitos bilhões de dólares.

## Lei contra a semente

Para Pat Mooney, o centro do processo de transferência genética está no entendimento de algumas entidades e governos que vêem o mundo como um grande mercado. Para desenvolver esta filosofia, basta desenvolver projetos, que podem ser traduzidos pelas conclusões retiradas de um debate na Organização das Nações Unidas, realizado em Washington na década de 70, a respeito da diversidade biológica. Em primeiro lugar, o grupo observou que o ponto chave limitante da biotecnologia seria o acesso ao germoplasma do Terceiro Mundo, e em segundo, a importância de mecanismos de cooperação entre "os dois mundos", uma vez que os países pobres estariam conhecendo esta realidade. A estes dois pressupostos básicos do desenvolvimento da biotecnologia nos países industrializados, seguiram-se ações mais diretas, como a criação de créditos subsidiados aos agricultores para aquisição de variedades modernas dando condições de plenas realizações para a indústria das sementes.

Ainda que se utilizasse o propósito de arrecadação, a diversidade do Terceiro Mundo para estocar em



Palestra aos técnicos e professores

"bancos de sementes, bancos de genes, ou de germoplasma", para a conservação dos recursos genéticos da humanidade, um outro raciocínio pesou mais forte: "o de que a semente é o condutor lógico dos produtos químicos, e é muito mais fácil adaptar uma substância química a uma planta, do que o contrário". A partir daí não foram poucos os esforços da indústria sementeira, principalmente porque ela apoiava-se num instrumento legal chamado "Lei de Patenteamento das Cultivares", ou a garantia dos direitos de pesquisa e comercialização sobre as cultivares primitivas, para aqueles que desenvolvem a "nova" variedade. Da união entre a pesquisa e in-

dústria, ainda como mais um exemplo, Pat Mooney cita uma empresa americana que desenvolvia uma nova família de herbicidas e que assinou um contrato de 10 milhões de dólares com uma pequena companhia de biotecnologia para encontrar um gene bem resistente ao produto. Esta variedade foi repassada a outra companhia de sementes que dominou o mercado de milho. Na época deste fato, os principais institutos de pesquisa falaram que a ligação era muito difícil. Hoje, porém, já ocorreram 70 casos, demonstrando que "ao invés de buscar variedades resistentes a doenças, buscam variedades resistentes aos seus produtos químicos".

Apenas ilustrando, esta é uma das alianças que se desenvolveram, pois, atualmente, o processo alcançou o estágio de monopólio das chamadas indústrias agroquímicas. Nos últimos dez anos, somente nos Estados Unidos, mais de 40 companhias de sementes foram compradas por grandes empresas multinacionais não ligadas a sementes, resultando em um novo panorama, onde a semente de milho está na mão de apenas quatro companhias: Dekalb, Sandoz, Ciba-Geigy, com as duas primeiras controlando a metade do mercado. Qual é a fórmula de tão grandes rendimentos?

A resposta, segundo Mooney, está na "Lei de Proteção aos Cultivares", embora muitos melhoristas acreditem que o patenteamento traria mais recursos para a pesquisa. O que estes melhoristas esquecem é de que nos 18 países, onde foi aprovada a "Lei", os investimentos nos recursos públicos são bastantes restritos. Nestes países, os pesquisadores dos institutos públicos não têm aumento de salário, afinal o setor privado não gosta de concorrência. Considerando o dispositivo legal como o suporte da dominação do germoplasma dos países subdesenvolvidos, o canadense relata a venda de um sorgo híbrido da Ciba-Geigy, feita à Etiópia, durante uma grande estiagem. O sorgo vinha

# A resposta das Crioulas

Embora admita que o avanço das multinacionais no campo das sementes tenha atingido um nível nocivo, Pat Mooney deposita muita esperança no trabalho da agricultura alternativa, que busca a conservação dos cultivares tradicionais como patrimônio da humanidade. O trabalho de coleta, mesmo de campo, já é feito por agricultores ou pessoas ligadas a agricultura, em países como a Indonésia, onde os camponeses, mesmo impedidos por uma proibição legal, constroem os seus próprios bancos de germoplasma. Na Tailândia, algumas mulheres cultivam hortaliças em templos budistas, enquanto na Nicarágua, o trabalho de preservação genética, junto com uma política de autosuficiência, trouxe para a pesquisa da agricultura, nada menos do que 55 por cento da verba nacional. O embargo econômico a que foram submetidos, após a Revolução Sandinista, em 1979, fez com que os nicaraguenses, em dois anos, passassem de grandes importadores de feijão a exportadores de sementes desta cultura como o Revolução-79, Revolución-81 e Revolución-83.

A nível mundial também já ocorre um trabalho de preservação, liderado pela Organização da ONU para Agricultura e Alimentação, a FAO, que, juntamente com os países latino-americanos quer reverter o quadro de dominação das sementes, no qual os Estados Unidos detém a maior parte do material. A proposta principal do grupo é a criação de uma rede de bancos sob o controle da FAO, que garanta o livre intercâmbio das sementes da Terra. O primeiro passo deste trabalho conjunto foi dado em 1983, quando a FAO estabeleceu uma Comissão de Recursos Genéticos Vegetais, o IBPGR, proporcionando aos governos, pela primeira vez, a oportunidade de discutirem com igualdade as ações a serem tomadas para o controle e utilização dos recursos genéticos. Além disso não faltam esforços para a criação de um Fundo Mundial Genético para auxílio em pesquisa e conservação de sementes no Terceiro Mundo. Para Pat Mooney, o trabalho de preservação genética dos países subdesenvolvidos acompanha todo um projeto de agricultura alternativa. "Temos que ter o governo, técnicos,



Milho: uma das culturas mais trabalhadas pela Cotrijuf

especialistas, agricultores ou amadores, envolvidos em um trabalho que prioriza a comunidade agrícola. Cultura e agricultura vão de mãos dadas, e portanto, um trabalho de agricultura alternativa não pode ficar separado de um projeto de transformação social".

## COTRIJUF

Na Cotrijuf, a preservação das variedades crioulas iniciou pela coleta de vários materiais, onde se destacam as 80 populações crioulas de milho, pesquisadas pelo CTC. Mas, além do

milho, o CTC também desenvolve, há vários anos, um trabalho de preservação de sementes de forrageiras, como o teossinto (dente de burro), sincho e ervilhaca (vica). Atualmente, o Setor de Sementes da Cooperativa está fazendo um cadastramento de todos os materiais cultivados na região. Este é um trabalho para muitos anos, diz João Miguel de Souza, gerente de produção vegetal da Regional Pioneira (ou para sempre, como disse Mooney) pois o registro e identificação destas cultivares possibilitarão manter materiais para melhoramentos no futuro, ao mesmo tempo que atua como incentivo aos produtores para que preservem a sua cultura. Enquanto fala sobre o programa de preservação de sementes na Cotrijuf, o agrônomo destaca a "total dependência" que temos das "modernas variedades". Uma delas seria o milho híbrido, que hoje possui cobertura financeira do Proagro, e é um exemplo importante para um novo direcionamento na área. Um caso a lembrar foi a necessidade de justificativas de Proagro para variedades crioulas, que aconteceu depois de uma seca, em Santo Augusto. Naquela época, os produtores de milho Empasc, tiveram muito trabalho junto ao Banco para provar que todo o milho é milho, e que, por isso, não só o híbrido deveria receber Proagro.

O trabalho de ampliação das variedades tradicionais na Cotrijuf, tanto em pesquisa como em cultivo, começou há vários anos. Em 86 já eram cultivados 10 mil toneladas de milho Empasc, 151 e 152, oriundos de Santa Catarina. Este ano, no entanto, além do Empasc, outras três variedades tradicionais serão produzidas, a Cep-304, BR-106 e BR-105 e três variedades crioulas avaliadas pelo CTC (duas brancas e uma vermelha), totalizando um volume de 30 toneladas. Afora o milho, também o sorgo-semente está sendo trabalhado pela Cotrijuf. O melhor resultado, porém, é o de que as sementes da Cooperativa poderão ser comercializadas em todo o Brasil, uma vez que ela está credenciada junto a Comissão Estadual de Sementes e Mudas do Rio Grande do Sul, CESM-RS, que lhe assegura a comercialização do produto e, acima de tudo, assegura a participação das sementes tradicionais no mercado nacional junto às variedades híbridas.

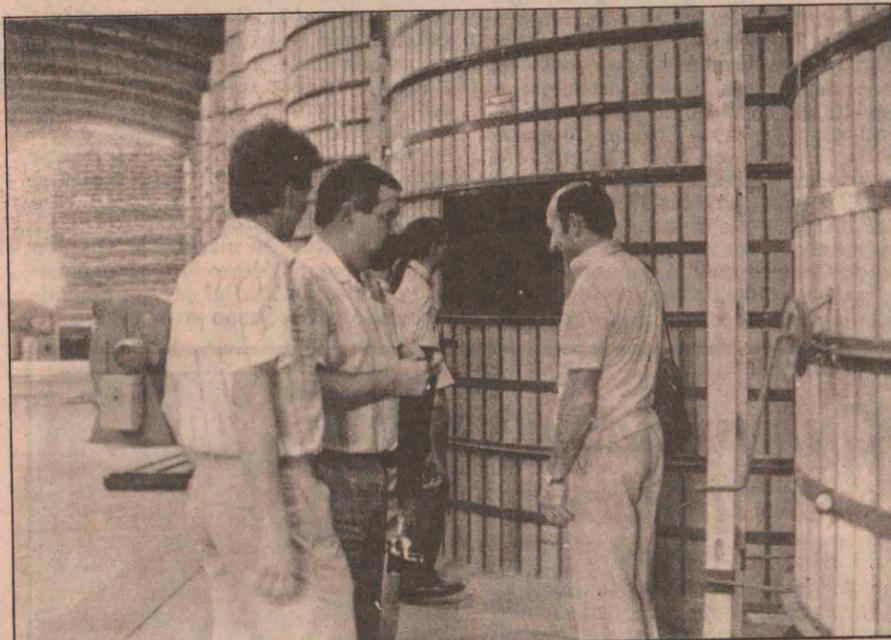
## Maior eficiência

Para completar o trabalho na área de comercialização de sementes, a Cotrijuf resolveu, também, melhorar as condições de infra-estrutura para recebimento, armazenamento e secagem do produto. Com as novas instalações sementeiras, o produtor além de entregar a semente a granel, pode ainda, entregar com umidade, ao contrário do que acontecia em anos anteriores. A adaptação de 40 silos com capacidade de 1.500 quilos cada um, que traz, ainda, uma redução de custos da mão-de-obra e na despesa de sacaria, foi conseguido através de um esforço conjunto entre a Cooperativa e os produtores de sementes, que deixaram parte da bonificação como auxílio para construção do novo sistema.

"O projeto das sementeiras não é uma idéia nova. Há anos que a Cooperativa vinha falando, mas, embora com um pouco de atraso, está chegando em época oportuna", ressalta Francisco Tenório Falcão Pereira, responsável técnico pela UBS de Ijuí. O novo sistema que foi implantado nas Unidades de Ijuí e Santo Augusto, já está operando com a semente de soja, com relativo sucesso devido as condições climáticas ocorridas no período, pois o "mecanismo de secagem é baseado na umidade relativa do ar e da temperatura do ar ambiente, num processo de passagem de ar forçado pela massa de grãos".

### UMIDADE IDEAL

Esta mecânica de tecnologia em sementes nada mais é do que um processo de secagem natural, sobre o qual a Cooperativa já está procurando obter uma maior eficácia dos equipamentos em benefício do produtor. Para cumprir este objetivo, está sendo desenvolvido um projeto de aeração com o ar aquecido de até no máximo 40°C. Desta forma, diz Francisco Pereira, o processo de secagem de sementes vai ser acelerado, deixando o produto com umidade ideal de armazenamento — em torno e 14 por cento — num menor espaço de tempo.



Maior garantia para o produtor

# TRIGO

## Sabe o que é plantar e ficar tranquilo?

Quem usa Vitavax-Thiram PM fica tranquilo.

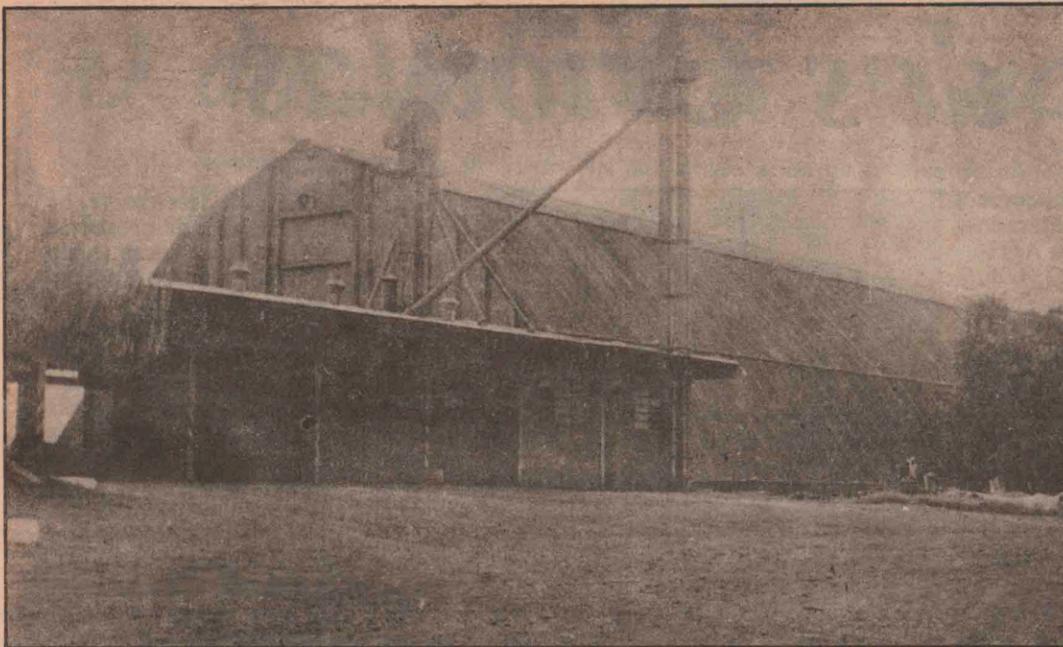
Fique tranquilo você também.

Consulte seu agrônomo sobre Vitavax-Thiram PM. Um produto

É plantar semente tratada com Vitavax-Thiram PM. Vitavax-Thiram PM é um fungicida com ação sistêmica e de contato. É proteção da semente que cresce com a planta.

**VITAVAX**  
THIRAM PM

**UNIROYAL**



A capacidade de armazenagem da Unidade é de 33 mil toneladas. Na foto acima, as novas instalações do escritório e do mercado

# Mais perto do produtor

Fundada em 10 de maio de 1975, a Unidade da Cotrijuí em Augusto Pestana ocupa hoje o primeiro lugar em termos de arrecadação do ICM no município. "O dia em que a Cotrijuí sair daqui, o município vai ficar pela metade, tal a sua importância econômica", costuma dizer o seu João Hélio Tissot, um dos associados mais antigos. Ao instalar uma unidade de recebimento de produto em Augusto Pestana, um município vizinho de Ijuí e distante 18 quilômetros da sede da Cooperativa, a Cotrijuí começava a abrir novos caminhos para as atividades da região. Ela não estava apenas recebendo e comercializando a produção entregue pelos associados da região, mas também levando os insumos, a assistência técnica, a diversificação, a preocupação com o solo até a propriedade.

As atividades da Cotrijuí em Augusto Pestana iniciaram a partir da construção de um silo graneleiro, de fundo chato, com capacidade para 33 mil toneladas de produto e que, no dia da sua inauguração, contou com a presença do então ministro da Agricultura, Alisson Paulinelli. O escritório, para atendimento dos associados, foi instalado provisoriamente no antigo barracão onde trabalharam os construtores do armazém. O escritório funcionou nesse barracão até 1986, quando então, foi construída uma nova sede no centro da cidade.

O projeto inicial para a Unidade de Augusto Pestana era bem mais amplo e previa a construção de mais dois armazéns. "Mas com a entrada da diversificação, explica o gerente da Unidade, Romeu Rohde, houve algumas mudanças. Em lugar de mais armazéns de fundo chato, estão sendo instalados quatro silos verticais que pertenciam a fábrica de ração, com capacidade para 600 toneladas cada um. A transferência desses silos para Augusto Pestana visa reduzir custos, que segundo o gerente, ficarão resumidos a construção do túnel, da base para a fixação dos silos e da mão-de-obra. Esses quatro silos vão facilitar o recebimento de outros produtos, como o milho e a colza, por exemplo. Eles serão dotados de aeração e termometria para favorecer o fluxo de recebimento e melhorar o controle de qualidade do produto recebido. Para a armazenagem de produto ensacado, está sendo concluída a construção de um galpão.

## O QUADRO SOCIAL

Em torno de 1.300 associados, atuantes, integram atualmente o quadro social da Unidade de Augusto Pestana. "O quadro social é bastante atuante e sempre tem procurado participar ativamente de qualquer discussão que envolva a Cooperativa tanto

econômica como politicamente, diz Romeu Rohde. A própria eleição para representantes realizada em 1986, com a participação de 57,23 por cento dos associados, é um exemplo bem prático da atuação dos associados.

Augusto Pestana tem uma área de 58 mil hectares, sendo que destes, 40 mil hectares são totalmente agricultáveis. Os produtores, a maioria de porte pequeno, vêm investindo sistematicamente na diversificação de culturas. "A diversificação na região, explica o gerente, é significativa. Sempre que existe algum incentivo por parte da Cooperativa para alguma produção, a resposta do produtor é imediata". A confirmação está no Projeto Cooperado de Suínos, que hoje engloba 274 produtores, responsáveis pela entrega de 132 lotes de animais à Cooperativa. Mas na área de diversificação, nem só a suinocultura tem merecido a atenção dos produtores. A pecuária leiteira, por exemplo é uma atividade que só tem perdido para a soja e o trigo.

Em torno de 800 produtores trabalham com a atividade, numa perfeita integração com a lavoura. Apenas no mês de janeiro a atividade leiteira no município foi responsável pela arrecadação de recursos que ficou na ordem de Cz\$ 1 milhão e 886 mil. O rebanho de gado leiteiro já chega perto das cinco mil cabeças.

A cultura da soja, ocupou nesta safra, 23 mil hectares e a previsão de recebimento do produto está em torno de 450 mil sacos. O milho ocupou seis mil hectares, com uma previsão de produção de 300 mil sacos. Seguindo a soja, o trigo e o leite, ainda aparecem como produtos importantes dentro da economia do município, a suinocultura, o milho, o alho, as forrageiras, a colza, o linho, a cevada e o sorgo.

## UM PEQUENO POSTO

Bem antes de instalar a Unidade de recebimento de produto em Augusto Pestana, a Cotrijuí já vinha administrando um pequeno posto de recebi-

mento, em um prédio alugado, na localidade de Rosário. Anos mais tarde, a Cotrijuí adquiriu um prédio maior, transformando-o em mercado. "Com o posto em Rosário, explica o Romeu Rohde, a Cooperativa está levando mais para perto do produtor os insumos necessários para ele tocar a lavoura. O Posto de Rosário tem quatro funcionários e se responsabiliza, também, pelo pagamento do leite aos produtores da localidade.

## UMA ANTIGA REIVINDICAÇÃO

Uma das mais antigas reivindicações do quadro social da unidade de Augusto Pestana foi atendida no final de 1985, com a entrega de um prédio com 1.200 metros quadrados de área para abrigar o escritório no piso superior, e o mercado e a loja no piso inferior. A nova sede, localizada bem no centro da cidade, fica ao lado do antigo prédio que servia como mercado, onde hoje está instalada a loja de ferragens.

A área de abastecimento em Augusto Pestana tem cumprido a sua função. Em 1986, por exemplo, a Unidade fechou o ano com o segundo melhor perfil de vendas da Cotrijuí. "Só em dezembro, exemplifica Clóvis Zorzan, responsável pelo setor de abastecimento da Unidade, vendemos mais de Cz\$ 2 milhões. Para continuar atendendo o quadro social com a mesma eficiência, a gerência da Unidade está introduzindo algumas modificações na estrutura interna da loja de ferragens, que passa a funcionar, a exemplo do mercado e loja, através de auto-serviços.

## A PARTICIPAÇÃO DO ASSOCIADO

A participação da Cotrijuí no recebimento e na comercialização da produção é muito importante, mas nada é feito sem antes passar pela discussão do quadro social. "A participação do associado em qualquer decisão, diz Romeu Rohde, é fundamental. Bem assim aconteceu com o leite, com a suinocultura, com os trabalhos de conservação de solo e com a saúde, o assunto do momento. Muitas reuniões têm acontecido nos núcleos para que seja definida de uma vez por todas a Comissão Municipal de Saúde, para que o projeto de Ações Integradas de Saúde seja tocado para frente.

O trabalho na área de saúde já conta com um gabinete odontológico, adquirido no ano passado. A nossa intenção, explica o gerente, é atender o maior número possível de associados, funcionários e seus dependentes. Na área de medicina geral, o trabalho já conta com uma equipe bem organizada e assessorada por uma enfermeira profissional.

## Cumprindo a sua função

"A Unidade da Cotrijuí em Augusto Pestana está cumprindo a sua função", diz Erno Schneider, associado desde os tempos da Cooperativa Mista dos Agropecuaristas de Ijuí Ltda e representante há duas legislaturas. Dono da matrícula de nº 2.057, o seu Erno passou a fazer parte do quadro social da Cotrijuí, tão logo se deu a incorporação. Como associado da Cotrijuí, colaborou com dois sacos de soja, para a construção de um postinho de recebimento e atendimento ao produtor, localizado em São Pedro, "embora sempre tenha entregue a minha produção em Ijuí". Com a construção da unidade de Augusto Pestana, ele deixou de entregar a sua produção em Ijuí.

A unidade de Augusto Pestana, diz ele, facilitou a vida dos produtores, que naquela época enfrentavam não só problemas de distâncias e de estradas, mas também de caminhões para fazer o frete. Líder em Ponte do Ijuizinho, onde planta com o filho Elói em 53 hectares, o seu Erno lembra de uma grande reunião que aconteceu no pavilhão São Francisco, da comunidade, onde se discutiu a Bolsa de Chicago, o recebimento e a comercialização da pro-



Erno Schneider

dução. "Essa reunião contou com a presença da direção da Cotrijuí e começou de manhã e foi noite adentro. Também foi nessa reunião que, pela primeira vez, se falou na participação da mulher.

Acredita que depois que a Cotrijuí entrou em Augusto Pestana, muita coisa mudou. "Muitos produtores deixaram de entregar produto no comércio e se associaram na Cooperativa. Augusto Pestana deve ser o único município em que quase 100 por cento dos produtores são associados da Cooperativa. Diz que a Cotrijuí não só entrou no município para fazer frente aos concorrentes, mas também para levar a assistência técnica, a pecuária leiteira, a diversificação. "Um outro grande benefício que a Cooperativa trouxe para o produtor foi na área de abastecimento, com a instalação do mercado e da loja".

# Recuperando a credibilidade

Desde julho do ano passado, a Credipel — Cooperativa de Crédito Rural Pestanense Ltda vem sendo administrada com a assessoria da Cotrijuí. Instalada junto ao escritório da Unidade de Augusto Pestana, ela sofreu algumas modificações em sua estrutura interna, buscando recuperar a credibilidade junto ao quadro social, por muito tempo afastado da Cooperativa. Fundada em 21 de maio de 1925, ela conta atualmente com 1.250 inscritos, e apenas 50 por cento operando. "Todo o descrédito, que ainda hoje assusta alguns associados, explica o gerente da Credipel, Darlan Pedro Belarmino, aconteceu justamente por falta de uma estrutura que possibilitasse a participação do quadro social. Ele simplesmente não estava mais sendo nenhuma razão para continuar capitalizando na Cooperativa, que é na verdade, o seu banco".

Um mês depois da reestruturação, a Credipel fechou seu balancete com Cz\$ 92.000,00 a descoberto. A situação foi melhorando aos poucos, mas ela ainda fechou o ano com Cz\$ 41.500,00 negativos. Em 22 de fevereiro, a situação era completamente diferente. "Já estávamos operando com um saldo positivo de Cz\$ 22.000,00. Hoje, diz ainda o gerente, as despesas da Cooperativa representam 50 por cento de sua receita".

## OS BENEFÍCIOS

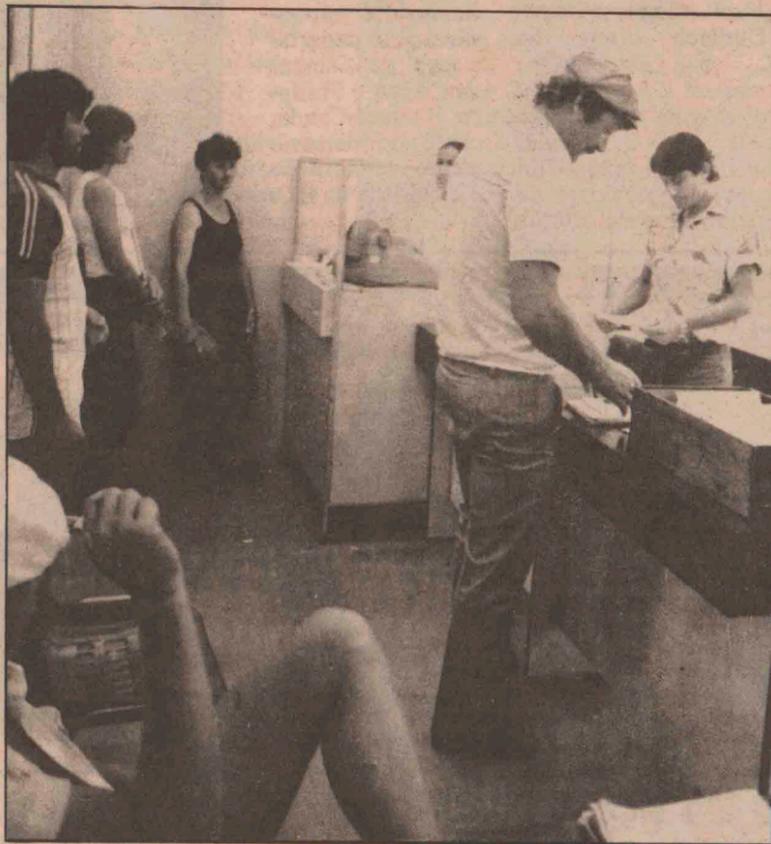
Trabalhando com apenas quatro funcionários e metade de seu quadro social, a Credipel vem operando principalmente com pequenos e minis produtores, fornecendo financiamento para aquisição de implementos e investimentos agrícolas com taxas de juros bem abaixo da de mercado. Também está sendo credenciada junto ao Banco Central para operar com repasse de custeio de lavoura.

Mas o teto de financiamento do

produtor vai ser sempre de acordo com o capital integralizado. E ele também precisa estar operando normalmente com a Cooperativa. "Todo o rendimento obtido pela Credipel é aplicado na região. É como se o próprio produtor estivesse financiando o produtor", esclarece Belarmino. Além disso, o produtor pode fazer a sua poupança na Cooperativa, através de depósitos a juro, e ainda debitar suas contas de água e de luz.

O objetivo da Credipel, segundo o gerente, é levar o crédito aos minis e pequenos produtores que sempre ficam à margem quando operam com bancos maiores. "Todo o resultado da Cooperativa vai sempre retornar aos seus associados. Por esse motivo e também pelo fato da Cooperativa ser uma entidade da localidade, entende-

mos que não só o quadro social precisa participar mais, mas também a comunidade e as entidades". Os próprios produtores de leite, por gerarem um grande volume de recursos a cada final de mês, estão sendo convidados pela gerência da Cooperativa, a deixarem seus pagamentos em depósito e trabalharem com cheques. "Estamos sugerindo aos produtores de leite que, ao receberem seus pagamentos, abram uma conta, façam depósitos e saldem seus compromissos através de cheques. Desta forma tanto os produtores como a Cooperativa estarão sendo beneficiados".



Desde o ano passado a Credipel vem funcionando junto a Unidade de Augusto Pestana

# A mulher cresceu

O primeiro núcleo cooperativo de esposas e filhas de associados da Cotrijuí foi fundado em Augusto Pestana, na localidade de Ponte do Ijuizinho. A decisão de se formar um núcleo específico de mulheres, aconteceu durante uma reunião na comunidade com a direção da Cotrijuí e onde foram discutidos assuntos como a organização da produção e a comercialização do leite. Essa reunião conjunta aconteceu em abril de 1976 e em pouco menos de um mês, mais especificamente no dia 25 de maio de 1976, as mulheres reuniam-se pela primeira vez.

Uma das responsáveis pela criação do núcleo de Ponte do Ijuizinho, foi dona Wanda Maroski, uma das líderes da comunidade e que também havia sido professora da Escola. "Desde a primeira reunião, conta a dona Alzira Libardi, outra líder atuante na comunidade, foi surpreendente o interesse das mulheres de Ponte do Ijuizinho e de localidades vizinhas. Conta que apenas na primeira reunião específica quando o grupo definiu as suas prioridades, apareceram 56 mulheres interessadas em se organizar. Ficou determinada como prioridade

técnica aperfeiçoamento em corte e costura, mas com uma ressalva: em cada reunião deixar sempre um espaço para a discussão de assuntos relacionados com a Cooperativa, a produção e educação. "Lembro que, para não sobrecarregar a coordenadora do trabalho, a professora Noemi Huth, a turma foi dividida em duas", conta a dona Alzira.

## FUNDAMENTAL PARA O CRESCIMENTO

A dona Alzira Libardi tem certeza absoluta que estas reuniões de núcleo foram fundamentais para o crescimento da mulher trabalhadora rural. "Antes das reuniões, lembra, a mulher nem sabia que era o governo que comprava o trigo. Ela não se fazia certos questionamentos que hoje, passado 11 anos de trabalho de núcleos, está tendo. A mulher cresceu e evoluiu a partir deste trabalho.

Mãe de três filhos, todos adultos, casada e proprietária de 9 hectares de terra, a dona Alzira tem, hoje, bem claro em sua cabeça, muitos questionamentos que tempos atrás não costumava fazer. "Eu só passei a entender a nossa situação, de minifundiárias, depois que comecei a discutir



Alzira Libardi

o assunto com outras vizinhas", diz. Conta que tem perdido noites de sono, pensando no que será o futuro do seu filho mais moço, de 16 anos e sem condições de continuar estudando na cidade. "Hoje eu dou toda a força para que meus filhos tenham uma outra profissão, porque com a lavoura, o agricultor mal consegue sobreviver. As duas filhas mais velhas já estão trabalhando fora, enquanto que o filho ainda permanece em casa, ajudando na propriedade. "Com essa política agrícola do governo, quem é pequeno não tem jeito de comprar nem mais um pedacinho de terra para deixar para os filhos".



João Hélio Tisott

# O município pela metade

Associado da Cotrijuí há mais de 20 anos, "desde os tempos de Ijuí", o seu João Hélio Tisott, proprietário de 150 hectares de terra localizados em Rosário, travava uma luta, na tarde do dia 21 de abril, contra o tempo. Precisava colher a soja antes que o tempo desabasse num aguaceiro danado. Mas mesmo cheio de pressa, ele fez questão de relembrar dos tempos difíceis, de quando o produtor era obrigado a enfrentar estradas de chão, para entregar a sua produção na Cooperativa em Ijuí, já que naquela época ainda não existia a Unidade da Cotrijuí em Augusto Pestana.

Mas além da distância, das condições das estradas, os produtores enfrentavam também problemas de transporte. Em Rosário, por exemplo, existia um ou dois caminhões de frete. "Eu plantava muito pouco e em duas cargas no máximo, conseguia transportar toda a produção, diz o seu João Hélio, na época proprietário de 4 hectares de terra.

A falta de estrutura da Cooperativa para recebimento de produto a granel, fazia com que a produção fosse entregue ensacada. Embora o produto já saísse ensacado da autônoma, o produtor tinha de costurar cada bolsa cheia. "Ninguém estranhava ou reclamava da trabalhadeira. Tudo era muito diferente e se tinha tempo para fazer de tudo e um pouco, conta ele, lembrando que o produtor ia na cidade, para fazer compras ou resolver algum negócio, apenas uma vez por mês. Hoje é diferente. Se vai na cidade até duas vezes por semana".

## MUITOS BENEFÍCIOS

A primeira vez que o seu João Hélio ouviu qualquer conversa a respeito da construção de uma unidade de recebimento do produto da Cotrijuí em Augusto Pestana, não levou a coisa muito a sério. Achava que seria impossível a Cotrijuí se estender para outros municípios. Mas na medida em que os debates em torno do assunto avançavam, ele também passou a pensar diferente. "Hoje, diz ele, a importância da Cotrijuí dentro da economia de Augusto Pestana é tão relevante, que o dia em que ela decidir sair daqui, o município fica pela metade. Ela gerou empregos e progresso dentro de Augusto Pestana".

A Cotrijuí, segundo o seu João Hélio, sempre foi muito confiável e o produtor tem procurado dar a sua resposta. "Além dos benefícios que ela trouxe, ficou mais perto do produtor. O associado entrega e comercializa a sua produção aqui mesmo e ainda conta com mercado e loja para atender suas necessidades".

Foi a Cotrijuí que levou a diversificação para Augusto Pestana, a assistência técnica e a preocupação com o solo, diz ainda. "A pecuária leiteira só passou a existir depois da entrada da Cotrijuí no município. Mas acredita que um dos melhores trabalhos realizados pela Cooperativa em Augusto Pestana aconteceu na área de conservação de solos. "Antes da Cotrijuí nenhum produtor construía terraços na sua lavoura ou tinha qualquer preocupação com o solo. Agora temos a diversificação, a rotação de culturas, os terraços. Quem segue estas práticas, sabe que só tem a ganhar".

## Encontro com os franceses

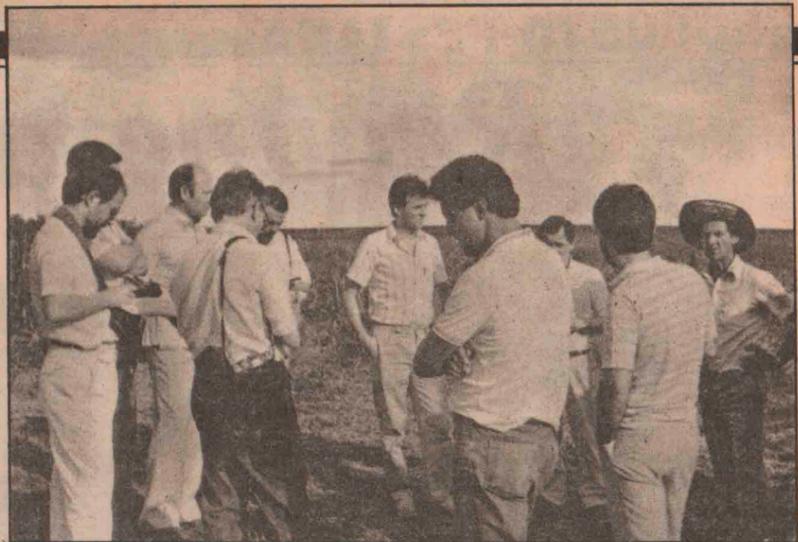
Conhecer a nossa lógica de produção e mercado da soja, manter contatos culturais e profissionais para desenvolver melhor o mercado e também tentar acordos comerciais mais diretos. Este foi o motivo que trouxe ao Brasil, oito cooperativistas franceses ligados a Central Coopérative de Productions Animales - CCPA, uma das maiores organizações no gênero e da qual participam 22 cooperativas. Iniciado o roteiro por Ijuí, os franceses conheceram a estrutura administrativa, de comercialização, a forma de representação da Cotrijuf e os trabalhos desenvolvidos pelo CTC. A visita em Ijuí incluiu também, a propriedade de Amaury Marcks, em Coronel Barros, onde os franceses tiveram contato com uma das maiores localidades produtoras de soja, além do terminal Luiz Fogliatto, em Rio Grande e Porto de Paranaguá, em Curitiba e a Regional de Mato Grosso. Em Campo Grande, os cooperativistas estiveram reunidos com a direção da Regional para trocar informações sobre as características das propriedades do Estado, e sobre as culturas de soja, milho, arroz e sorgo. Ainda nesta Regional, os franceses tiveram a oportunidade de entrar em contato com os produtores, pois visitaram a unidade de Sidrolândia e as propriedades dos associados Valdeci Martinielli, Luiz Cesar de Menezes e Ari Basso, onde ficaram impressionados com a produtividade alcançada pelos produtores do Estado, e com a própria estrutura fundiária.

### A CCPA

Com uma produção anual de um milhão e 600 mil toneladas de alimentos para animais, a CCPA detém hoje uma boa fatia do mercado, ou seja, 10 por cento da França. A produção da Central absorve 300 mil toneladas de farelo, sendo este volume quase que totalmente importado, pois apenas 90 mil toneladas são produzidas na França. A maior parte da matéria-prima é oriunda da importação do farelo - 80 por cento - e 20 por cento do grão. Mas a estrutura nada modesta da CCPA, abrangendo o mercado de bovinos, ovinos, aves, suínos, leite, sementes e cereais, e que permite o benefício a mais de 100 mil produtores rurais, faz com que a Central procure avançar nos números. Portanto, com o objetivo de atingir, ainda este ano, a casa dos três milhões de toneladas, a CCPA pretende também, aumentar os seus canais de importação. Acompanhados do professor Argemiro Luis Brum, que

é responsável pela missão Cotrijuf e Unijuf na França, os cooperativistas franceses permaneceram no Brasil, de seis a 20 de abril. São eles: Dominique Durbecq, diretor da ACTAL, Hervé Talec, diretor de compras da CAB, Roland Lucas, diretor de alimentação animal da CANA, Xavier Tremblay, administrador da CANA e vice-presidente da CCPA, Pierre Caugant, diretor

de produção animal da CAM, Jean Lapie, presidente da ACTAL, Giles Rambault, responsável pelo departamento de compas da CANA e Philippe Bomnet-Cande, chefe do departamento de nutrição e qualidade da CCPA.



A troca de informações com Amaury Marcks

## Está na hora de escolher um sócio para o seu trigo.



### Ou você divide a colheita com as doenças,



## ou você multiplica os lucros com Tilt.

Plantar trigo é um ótimo negócio. Mas você precisa evitar certos sócios indesejáveis, que estão sempre prontos para levar a maior parte da sua colheita.

Contra o oídio, a ferrugem, a septoriose, a helmintosporiose e a mancha da gluma, o melhor sócio que você pode ter é Tilt. Tilt é o único fungicida que, sozinho, tem ação preventiva, curativa e erradicativa contra as principais doenças do trigo.

Tilt é líquido. Por isso, sua aplicação é simples e rápida, evita entupimento dos bicos de pulverização, e pode ser feita de trator ou avião.

E bastam duas aplicações de 0,5 litros por hectare, para controle total dos fungos. A primeira aos 40 ou 50 dias (variedades precoces) ou 50 a 55 dias (variedades tardias), e a segunda 15 a 30 dias após a primeira aplicação.

Caso chova, não é necessária nova aplicação, porque Tilt apresenta alta absorção pela planta. Tudo isso resumido, significa simplicidade de uso e aplicação, economia de tempo e material, e muito mais produtividade por hectare plantado.

A hora de plantar está aí. Agora, você já pode escolher com toda tranquilidade o melhor sócio para sua plantação. Fique com Tilt, e multiplique seus lucros.

**ATENÇÃO**

Este produto, como todo defensivo, pode ser perigoso para a saúde e o meio ambiente.

Use-o corretamente, seguindo sempre as recomendações do rótulo. Consulte um Engenheiro Agrônomo.

Produto registrado na DIPROF-SDSV-MA sob nº 030583



PARA  
ESCLARECIMENTOS  
ADICIONAIS  
CHAME OS FONES:  
(011) 241-0891  
(011) 543-9807

**CIBA-GEIGY**  
DIVISÃO AGRÍCOLA

® Marca Registrada

\* ACTAL - Cooperativa de Alimentos de Animais do Nordeste da França.  
\* CAB - Cooperativa dos Agricultores de Bretagne.  
\* CANA - Cooperativa Agrícola Noëlle Ancenis.  
\* CAM - Cooperativa dos Agricultores de Mayenne.

# Soja: mudanças à vista

Conforme previsões já realizadas anteriormente, a Comunidade Econômica Européia confirma, ao menos aparentemente, seu interesse em taxar a entrada de certos produtos agrícolas, como as matérias vegetais que produzem óleo, à entrada de suas fronteiras.

Prof. Argemiro Luís Brum  
Montepeller — França

Esta decisão, que por enquanto ainda é uma recomendação da Comissão Européia aos países membros (12 no total), se origina da crise orçamentária que vive hoje a Política Agrícola Comum (PAC). Criada em 1957 junto com a Comunidade Econômica Européia (CEE), esta Política funcionava então em função de uma Europa deficitária em alimentos. Para proteger a produção interna se taxavam as importações a fim de que os preços de importação iguallassem os preços internos. Isso permitia financiar a política agrícola estimulando a produção agropecuária interna. Ao mesmo tempo, os poucos produtos então exportados recebiam subvenções, pois eram exportados a preços muito abaixo dos praticados no mercado interno comunitário. Com esta prática eles se tornam competitivos no mercado internacional. Esta "caixa" onde se recolhe o dinheiro das taxações e se financiam as subvenções chama-se Fundo Europeu de Orientação e Garantia Agrícola (FEOGA).

Com o passar dos anos a CEE se transforma muito mais em exportadora do que importadora. Assim, a saída de dinheiro para cobrir as subvenções ultrapassa a entrada de recursos em função das taxações. Este fenômeno se agravou nos anos 80 de tal forma que a CEE vive hoje importantes déficits orçamentários do FEOGA. E para complicar as coisas, os preços no mercado externo baixam enquanto os custos de produção internos se mantêm elevados. Isto faz com que o volume de subvenções à exportação aumente a cada tonelada exportada.

## SOJA: IMPORTAÇÕES PRIVILEGIADAS

A soja e seus derivados, especialmente o farelo, gozam de um forte privilégio. Depois dos acordos do GATT (Acordos Gerais de Tarifas e Transportes) no início dos anos 60, realizados principalmente em função dos Estados Unidos, decidiu-se que os norte-americanos aceitariam o modelo protecionista da CEE descrito acima, porém, em troca, a CEE deveria adotar o modelo de consumo norte-americano (baseado na produção e consumo de derivados de animais, alimentados estes, por milho e soja). Para que isto acontecesse, a soja e seus derivados entrariam nas fronteiras da CEE sem taxaçaõ alguma ou com uma fraca taxaçaõ (na verdade somente o óleo vem sendo taxado entre 8% e 15%).

Esta decisão faz com que o consumo de soja e especialmente do farelo na CEE aumentassem rapidamente e de forma constante até o início dos anos 80.

O Brasil, aproveitando uma cláusula existente no GATT que não permite a exclusividade de um país produtor sobre o mercado externo, passa a exportar para a CEE sem sofrer as taxaçaõs. Nossas exportações terão

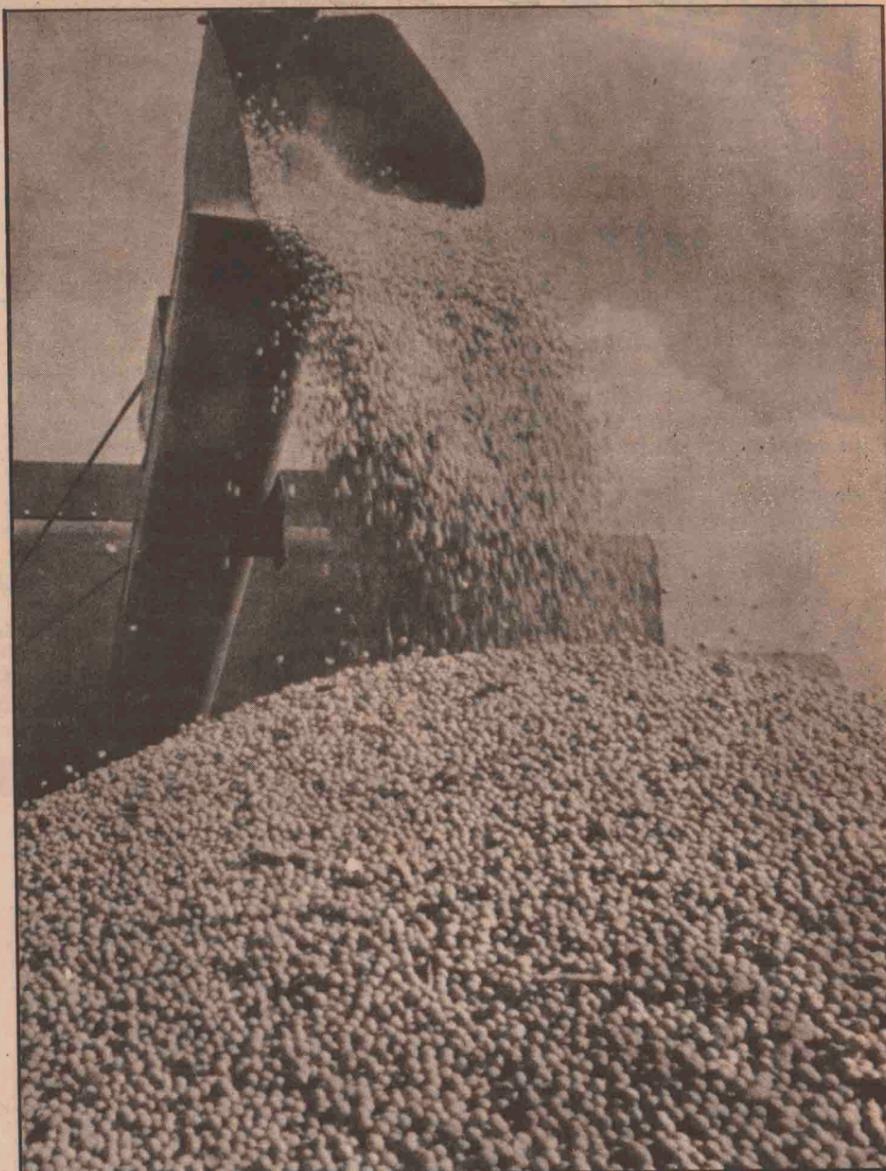
um avanço considerável, especialmente depois do embargo da soja norte-americana contra a CEE em julho de 1973. Assim, em 1984/85 a CEE importou 12,6 milhões de toneladas de farelo de soja, sendo 47% originárias do Brasil. Considerando que as exportações médias brasileiras deste produto giram em torno de 8 milhões de toneladas, temos então que 75% de nossas exportações de farelo de soja se dirigem para a CEE aproveitando o forte impulso de consumo e da não taxaçaõ na fronteira européia. Isto demonstra igualmente nossa forte dependência para com este mercado consumidor. Dependência esta que se agrava no seio da CEE na medida em que 43% (2,6 milhões de toneladas de farelo em 1985) destas exportações brasileiras se dirigem essencialmente para a França. Por que a França tem este "privilégio"? O Brasil seria capaz de arrumar outros consumidores se a França diminuir suas importações em função da forte produção interna de oleoproteaginosas que se desenvolve atualmente neste país europeu?

## CRISE ECONÔMICA: A PAC EM TRANSIÇÃO

Esta realidade no interior da CEE nos fornece o outro lado da moeda. Com o passar do tempo, o FEOGA foi se tornando deficitário, pois se exportava mais do que se importava. A tal ponto que hoje, um dos principais produtos agropecuários importados, e praticamente o único de peso, é o grão de soja e seu farelo. Justamente dois produtos que gozam de livre acesso na CEE.

Assim, a pressão interna de uma parte dos países membros, especialmente os que produzem oleoproteaginosas como a França ou os que são mais industrializados do que agrícolas como a Grã-Bretanha, é na direção de se buscar uma solução ao déficit orçamentário do PAC realizando uma reforma completa de sua estrutura. Entre as propostas formuladas está a taxaçaõ da importação de oleaginosas e produtos substitutos de cereais (PSC) como a mandioca e a glicose de milho (dois produtos muito utilizados nas rações para animais na Europa em substituição ao trigo produzido internamente). Isto permitiria a arrecadação de recursos aos cofres do FEOGA, além de um forte estímulo à produção e consumo das oleoproteaginosas produzidas internamente (especialmente a colza, o girassol e a ervilha proteaginosas).

Em meados de fevereiro passado a CEE parece ter dado o primeiro passo neste caminho. Mais precisamente no dia 15/02/87 a Comissão Européia, reunida em Bruxelas, decidiu recomendar a instauração de uma taxa de 2.280 francos franceses (1 franco igual a 3,5 cruzados aproximadamente) por tonelada sobre os óleos vegetais importados ou produzidos na CEE. Esta taxa, que é ainda um pequeno passo é verdade, mas na direção considerada como desejada por uma boa



Modificações no mercado consumidor europeu de soja

parte de países membros, foi calculada com base na soja, escolhido como produto piloto. Ela é igual a diferença entre os preços médios verificados entre 1981 e 1985 e o preço de 1986. Assim, para a soja, grosso modo, se chegou a uma taxa que equivale a 85% do preço atual. Da forma como foi estabelecida ela permitirá um ganho de 13,8 bilhões de francos franceses aos cofres do FEOGA.

Nos resta saber agora como os Estados Unidos e mesmo o Brasil reagirão a esta decisão. Embora, em nosso caso, a política de mercado exterior em função da soja parece não existir, se consolidando apenas como uma acomodação às flutuações e contratempos deste mercado. Fato aliás, que se confirmado, viria dar importância ainda maior a nossas preocupações aqui levantadas.

Pelo sim e pelo não, o fato é que o mercado da CEE está sofrendo mudanças consideráveis e que ele hoje, além de estagnar seu consumo, passa a ser uma forte concorrente no mercado exportador de soja e oleaginosas em geral (em 1984/85 a CEE exportou 4,6 milhões de toneladas de farelo de soja).

## OLEAGINOSAS: UM MERCADO SATURADO A MÉDIO PRAZO

Este movimento do lado de consumidores como a CEE somado às projeções de produção mundial de oleaginosas para 1987, nos dão um quadro de saturação no mercado internacional destes produtos.

Segundo o Departamento de Agricultura dos Estados Unidos, a produção mundial de oleaginosas em 1986/87 (outubro/setembro) deverá chegar a 196,47 milhões de toneladas, isto é, um aumento de 1% em relação a 1985/86 mas de 10,5% sobre a média de 1982/85. Os estoques finais deverão atingir 29,92 milhões de toneladas, sendo 23,04 milhões de soja, dos quais 59% de soja norte-americana. Os preços no mercado internacional evidentemente não serão nada bons, como aliás vem sendo a tônica nestes últimos anos.

E hoje a questão, como acabamos de ver, não se resume mais unicamente num problema de superprodução. O lado consumidor se transforma e passa a provocar uma reestruturação mundial deste mercado de oleaginosas.



**COTRIEXPORT**  
CORRETORA DE SEGUROS LTDA.

■ Na realização de Seguro de Vida, Acidentes Pessoais, Incêndio, Automóveis e outros, procure orientação junto a nossa Corretora de Seguros.

■ Sem qualquer despesa adicional, prestaremos as informações para uma correta cobertura e taxa de seu seguro.

EM IJUÍ - Rua das Chácaras, 1513 - fone 332-2400 - ramal 364  
EM PORTO ALEGRE - Av. Júlio de Castilhos 342 - 5º andar  
Fone 33-50-32

# A Constituinte cooperativa

\* Walter Frantz

O cooperativismo brasileiro vem desenvolvendo um esforço por conseguir o seu espaço na lei maior do País — a nova Constituição. As cooperativas agrícolas, filiadas à Fecotriço, através de sua Constituinte Cooperativa, elaboraram as suas propostas de texto constitucional e as encaminharam a Brasília. Em reunião plenária, dia 15 de abril, após estudos feitos por uma comissão especial, foi aprovado o texto final, que no dia 23 de abril foi entregue ao próprio presidente da Assembléia Nacional Constituinte, o deputado Ulysses Guimarães. O texto final coincide, quase na íntegra, com o texto elaborado pela Ocergs, também já encaminhado. E não poderia ser diferente, pois as posições dos diferentes segmentos do cooperativismo devem se somar no encaminhamento de suas reivindicações de propostas. O que importa são as idéias e não as palavras. Todos os segmentos e cooperativas juntos são bem mais fortes que separados. O que interessa às bases do cooperativismo é a união e os resultados positivos dessa união.

Em Brasília continuam os esforços por parte dos representantes do cooperativismo, no sentido de deixar claro aos nossos Constituintes a importância do apoio à organização cooperativa, através de sua inclusão na lei maior do País. Uma vez realizado esse objetivo, devemos dirigir nossos esforços no sentido da discussão da lei ordinária e de um estatuto padrão do cooperativismo.

Todos os delegados Constituintes, com o apoio dos representantes, líderes e funcionários do departamento de educação cooperativa da Assessoria do Desenvolvimento de Recursos Humanos, devem promover uma discussão sobre a nova lei cooperativa e o estatuto padrão. Essa discussão poderá ser feita juntamente com o estudo e o debate do estatuto da Cotrijuí. Em reunião de Representantes, no dia 5 de dezembro de 1986, foi decidido que em 1987 se fizesse uma discussão sobre o estatuto da cooperativa, nas bases, objetivando o seu melhor conhecimento e, se necessário, sua atualização. Pois bem, chegou o momento de se fazer essa discussão, ampliando-a para o âmbito da própria lei cooperativa, contribuindo para o seu aperfeiçoamento. Todos devem participar, pois a todos atinge e a todos deve interessar. A mesma discussão deverá ser feita junto aos funcionários da cooperativa.

A discussão da nova lei e do estatuto padrão, a nosso ver, deve iniciar pela discussão do que vem a ser uma cooperativa, a sua organização e administração. Temas como capitalização, participação, estrutura do poder e democracia, direitos e deveres dos associados, fazem parte desse debate. Os delegados constituintes devem recolher essas contribuições para se orientar na elaboração final das propostas de lei cooperativa e estatuto padrão a serem encaminhados nos próximos meses aos órgãos competentes.

Essas discussões podem parecer supérfluas ou repetitivas para alguns.

Porém, por se tratar de aspectos da organização sócio-econômica das pessoas, é preciso uma constante revisão de seus princípios, reavaliando a sua validade e adaptando-os à dinâmica dos fatos da vida social. O mundo das pessoas não é feito de coisas acabadas ou perfeitas, mas precisa ser, continuamente, construído e nessa construção, a participação não se toma supér-

ARTIGO — Fica assegurada às sociedades cooperativas a liberdade de constituição e de registro, atuação em todos os ramos da atividade humana, livre administração, autocontrole, acesso aos incentivos fiscais, formação do seu órgão de representação legal e a mais ampla proteção e incremento de suas atividades.

ARTIGO — O sistema cooperativo é organizado com base nos princípios da gestão democrática e ausência de fins lucrativos.

ARTIGO — É vedado a União, aos Estados, ao Distrito Federal, e aos Municípios instituir tributos sobre o ato cooperativo, assim considerado aquele praticado entre o associado e a cooperativa, e/ou entre cooperativas associadas, na realização de serviços, operações ou atividades que constituem o objeto social.

ARTIGO — Compete aos estados o exercício supletivo de legislar em matéria de Direito Cooperativo.

ARTIGO — O Poder Público fomentará e apoiará as atividades das cooperativas e o ensino do cooperativismo.

flua. As pessoas precisam participar como sujeitos dessa história, contribuindo para a melhora constante da vida. Essa é uma obra de gerações, que precisa da participação de todos, sem a visão apenas individualista, mas

com a percepção de que todos somos beneficiados pelo que os outros souberam fazer por nós.

Walter Frantz é assessor de Desenvolvimento em Recursos Humanos da Cotrijuí na Regional Pioneira.

## SUBSÍDIO DO TRIGO

### Transferência de responsabilidade

talvez por estar pressionado pela realidade dos fatos e já sem defesa ante o irrefutável argumento dos números, o governo foi forçado a tomar uma atitude em relação ao subsídio do trigo importado. Porém, contrariamente ao que era esperado pelos técnicos e pessoas descomprometidas com o lobby do trigo, seu gesto não foi decisório e muito menos definitivo. Ele apenas adotou um gesto político, repassando a responsabilidade de uma decisão, que era sua, para o Congresso Nacional. É provável que a atitude lhe renda dividendos políticos pessoais, mas a nação irá carregar, ainda por mais tempo, um ônus que cada vez se revela mais pesado para suas forças.

A afirmação foi feita pelo diretor do Departamento de Comercialização do Trigo — CTRIN, Nilo Fensterseifer, ao comentar a decisão do governo de enviar à Câmara, projeto de retirada

do subsídio ao trigo. O técnico, que na edição anterior do nosso jornal já havia analisado a questão, voltou a afirmar que a adoção do subsídio teve origem em decisão política do governo, em 1972, com objetivo de encobrir os índices da inflação, que já se revelavam.

Ele estranha que em vez do governo de hoje repetir o de 1972, eliminando o subsídio também com um ato político, tenha se valido do poder legislativo, transferindo, portanto, responsabilidade que lhe pertence. Além de não ser da responsabilidade do legislativo, há ainda outro entrave que pode prolongar o debate da questão, tornando-o talvez indefinido. O Congresso — lembra Nilo Fensterseifer — está dedicado neste momento aos assuntos da Constituinte, e só muito parcialmente irá se dedicar a análise do subsídio do trigo.

#### PRODUTOR PREJUDICADO

O industrial Lawrence Pih, do grupo empresarial Pacifico, de São Paulo, em declarações que fez ao jornal O Interior, da Fecotriço, é ainda mais cético. Segundo ele, "se depender desse Congresso, populista e fisiológico, o subsídio do trigo, além de não ser retirado, corre o risco de aumentar ainda mais".

Ele aconselha que a luta contra a manutenção do subsídio seja encabeçada pelos próprios triticultores, "que são os maiores prejudicados por esse sistema". Afirma que os produtores estão algemados, na atual circunstância, e rebelam-se contra a compra estatal do trigo.

O industrial, que também opera na área moageira, defende um sistema de livre comércio, pois acha "que o produtor teria condições de obter melhores preços, dentro da concorrência natural que se estabeleceria".



## HOSPITAL BOM PASTOR S/A.

### Um serviço COTRIJUI à comunidade

#### QUADRO DISCRITIVO DOS PROFISSIONAIS DA SAÚDE QUE ATUAM NA REDE HOSPITALAR BOM PASTOR COM OS RESPECTIVOS CREDENCIAMENTOS

I J U Í			
MÉDICOS	Especialidade	Credenciado para consulta em:	Credenciado para internação em:
Auro Heuser	Cirurgia geral	Cassi, Unimed, Ipe, Particular	Inamps, Cassi, Unimed, Ipe, Ac. Trab. e Particular
Edson Gonçalves da Silva	Ginecologia e Obstetrícia	Unimed, Particular	Unimed, Particular, Inamps
Jorge L. V. Montardo	Pediatria	Cassi, Unimed, Ipe, Particular	Inamps, Cassi, Unimed, Ipe e Particular
José A. Leszczynski	Radiologia	- o -	- o -
Marco Tulio S. Duarte	Clínica Geral	Cassi, Unimed, Ipe, Particular	Inamps, Cassi, Unimed, Ipe, Particular
Maria Inês Ellwanger	Ginecologia e Obstetrícia	Cassi, Unimed, Ipe, Particular	Inamps, Cassi, Unimed, Ipe e Particular
Mário Walter Michel	Ortopedia e Traumatologia	Unimed, Cassi, Particular	Inamps, Cassi, Unimed e Particular
Marlene Hubert	Dermatologia	Unimed, Cassi	Unimed, Cassi, Inamps, Particular
Nilton F. da Silva	Gastroenterologia	Cassi, Unimed, Particular	Cassi, Unimed, Inamps, Particular
Sidney Dambroz	Anestesiologia	- o -	Unimed, Cassi e Particular
Mauro Antonio Massafra	Urologista	Cassi, Unimed, Particular	Cassi, Unimed, Inamps, Particular
Maria Joice Reck de Jesus	Nutricionista		

# CALENDÁRIO

## Os novos preços

Já estão em vigor os novos valores para os preços mínimos de diversos produtos agrícolas, inclusive o do trigo. Os novos valores foram reajustados de acordo com o IPP — Índice de Preços Pago pelo Produtor — na ordem de 11,57 por cento. Esses reajustes resultaram dos aumentos nos fertilizantes — 14,72 por cento —, dos agrotóxicos — 11,85 por cento —, das máquinas agrícolas — 23,91 por cento —, e dos combustíveis — 28,06 por cento.

Para a região Sul, os novos valores são os seguintes: para o milho Cz\$ 136,80; para o sorgo Cz\$ 115,80; o arroz sequeiro Cz\$ 214,20; o arroz irrigado Cz\$ 208,50; para o feijão



Trigo: Cz\$ 301,20

Cz\$ 509,40 e para a mandioca Cz\$ 558,39. O preço do trigo na região Centro-Sul passou a saca de 60 quilos, dos atuais Cz\$ 270,00 para Cz\$ 301,20.

## Programa de matrizes

A Cotrijuí concede o adiantamento para a aquisição das matrizes e o produtor faz o pagamento em suínos. Esta é uma nova proposta que já começa a ser colocada em prática entre os associados da unidade de Tenente Portela. Três produtores — Dealmo Schneider, de Gamelinha; Arlindo Walk, de Miraguaf e Mário Paludo, de Perpétuo Socorro — serão os responsáveis pela produção de matrizes a serem comercializadas entre os associados interessados em fazer parte desse cooperado. Essas matrizes serão originárias de cruzamento de fêmea Wessex com macho Landrace ou Large White. As fêmeas aptas serão cruzadas com Duroc.

Os associados interessados em participar deste novo programa deverão procurar o departamento técnico da unidade de Tenente Portela para proceder a sua inscrição. A Cooperativa, por sua vez, segundo o técnico Jorge Schiffer, o responsável pelo programa, vai se comprometer em conceder ao cooperado o

adiantamento necessário para a aquisição das matrizes, considerando o preço de mercado e ainda mais 20 por cento. Exemplificando melhor: para uma matriz de 100 quilos, a uma cotação de Cz\$ 13,00 o quilo, a Cooperativa vai adiantar um valor total de Cz\$ 1.560,00.

O associado, no entanto, se compromete, no prazo de um ano, de entregar mais 30 por cento do preço do peso/valor adiantado em suínos terminados. Isso significa que o valor adiantado de Cz\$ 1.560,00 corresponde, pela cotação de hoje, a um suíno de 120 quilos. Ele vai acrescentar mais 30 por cento sobre esses 120 quilos que vai fechar em 156 quilos, quantidade física para o pagamento do adiantamento, que deverá ser multiplicado pelo preço do dia da entrega do suíno. O pagamento será efetuado em uma única parcela. Todo o suíno será recebido com preço específico, em função de sua classificação. Na liquidação vão incidir como descontos o Funrural e a taxa de capitalização.

**ALHO**

## O resultado da pesquisa no CTC

Foram avaliados no Centro de Treinamento da Cotrijuí, localizado em Augusto Pestana, 15 genótipos de alho, sendo que cinco foram submetidos a vernalização. O caráter peso do bulbo revelou ser importante componente do rendimento final. O tratamento do bulbo com frio, determinou incremento no grau de perfilhamento e na redução do número de dias a maturação.

A partir de 1985 verificou-se um contínuo incremento na produção de alho na Região Pioneira da Cotrijuí. Tal fato aconteceu em decorrência dos bons preços obtidos pelo produto a nível comercial. Entretanto, o aumento de produção foi obtido basicamente pelo aumento da área cultivada, uma vez que o rendimento médio da região estabilizou-se em torno de 3.000 quilos por hectare, sendo considerado baixo com aqueles obtidos em outras regiões do país.

Muitas dificuldades impedem o aumento da produtividade, e entre elas estão relacionadas ao mau uso e manejo do solo, adubação deficiente, plantio em época e espaçamento inadequado; deficiente controle de pragas e moléstias e ainda a falta de novas cultivares com adaptabilidade.

A obtenção de uma cultivar com características de alto potencial de rendimento de bulbos e estabilidade de produção requer a introdução e avaliação de genótipos, procurando relacionar aquelas com constituição genética ajustada ao sistema de produção adotado pelos agricultores da região. Com estes objetivos, a condução dos ensaios de competição visam selecionar cultivares com comportamento superior em produção e caracteres de importância agrônoma superiores às cultivares comercialmente cultivadas na região.

### MATERIAL E MÉTODOS

O ensaio foi organizado e preparado pela Estação Experimental de Caçador, da Empasc — Empresa de Pesquisa Agropecuária de Santa Catarina e conduzido pela Cotrijuí no Centro de Treinamento, localizado no município de Augusto Pestana, em 1986. Foram avaliados 20 tratamentos, sendo 11 deles materiais procedentes da Empasc — Cará, Seleção Dourado, Seleção Gigante 10, Seleção Gigante 20, Seleção Caçapava, Peruano, Tupamaro, Contestado, Seleção Caçador 10, Seleção Caçador 20, Seleção Quitéria). Destes, cinco materiais (Tupamaro, CF = com frio; Contestado CF; Seleção Caçador 10 CF; Seleção Caçador 20 CF e Seleção Quitéria) foram submetidos ao processo de vernalização — processo que compreende a permanência durante 33 dias a uma temperatura de 3/7°C —. Outros quatro materiais cultivados na região (Portela I, Portela II, Gauchinho e Quitéria RS), também foram incluídos mas não submetidos ao processo de vernalização.

O ensaio foi instalado em solo da Unidade de Mapeamento Santo Ângelo (latossolo

Roxo Distrófico) e arranjados em blocos completamente casualizados, com quatro repetições. As parcelas eram constituídas de quatro fileiras de 1,5 metros de comprimento, espaçadas em 0,25 metros, com uma área útil de 0,75 metros quadrados, correspondendo as duas linhas centrais. Cada fileira era composta por 15 plantas, espaçadas em 10 centímetros na linha.

A adubação foi composta por 7 toneladas de esterco de galinha, 5 toneladas de composto orgânico e mais 300 quilos de super triplo por hectare, sendo esta fertilização complementada com uma cobertura de 100 quilos por hectare de uréia aos 78 dias após o plantio. A área experimental foi mantida livre de invasoras através de capinas manuais. O plantio foi realizado manualmente em 8 de maio de 1986, sendo os bulbos tratados com fungicida PCNB 75% (10 gramas por quilo) no momento do plantio. Foram realizadas as seguintes determinações:

- 1 — Planta/metro quadrado: contagem do número de plantas da parcela por ocasião da colheita e transformando em plantas/metro quadrado.
- 2 — Maturação: número de dias após o plantio quando 90% das plantas atingiram o estágio de maturação.
- 3 — Estatura da planta: altura média das plantas quando atingiram o máximo de crescimento, determinado em centímetro.

4 — Perfilhamento segundo a escala: não perfilhado; 25% das plantas perfilhadas; 25-50% das plantas perfilhadas; 50-75% das plantas perfilhadas; mais de 75% das plantas perfilhadas.

5 — Moléstias segundo a escala: sem infecção; até 5% da folha atacada; 5-25% da folha atacada; 25-50% da folha atacada e mais de 50% da folha atacada.

6 — Peso do bulbo: peso médio do bulbo após toalete, em gramas.

7 — Rendimento do bulbo: produção expressa em quilos por hectare para a área colhida, após 50 dias de armazenamento.

Os dados foram submetidos à análise de variância, utilizando-se o teste F para detectar significância entre os tratamentos. Com base na média (X) e no desvio padrão foram identificados os genótipos de manifestação superior (X + T) e inferior (X - T).

**RESULTADO E DISCUSSÃO**

Os dados de rendimento de bulbo e demais caracteres avaliados (Tabela 1) indicam variação no comportamento dos genótipos avaliados. A média de produção de bulbos do experimento foi de 5.907 quilos por hectare, com manifestação superior para o caráter analisado dos genótipos Seleção Caçador 10 CF (9.527 quilos por hectare); Seleção Gigante 20 (9.336 quilos por hectare); Seleção Gigante 10 (9.004 quilos por hectare); Seleção Dourado (8.511 quilos por hectare) e Seleção Caçador 20

(8.502 quilos por hectare). Os mesmos genótipos revelaram também comportamento superior para o caráter peso do bulbo e menor número de dias de maturação (precocidade) em relação a média do experimento, evidenciando ser importantes componentes na determinação do rendimento final.

Os genótipos — Seleção Caçador 10 CF; Seleção Caçador 20 CF; Tupamaro CF; Seleção Quitéria CF e Contestado CF — que sofreram vernalização evidenciaram menor número de dias até a maturação e maior grau de perfilhamento, revelando que o tratamento com frio influiu de forma significativa nestes caracteres aferidos. Por outro lado, o Seleção Caçador 10 CF e o Seleção Caçador 20 CF, foram identificados como superior em rendimento do bulbo, evidenciando que o alto grau de perfilhamento revelado pelos mesmos não influiu de forma significativa na produtividade. Entretanto este caráter poderá determinar baixa qualidade do produto final.

Jorge E. F. Zambra — Técnico Agrícola, Pesquisador do Centro de Treinamento da Cotrijuí.  
Francisco Salla — Engenheiro Agrônomo, Supervisor de Olericultura, Departamento Técnico Cotrijuí.  
Luiz V. M. Viau — Engenheiro Agrônomo M. Sc. Pesquisador do Centro de Treinamento da Cotrijuí.

Tabela 1 — Características agrônomicas e rendimento de bulbo (kg/ha) do ensaio de alho. Centro de Treinamento da Cotrijuí. Augusto Pestana (RS). 1986.

Cultivar ou Linhagem	Plantas/m2	Mat (dias)	Est. (cm)	Perf. (1-5)	Alter. (1-5)	FF (1-5)	Peso Bulbo (g)	Rendimento de Bulbo (kg/ha)
Sel Caçador 10 CF	42S	184	40	5	3	1	23S	9527S
Sel Gigante 20	34	163I	50	1	4	1	27S	9336S
Sel Gigante 10	34	166I	50	1	4	1	27S	9004S
Sel Dourado	38	167I	30	1	4	2	22S	8511S
Sel Caçador 20 CF	39	184	35	5	3	1	22S	8502S
Portela I	39	194S	30	1	2	2	20	7475
Tupamaro	37	185	40	4	2	1	20	7378
Sel Quitéria CF	37	172I	40	5	4	2	19	6949
Contestado CF	35	185	35	4	3	1	20	6843
Cará	30I	161I	50	1	4	3	22S	6519
Peruano	38	172I	30	5	3	2	17	6419
Sel Caçapava	34	199S	35	1	1	2	17	5876
Contestado	35	199S	40	1	2	1	14	4872
Portela II	37	199S	30	1	2	2	11I	3935I
Sel Quitéria	37	208S	40	1	2	1	10I	3506I
Sel Caçador 10	37	214S	35	1	3	1	9I	3418I
Gauchinho	33	163I	40	1	3	4	10I	3293I
Tupamaro	26I	204S	38	1	2	1	9I	2407I
Sel Caçador	39	187	35	1	3	1	6I	2217I
Quitéria RS	36	208S	40	1	3	2	6I	2124I
Média (X)	36	186	—	—	—	—	17	5907
Desvio Padrão (T)	4	7	—	—	—	—	4	1747
CV %	11	3	—	—	—	—	17	21

S — Superior por adição de um desvio padrão (T) em relação a média geral (X)  
I — Inferior por subtração de um desvio padrão (T) em relação a média geral (X)



Pela primeira vez os colonos elaboram o seu próprio seguro

Um seguro rural que cubra os prejuízos dos agricultores é o projeto que está sendo defendido pelo deputado estadual Adão Preto, do PT. De caráter nitidamente estadual, o Seguro Rural em caso de perdas, faria o pagamento direto, através de depósito na conta do agricultor, deixando o uso dos recursos a sua livre escolha. O pequeno agricultor, poeta e ex-sindicalista de Miraguá acredita que o projeto deverá ser votado ainda em maio.

# O seguro do agricultor

Como uma alternativa em relação ao Proagro, que é um seguro do banco, e para estimular realmente a agricultura, mais de 15 sindicatos de trabalhadores rurais do Alto Uruguai elaboraram o projeto de Seguro Rural gaúcho que é defendido pelo deputado estadual Adão Preto, do PT. Com o objetivo principal de minimizar os riscos de perda da produção, o Seguro Rural cobriria o custo total da lavoura, incluindo desde os insumos com as sementes e adubos até o maquinário e mão-de-obra do agricultor. Para o deputado petista, "o Seguro daria mais segurança para o agricultor investir, pois ele saberia realmente qual é o custo da sua produção".

Ao contrário do Proagro que é centralizado em Brasília, o Seguro Rural tem a característica da regionalização, ou seja, o seu funcionamento se daria a partir de órgãos e entidades locais. Desta forma, em cada região, agrônomos, cooperativas, sindicatos e a companhia de seguros, seriam responsáveis pelos cálculos do Valor Real Médio do Custo de Produção de um hectare, de cada uma das culturas a serem seguradas. Este custo, que só não inclui a terra e o lucro, seria a parte segurada quando ocorressem sinistros e calamidades, como secas e enchentes. Além disso, a contribuição

do agricultor ou "prêmio", também deveria ser calculado sobre o valor real médio de custeio da região. Baseado em um planejamento racional de desenvolvimento da agricultura, que se apóia no crédito rural, assistência técnica e seguro rural, o projeto do Preto quer proporcionar um incentivo para a estabilidade do homem na terra, através da recuperação da produção diversificada no Estado.

## FUNCIONAMENTO

A operacionalização do Seguro Rural, segundo o projeto, inicia com o estabelecimento de dois tipos de seguro, sendo apenas um deles obrigatório para certas culturas, como uma taxa de 4,5 por cento do VMR. Já o outro, que é destinado para outras culturas e que o agricultor só fará se quiser, teria uma taxa de 6 por cento sobre o valor do VMR. O Seguro obrigatório cobriria somente algumas culturas, como o trigo, a soja, o milho e o feijão. No entanto, o trigo e o feijão, consideradas culturas de alto risco, só estariam seguradas, se os produtores fizessem seguros para as culturas de baixo risco, ou seja, o milho e a soja. Mas, o projeto prevê também, que outras culturas, a uva e o arroz, também possam ser seguradas.

Quanto a extensão da cobertura do Seguro Rural, o projeto exclui apenas as perdas provocadas por pragas ou ervas-daninhas, e caso as perdas da lavoura fossem parciais, o Seguro cobriria somente a parte perdida. Por exemplo, o agricultor que tivesse 30 por cento da sua safra perdida, teria direito a uma indenização correspondente a este valor do seguro. Mas, se o agricultor se sentir prejudicado, poderá dentro de um prazo determinado recorrer a um Fórum Municipal de Reclamações, que teria a função de arbitrar as disputas em relação a amplitude dos sinistros, dizendo, através de um outro laudo, quem errou e determinou o pagamento correto da indenização. Segundo o projeto de Preto, este Fórum seria formado por todos os setores envolvidos com os sindicatos, cooperativas e prefeitura.

## SEGURO GAÚCHO

Em relação aos recursos de manutenção do Seguro, o projeto original diz que deve ficar a cargo da Companhia União de Seguros Gerais, da qual o maior acionista é o Governo do Estado, isto porque, segundo o deputado, a taxa de corretagem no valor de 10 por cento que é cobrada pelas se-



Adão: "o projeto não é tudo, mas é um passo a mais para o agricultor permanecer na terra"

guradoras particulares poderia ser carregada para a formação de um fundo inicial, denominada "Fundo de Seguro Rural". A Companhia de Seguros, no entanto, ao arrecadar o dinheiro, não ficaria com o valor em caixa, e sim faria um outro seguro no Banco Central. Desta forma, o Seguro seria garantido pelo Banco Central, através do Instituto de Resseguros do Brasil, IRB, e caso as perdas ultrapassassem os recursos do IRB, a própria União é quem cobriria o orçamento.

## VOTAÇÃO

O projeto do Seguro Rural foi apresentado na Assembléia Legislativa no dia nove de março e já no dia 12 ele entrou em discussão no plenário, para no dia 17 entrar em discussão nas comissões competentes. Atualmente o projeto está na Comissão de Constituição e Justiça, devendo passar também pelas Comissões de Agricultura e Pecuária e Comissão de Finanças e Planejamento, para depois, então ser votado em plenária.

No próximo dia 12, ocorre uma discussão na Comissão de Agricultura e Pecuária, onde participarão o presidente da Companhia Seguradora do Estado de São Paulo, Angelo Gemignini e o diretor da Cosesp, João Domingos Vieira, que explicarão o funcionamento do seguro em São Paulo. Além da Cosesp, participam da reunião a Comissão de Agricultores do Interior, formada pelos Sindicatos de Trabalhadores Rurais, o Movimento dos Sem Terra e o Movimento dos Assentados, a Fetag, a Fecotrigo e a Secretaria da Agricultura. Contando com o apoio de parlamentares, o projeto está com a sua votação um pouco atrasada por causa da greve do funcionalismo, mas, pode ser votada ainda este mês, como acredita o deputado Adão Preto.

## Vontade política

Para ampliar a idéia de um seguro rural que atenda as necessidades do agricultor, o projeto de Adão Preto foi buscar ainda um reforço nas experiências paulistas. Em São Paulo, a área de seguro agrícola que trabalha desde 1943 com bons resultados, recebeu uma incrementação em 1983, pois até esta época, o seguro protegia apenas três culturas, a do algodão, da banana e da videira. Naquele ano, no entanto, o Governo do Estado, através da Companhia Seguradora do Estado de São Paulo resolveu ampliar o seguro para mais 38 culturas, produzidas na sua grande maioria por pequenos e mini produtores. O funcionamento e a eficiência do seguro paulista tem a sua origem principalmente na inexistência da intermediação do corretor.

Assim, a comissão que seria paga ao corretor é depositada num fundo do Banco do Estado, o Banespa, de onde saem os recursos para o pagamento de indenizações aos agricultores. Desta forma, mesmo que o Seguro tenha um saldo deficitário, o Estado não precisa desembolsar nenhum valor. Um exemplo disto ocorreu em 84 e 85, quando a Cosesp conseguiu arrecadar apenas 15,5 bilhões de cruzados e teve de pagar 31,5 bilhões em indenizações, com recursos do próprio fundo.

## DIFERENÇAS

O próprio presidente da Cosesp, Angelo Gemignini, faz questão de ressaltar que o seguro paulista é fundamentalmente diferente do Proagro, uma vez que o produtor é quem

decide o que fazer com a indenização. Além disso, o agricultor também pode assegurar os investimentos feitos com os seus próprios recursos, sendo o valor básico de custeio, calculado pela Cosesp. Com uma taxa que varia de acordo com o investimento feito na lavoura, o seguro da Cosesp exige ainda que os produtores tenham suas lavouras conduzidas, mas para isto, a Secretaria da Agricultura do Estado, através da Casa do Agricultor, faz gratuitamente, o acompanhamento técnico, assim como presta serviços extras solicitados pelos produtores. Para a implantação de um seguro semelhante a este, o presidente da Cosesp pensa que basta apenas vontade política do governo, pois o Rio Grande do Sul tem a estrutura necessária para isto.



SUPLEMENTO INFANTIL

ELABORADO NA ESCOLA DE 1º GRAU FRANCISCO DE ASSIS - FIDENE IJUI

Coordenação Maria Aparecida Pereira Mendes

## Os 30 anos da Cotrijuí

Em 30 de julho, a Cotrijuí completa seus 30 anos de atividades. É uma rica experiência de organização cooperativa que merece ser comemorada. O significado e a importância da experiência da Cotrijuí, em todos os sentidos — para os associados, região e até para a economia do Estado e país —, fala por si. Não são os argumentos que vão provar a sua validade. Quem viveu "os tempos", sabe do significado e da importância de tudo o que se fez nesses 30 anos de organização cooperativa através da Cotrijuí.

A comemoração da data será de tal forma que os festejos se traduzam numa oportunidade de crescimento, de aprendizagem para todos. É a partir da experiência da Cotrijuí, que devemos aprofundar o processo de organização da população com vistas à construção de uma sociedade cada vez melhor e mais justa.

### AS COMEMORAÇÕES

• **A nível de Unidade** — Cada Unidade deve organizar a sua comemoração de acordo com o quadro geral de comemorações da Regional e da Cotrijuí. Sugestões que podem ser seguidas como possíveis atividades:

- Feira de Produtos Coloniais;
- Encontro de Integração entre associados, familiares e funcionários das Unidades.
- Painel com os associados e funcionários mais antigos para debater a história da Unidade;
- Atividades esportivas — Afucotris —;
- Participação no Programa de Rádio e no Cotrijornal.

• **A nível de Região Pioneira** — Pesquisa sobre cooperativismo, envolvendo alunos a partir da 5ª série das escolas de cada município. A intenção não é o de fazer concurso de redação, mas se estimular o estudo, a pesquisa da prática do cooperativismo, através de:

- entrevistas sobre aspectos históricos de pessoas de idade que conheçam a história cooperativa do local ou município;
- pesquisa de documentos e outras fontes históricas;
- pesquisa sobre a história da produção: diversificação e monoculturas, entre outros.
- principais problemas da agropecuária regional e suas soluções.

Os alunos até a 4ª série poderão participar, apresentando desenhos e historinhas com os mesmos motivos. É evidente que esse trabalho todo depende em muito da orientação e do apoio dos professores. O trabalho deverá ter caráter educativo e não publicitário.

### OS CRITÉRIOS

A própria escola deverá fazer a seleção, enviando um trabalho por série à Unidade. Esta, por sua vez, deverá reunir todos os trabalhos enviados pelas escolas do município e, juntamente com representantes, funcionários, associados, professores — em caso de pesquisa — e um representante da equipe de Recursos Humanos da Cooperativa, escolher um por série da Unidade/Município.

Não haverá primeiros lugares, mas premiação aos participantes finalistas. A premiação poderá ser uma visita ao Centro de Treinamento da Cotrijuí ou ao Museu Antropológico Diretor Pestana, da Fidene. Os melhores trabalhos deverão ser publicados no Cotrisol/Cotrijornal.

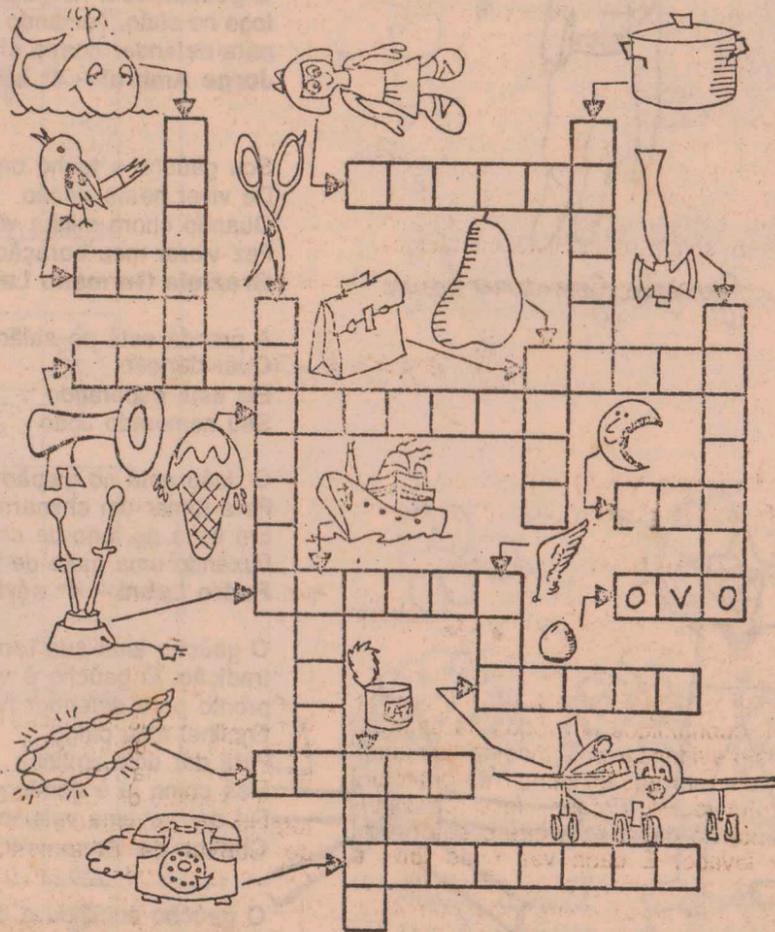
• **Painel** — Deverá ser organizado um painel sobre Cooperativismo com a participação de representantes do sistema — OCB, Ocergs, Senacoop —, de pesquisadores, autoridades, entre outros.

A coordenação dos festejos referente aos 30 anos da Cotrijuí está a cargo de uma comissão formada pela direção e área de Desenvolvimento de Recursos Humanos.

## Passatempo

### FIGURAS DIRETAS

Escreva o nome de cada figura na direção indicada pela seta. Um nome já foi encontrado e marcado pra você como exemplo.





Verônica Bueno



Paulo Gilberto



Léia da Cruz



Pedro Leoni



Marilei Pereira



Leandro Taborada - 7 anos  
Esc. Francisco de Assis

# Página do leitor

Os trabalhos mostrados este mês são dos alunos da Escola Municipal Cristóvão Colombo, da Vila São Pedro, Coronel Bicaco. São alunos da 2ª a 4ª série, alunos da professora Terezinha Germano. Tem, também, alguns desenhos dos alunos da 1ª série, da Escola Francisco de Assis, de Ijuí.

Na hora preciosa  
Tomando chimarrão  
Na roda o gaúcho  
Dançando vanerão.  
Marilei Pereira - 9 anos - 2ª série

## O GAÚCHO

O gaúcho do Rio Grande do Sul gosta da tradição, aprecia um bom churrasco e fandango de galpão, onde tem cachaça na guampa misturado com limão; se for servido pela mão de uma chinoca, ele aceita com educação.  
Jossane Barcelos Bueno - 10 anos - 3ª série.

O gaúcho está no galpão em roda do fogo no chão. Tomando seu chimarrão, para defender nosso chão.  
Jorge Amaral - 4ª série

Sou gaúcho e tenho orgulho  
De viver neste rincão  
Quando chora minha viola  
Faz vibrar meu coração.  
Graziela Germano Lauer - 2ª série

A prenda está no salão  
Quer dançar  
Ela está esperando  
Seu namorado João

O João está no galpão  
Para tomar um chimarrão  
Em volta do fogo de chão  
Puxando uma gaita de botão.  
Pedro Leoni - 4ª série

O gaúcho ama sua terra e cultiva a tradição. O gaúcho é valente e está pronto para defender nossa gente.  
Encilhei meu pingo  
Para dar uma voltinha,  
Mas como já é domingo  
Fui dançar uma valsinha.  
Clarice da Rosa - 4ª série

O gaúcho encilhou o cavalo  
Para dar uma voltada  
pois era hora de visitar a namorada.

O gaúcho riograndense  
É leal e corajoso  
Recebe os que chegam em paz  
É um homem respeitoso.

Dedicado às lidas do campo  
Criação de gado e outros  
Tem hábitos de bom gosto  
e se protege do inverno rigoroso.  
Paulo Gilberto - 4ª série

## GAÚCHOS

Gaúcho para ser gaúcho  
Não basta só tomar chimarrão  
Deve conservar em seu peito  
A chama da tradição.

Ser gaúcho significa  
Honrar sua tradição  
Quem é nascido no Rio Grande  
É gaúcho de coração

O gaúcho que é bonito  
Conquista o coração  
Tocando sempre alegre  
nas cordas do seu violão.  
Léia da Cruz - 12 anos - 4ª série.

Hoje em dia é diferente,  
O povo mudou  
E esqueceu nossa gente  
Aquele gauchada era valente.

O gaúcho é bonito  
E a prenda é faceira  
Dançando contente  
À luz da fogueira.

Reina a alegria  
Em nosso rincão  
E todos festejam  
O gaúcho e a tradição.  
Verônica Bueno - 4ª série

As prendas são bonitas  
E gostam de dançar com o vestido  
bem comprido  
que faz arrastar.

O gaúcho é sincero  
E cultiva a tradição  
Ele ama uma prenda  
Que mora no rincão.  
Marilei de Fátima Lima - 4ª série



Marilei de Fátima Lima



Laura Belato - 7 anos  
Esc. Francisco de Assis



Frederico Hartmann de Souza  
6 anos  
Esc. Francisco de Assis

## TROVA

Pedro - Nós somos dois amigos  
Duas estrelas que brilham  
Estamos aqui contentes  
Para a Semana Farroupilha.

Paulo - Para a Semana Farroupilha  
Com carinho e respeito  
Viva a nossa professora, a diretora  
E o prefeito.

Pedro - A nossa professora  
E toda a comunidade  
Uns estudam na São Pedro  
Outros estudam na cidade  
Talvez um dia estudaremos  
na Faculdade.

Paulo - Estaremos na Faculdade de carro ou de carroça  
Se não der para o estudo  
Podemos voltar para a roça.

Pedro e - Podemos voltar pra roça  
Paulo Pra nós é uma maravilha  
Nos despedimos cantando  
Para a Semana Farroupilha.

Pedro Leoni e Paulo Gilberto - 4ª série



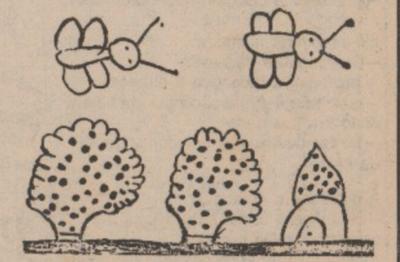
Clarice da Rosa

## Passatempo

10		70	80	90	100	110	120	130	140
10	20	30	40	50	60	70	80	90	100
10	20	30	40	50	60	70	80	90	100
10	20	30	40	50	60	70	80	90	100
10	20	30	40	50	60	70	80	90	100
10	20	30	40	50	60	70	80	90	100
10	20	30	40	50	60	70	80	90	100
10	20	30	40	50	60	70	80	90	100
10	20	30	40	50	60	70	80	90	100
10	20	30	40	50	60	70	80	90	100



João Francisco Della Flora  
6 anos  
Esc. Francisco de Assis



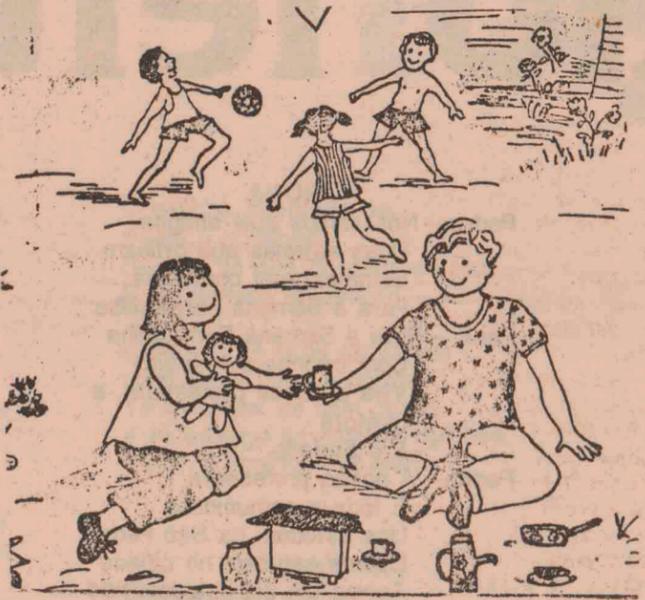
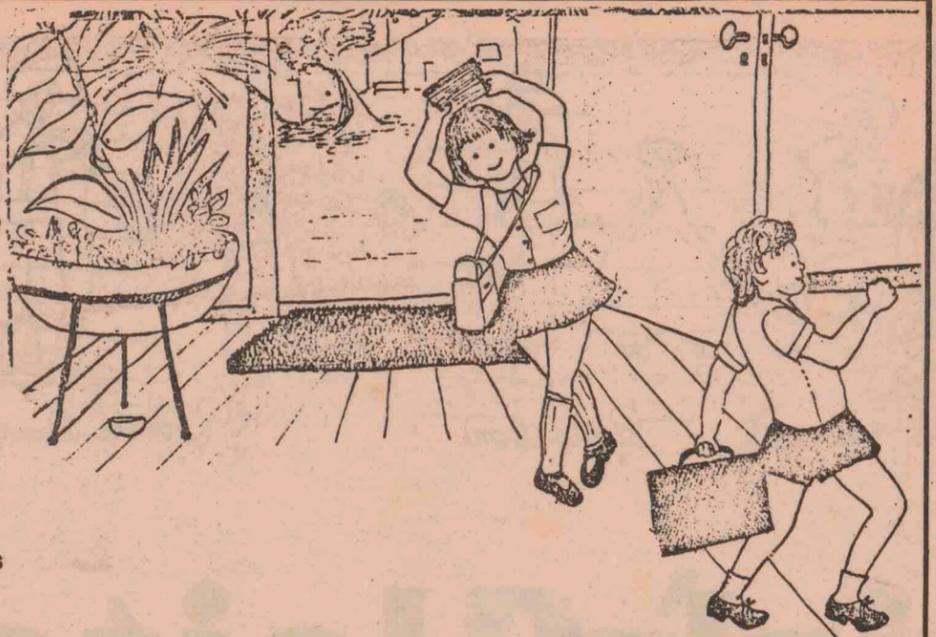
Theila Ledtelt - 8 anos  
Esc. Francisco de Assis

# Aninha e João

Pois é meus amigos, aqui estamos nós, novamente, para mais um contato mensal. Estamos mostrando para vocês a história de Aninha e João. É uma história linda, que conta como os adultos, às vezes com as melhores das intenções, tentam mudar o nosso jeito de ser. Quem é que disse que menina não pode brincar de carrinho e menino de boneca? Além disso, cada pessoa da casa tem que ter sua tarefa doméstica. Quem disse que os meninos não podem arrumar sua cama, ajudar na cozinha ou varrer a casa? Muitas mulheres trabalham junto com os homens na lavoura e nem por isso são meigas mulheres, pelo contrário, são exemplos de mulheres trabalhadoras. Por isso, a partir dessa história, que tal vocês fazerem um planejamento familiar, dividindo tarefas que devem ser feitas entre todas as pessoas da casa? Vamos tentar? depois nos escrevam contanto se deu certo. Um abraço. Cida.

A mãe de Aninha disse:  
— Meninas não sobem em árvores! Não é nada bonito!  
João subiu na mangueira.  
A mãe exclamou:  
— Que menino corajoso!  
A mãe ensinou para Aninha:  
— Menina boazinha deixa o que é seu arrumado!  
Depois que voltou do colégio, João fez os deveres, deixou os livros e cadernos espalhados em cima da mesa e foi brincar.  
A mãe riu:  
— Igualzinho ao pai!  
E pediu para Aninha:  
— Minha filha, arrume as coisas do seu irmão, por favor.  
Aninha foi brincar na rua depois do colégio.  
Esqueceu da hora, com o brinquedo tão bom, e chegou tarde em casa.  
A mãe brigou:  
— Menina não anda no escuro sozinha! Que absurdo!  
João também se atrasou.  
Quando entrou em casa, a lua apontava no céu.  
O pai disse para as visitas:  
— João já é um homenzinho! Não tem mais medo do escuro!  
Todos ficaram contentes.  
A mãe pediu para João ir na esquina, buscar laranjas.  
Ele perguntou:  
— Aninha pode ajudar? São muitas laranjas e se nós dois carregarmos, vão ficar mais leves.  
A mãe brincou:  
— Que é isso, João? Será que você não tem força para trazer as laranjas sem a ajuda de uma menina?  
João foi, trouxe as frutas, mas ficou com os braços doendo de tanto peso que carregou sozinho.  
A professora perguntou:  
— O que você quer ser quando crescer, Aninha?  
Ela responde animada:  
— Comandante de navio!  
A professora balançou a cabeça:  
— Isso não é profissão para meninas!  
João levou o dedo:  
— Eu também quero ser comandante de navio!  
A professora aplaudiu:  
— Muito bem, João, esta é uma profissão muito bonita!  
Aninha foi brincar de boneca no quintal.  
Chamou João para ser o pai da boneca.  
A mãe viu e explicou:  
— Ora, João, um homenzinho como você, brincando de casinha!  
Vá fazer uma coisa importante!  
E entrou para cuidar da casa.

Na volta do colégio, Aninha e João vinham correndo, tropeçaram numas ripas que estavam jogadas no meio da calçada.  
Aninha esfolou o joelho e João o braço. Chegaram em casa chorando.  
A mãe botou Aninha no colo e falou:  
— Coitadinha da minha filhinha! Vai passar já, já viu?  
A mãe foi buscar curativos.  
Tratando do braço do João e do joelho de Aninha, ia dizendo:  
— Que é isso, João? Chorando à toa? Homem que é Homem não chora por uma bobagem dessas!  
Não foi nada, já passou!  
A mãe chamou da cozinha:  
— Pare um pouco de pular corda, Aninha, e venha me ajudar a fazer o arroz!  
João veio também e quis fazer os bifés.  
A mãe aconselhou:  
— Aproveite o sábado, meu filho! Vá brincar!  
Aninha ficou zangada:  
— Que coisa mais enjoada é ser menina!  
Vestiu o paletó do pai, botou gravata e avisou:  
— Pronto! Agora sou um menino e meu nome é seu Máriô!  
A mãe botou a boca no mundo:  
— Que maluquice é essa, menina?  
Aninha estava firme:  
— Não quero mais ser menina! Meu nome é seu Máriô!  
O pai chegou em casa com o jornal embaixo do braço.  
Viu Aninha e riu demais:  
— Que é isso, minha filha?  
Aninha explicou:  
— Não quero mais ser menina! Meninas não podem fazer nada, só chorar! Não



é divertido!  
— E o que você quer fazer? — interessou-se o pai.  
Aninha respondeu:  
— Quero subir em árvores, não ter medo do escuro. Não quero ficar andando atrás do João, arrumando as coisas que ele espalha, e quero ser comandante de navio quando crescer!  
O pai pensou, pensou e perguntou:  
— Você sabe fazer essas coisas?  
Aninha respondeu:  
Comandante de navio, não sei se sei, mas sei subir em árvores, sei andar no escuro sem medo. Sei ajudar o João a carregar as compras e o João pode arrumar suas coisas. O pai chamou a mãe, conversaram de cochicho e depois disseram para Aninha:

— Pois vamos experimentar.  
Aninha correu para subir na mangueira: O pai preocupou-se:  
— E se você cair, minha filha?  
— O João também pode cair e ele sobe!  
— E se o bicho-papão pegar você no escuro? perguntou a mãe, meio rindo, meio séria.  
Aninha respondeu:  
— Ele pode pegar o João também!  
No feriado, João arrumou suas coisas e fez os bifés.  
Aninha arrumou suas coisas e fez o arroz.  
Os dois pularam corda e jogaram bola.  
Aninha deu um banho na boneca.  
João arrumou caminha para ela.  
Aninha tirou a gravata do pai, o paletó e guardou-os no armário.  
No dia seguinte, João e Aninha vestiram os uniformes e foram para o colégio.  
— Eu e Aninha vamos ser comandante de navio quando formos grandes. Quando o meu navio passar pelo dela, vamos OOMMMMM!!!  
UUUOOOOOMMMMM!!!!!!  
Todos os meninos e meninas gritaram:  
— Nós também! UUUOOOOOMMM!!!  
OOOOOOUUUUOOOOOMMM!!!!!!  
O pai arrumou suas coisas antes de ir para o trabalho.  
A mãe teve tempo de ler um livro engraçado.  
No jantar, ela trouxe para a mesa uma sobremesa enfeitada.  
O pai fez limonada.  
Aninha tirou a mesa, João varreu as migalhas que caíram no chão.  
Aninha e João tomaram conta da casa. Seu Francisco e Dona Laurinda foram ao cinema.

